

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO/DOCTORADO
MESTRADO EM LETRAS

LETÍCIA RIBEIRO SCHINESTCK

“SE A CARAPUÇA SERVIU...” – ESTUDO DE CASO SOBRE A
CULTURA DAS INDIRETAS E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO FACEBOOK

Pelotas
2015

Letícia Ribeiro Schinestsck

**“SE A CARAPUÇA SERVIU...” – ESTUDO DE CASO SOBRE A
CULTURA DAS INDIRETAS E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Orientadora: Profa. Dr. Raquel Recuero

Pelotas, Novembro de 2015.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S329s Schinestsck, Letícia Ribeiro
“Se a carapuça serviu...” Estudo de caso sobre a cultura das indiretas e a violência simbólica no Facebook. / Letícia Ribeiro Schinestsck. – Pelotas: UCPEL, 2015.
 190f.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2015. Orientador: Raquel Recuero.
 1. violência simbólica. 2.indiretas. 3. Facebook. 4.conversação mediada por computador (CMC). 5.representação online do self. I. Recuero, Raquel, or. II. Título.
 CDD 303.33

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho até aqui e a todas as pessoas que, de alguma forma, se envolveram nesta produção.

Aos meus pais Maria Isabel Ribeiro Schinestsck e Paulo Antonio N. Schinestsck, por estarem ao meu lado sempre, acreditando em mim muitas vezes mais do que eu mesma. Por me ensinarem o valor da ousadia na vida e na ciência, a correr atrás dos meus sonhos sem ter medo da queda. Obrigada pelo amparo e respaldo que sempre me deram. Sem vocês nada disso seria possível! Dedico a vocês cada linha deste trabalho, como singela forma de retribuir a presença e o apoio incondicional de vocês. Obrigada por acreditarem!

Agradeço ao meu companheiro fiel, Alexandre Porto Ferreira, pela paciência e por segurar a barra junto comigo, dividindo as angústias e alegrias de uma pós-graduanda. Obrigada por me incentivar, me escutar e refletir sobre os fatores mais loucos, mesmo não entendendo muito bem do que se trata. Isso abre a minha mente e me ajuda a ser uma pessoa mais crítica e a não desanimar tão fácil.

À Raquel Recuero, minha orientadora, que acreditou no meu trabalho mesmo quando eu estava “leticiando”. Obrigada por me despertar para este universo virtual. Hoje não me imagino fazendo outra coisa. Obrigada por acreditar em mim e me dar a chance de aperfeiçoar meus conhecimentos com tua orientação. O meu destino acadêmico foi traçado a partir de um campo que tu me fizeste deslumbrar. Hoje posso andar com minhas próprias pernas, seguir meu próprio norte. Mas a tua bússola foi fundamental para tudo isso.

Aos amigos e colegas que compartilharam seus conhecimentos comigo e contribuíram muito pra evolução e aplicação da pesquisa. Obrigada por ampliarem meus horizontes. Em especial, agradeço a Pricilla Farina Soares, Natália Giusti Radkte e Débora Sara Oliveira da Silva. Também destaco a participação de meus irmãos e agradeço por todos os minutos dedicados na mesa para tratar sobre meus temas e desafios de pesquisa.

a importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor [...] (NIETZSCHE)

RESUMO

O presente estudo busca discutir como a violência simbólica pode ser caracterizada e perpetuada através das “indiretas” no Facebook, isto é, a partir de construções implícitas, sutis e muitas vezes travestidas de humor e que ameaçam diretamente a representação online de cada sujeito. Traremos para a pesquisa conceitos como o de dominação simbólica e de *habitus*, sob a perspectiva de Bourdieu (1930), de estabelecidos e *outsiders* de Norbert Elias (2000) e da fronteira desenhada pelos próprios indivíduos designando superioridade e normas a partir de seus papéis sociais (GOFFMAN, 2013). A ideia é mostrar que a violência não se manifesta somente em atos físicos e explícitos, mas também pode ser encontrada nos discursos e escamoteada nas relações sociais, não sendo diferente no ambiente online. A partir das características da conversação mediada por computador (CMC) e dos públicos em rede (BOYD, 2007; 2010) trataremos questões sobre os rituais, a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) e particularidades da sociedade em rede (RECUERO, 2012) na qual estamos inseridos, levantando questionamentos que dizem respeito especialmente a construção da face (GOFFMAN, 2012) de cada sujeito. Ancorados em tais conceitos, escolhemos três páginas cujo uso das “indiretas” é frequente e selecionamos duas postagens de cada, totalizando seis publicações. Recorremos à metodologia da Análise do Discurso Mediada por Computador (CMDA) desenvolvida por Herring (2004; 2012; 2013) na tentativa de encontrar padrões capazes de indicar a manutenção da violência simbólica através da apropriação dos recursos oferecidos pela CMC, especialmente nas trocas instauradas no Facebook, de forma a considerar as peculiaridades deste contexto multimodal e os efeitos de sentido produzidos, disseminados e dissimulados pela “indireta”.

Palavras-Chave: Violência simbólica; Indiretas; Facebook; conversação mediada por computador (CMC); representação online do self

ABSTRACT

This study aims to discuss how the symbolic violence can be characterized and perpetuated through “hints”, on Facebook. In other words, “hints” are implicit and subtle constructions that, in many times, are also disguised as humor that threaten directly the online representation of each person. We will discuss in this research some concepts like: symbolic domination, habitus under Bordieu’s perspective, established and outsiders from Norbert Elias (2000) and the delineated border by the own people designing superiority according to their social roles (GOFFMAN, 2013). The idea is showing that violence doesn’t manifests itself just in physical and explicit acts, but it also can be found in the discourses and overlooked in the social relationships, not being different on the online environments. From the characteristics of computers’ mediated conversation and the publics in network (BOYD, 2007; 2010) we will focus on rituals, the online representation of self (BOYD e ELLISON, 2007) and some particularities of network society that we live in, making questions that deal with the construction of face (GOFFMAN, 2012) of each person. After mentioning the theoretical background of this dissertation, we have chosen three pages, which the use of “hints” is frequent and, after that, we selected two posts of each, totaling six publications. We consult the methodology of Mediated Discourse by Computer Analysis (MDCA) developed by Herring (2004; 2012; 2013). This reference is justified due to the necessity to find patterns that can indicate the maintenance of symbolic violence through the resources offered by MDCA, especially in exchanges introduced on Facebook, in order to considerate the particularities of this multimodal context the meaning effects produced, widespread and hidden by the “hint”.

Keywords: Symbolic violence; Facebook; Hints; conversation mediated by computer (CMC)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de <i>cyberbullying</i> no Facebook.....	28
Figura 2: Exemplo de <i>cyberbullying</i> no Facebook.....	29
Figura 3: Exemplo de <i>cyberstalking</i> no Facebook	30
Figura 4: Exemplo de <i>cyberstalking</i> no Facebook.	31
Figura 5: Exemplo de <i>online harassment</i> , no Facebook.	32
Figura 6: Exemplo de violência sistêmico-simbólica (SOARES, 2013) manifestada em memes de humor, no Facebook.	36
Figura 7: Exemplo de violência simbólica em memes do Facebook.	38
Figura 8: Comentário retirado de postagem da página “Apenas Homens 3.0”, no Facebook ..	44
Figura 9: Postagem retirado da página "Eu me chamo KéééHTLyN", no Facebook	44
Figura 10: Comentário retirado de postagem da página “Revoltados Online”, no Facebook..	45
Figura 11: Comentário retirado de postagem da página “Ajuda Luciana”, no Facebook.	45
Figura 12: Conversação retirada de publicação da página “Dicas do Dollynho”, no Facebook	47
Figura 13: Comentário retirado de postagem da página “Não Intendo”, no Facebook.....	48
Figura 14: Comentário retirado de postagem da página “Quer Café?”, no Facebook	53
Figura 15: Comentário retirado de postagem da página “Quer Café?”, no Facebook	53
Figura 16: Postagem retirada da página “Olha Só Kiridinha”, no Facebook	55
Figura 17: Postagem retirada da página “Português da Depressão”, no Facebook	56
Figura 18: Informação retirada de perfil de usuário do Facebook	57
Figura 19: Comentário retirado de página “Socialista de iPhone”, no Facebook	59
Figura 20: Comentário retirado de postagem da página “Apenas Homens 3.0”, no Facebook.	60
Figura 21: Atualização de status de Facebook de usuário.....	66
Figura 22: Comentário da atualização de status de usuário no Facebook.	67
Figura 23: Exemplo de <i>timeline</i> do Facebook e opções de perfil.....	70
Figura 24: Exemplo de "não-dito" retirado da página "Sarcasmo Feminino", no Facebook. ..	89
Figura 25: Exemplo de "indireta" retirada da página “Olha só Kiridinha”, no Facebook.	91
Figura 26: Exemplo de "indireta" retirada da página "Me odeia entra na fila", do Facebook ..	92
Figura 27: Exemplo de "indireta" retirada da página "Olha só Kiridinha", no Facebook.....	93

Figura 28: Exemplo de "indireta" retirada da página "Eu me chamo Kéééhtlyn", no Facebook	93
Figura 29: Print da página inicial de "Olha Só Kiridinha", no Facebook.	101
Figura 30: Print da página inicial de "Félix Bicha Má", no Facebook.....	102
Figura 31: Print da página inicial de "Dicas Dollynho", no Facebook.....	103
Figura 32: Print da Postagem 1, retirada da página "Olha Só Kiridinha".	105
Figura 33: Comentário retirado da Postagem 1.	109
Figura 34: Comentário retirado da Postagem 1.	109
Figura 35: Comentário retirado da Postagem 1.	109
Figura 36: Comentário retirado da Postagem 1.	111
Figura 37: Compartilhamento retirado da Postagem 1.	112
Figura 38: Comentário retirado da Postagem 1.	114
Figura 39: Comentário retirado da Postagem 1.	114
Figura 40: Compartilhamento retirado da Postagem 1.	115
Figura 41: Compartilhamento retirado da Postagem 1.	115
Figura 42: Compartilhamento retirado da Postagem 1.	115
Figura 43: Print da Postagem 2 retirado da página "Olha Só Kiridinha".	116
Figura 44: Comentário retirado da Postagem 2.	119
Figura 45: Compartilhamento retirado da Postagem 2.	120
Figura 46: Comentário retirado da Postagem 2.	121
Figura 47: Compartilhamento retirado da Postagem 2.	122
Figura 48: Compartilhamento retirado da Postagem 2.	123
Figura 49: Comentário retirado da Postagem 2.	125
Figura 50: Compartilhamento retirado da Postagem 2.	125
Figura 51: Print de eventos retirados da página "Olha só Kiridinha", no Facebook.	127
Figura 52: Exemplo de "indireta" fixada na camiseta da loja da página "Olha só Kiridinha".	127
Figura 53: Print da Postagem 3, retirado da página "Félix Bicha Má".	129
Figura 54: Comentário retirado da Postagem 3.	131
Figura 55: Comentário retirado da Postagem 3.	131
Figura 56: Comentário retirado da Postagem 3.	131
Figura 57: Comentário retirado da Postagem 3.	134
Figura 58: Comentário retirado da Postagem 3.	134
Figura 59: Comentário retirado da Postagem 3.	134

Figura 60: Comentário retirado da Postagem 3.....	134
Figura 61:Comentário retirado da Postagem 3.....	134
Figura 62: Comentário retirado da Postagem 3.....	134
Figura 63: Compartilhamento retirado da Postagem 3.....	136
Figura 64: Compartilhamento retirado da Postagem 3.....	137
Figura 65: Print da Postagem 4 retirado da página "Félix Bicha Má".	139
Figura 66: Comentário retirado da Postagem 4.....	142
Figura 67: Comentário retirado da Postagem 4.....	142
Figura 68: Comentário retirado da Postagem 4.....	142
Figura 69: Comentário retirado da Postagem 4.....	144
Figura 70:Comentário retirado da Postagem 4.....	144
Figura 71:Comentário retirado da Postagem 4.....	145
Figura 72:Comentário retirado da Postagem 4.....	145
Figura 73:Compartilhamento retirado da Postagem 4.....	146
Figura 74:Compartilhamento retirado da Postagem 4.....	146
Figura 75:Compartilhamento retirado da Postagem 4.....	147
Figura 76:Print da descrição da página "Félix Bicha Má".	148
Figura 77: Print da Postagem 5 retirado da página "Dicas Dollynho".	151
Figura 78:Comentário retirado da Postagem 5.....	155
Figura 79:Comentário retirado da Postagem 5.....	155
Figura 80:Comentário retirado da Postagem 5.....	155
Figura 81:Comentário retirado da Postagem 5.....	157
Figura 82:Comentário retirado da Postagem 5.....	157
Figura 83: Compartilhamento retirado da Postagem 5.....	159
Figura 84: Compartilhamento retirado da Postagem 5.....	160
Figura 85: Comentário retirado da Postagem 5.....	160
Figura 86: Compartilhamento retirado da Postagem 5.....	161
Figura 87: Print da Postagem 6 retirado da página "Dicas Dollynho".	162
Figura 88: Três principais comentários retirados da Postagem 6.....	167
Figura 89: Comentário retirado da Postagem 6.....	169
Figura 90: Comentário retirado da Postagem 6.....	169
Figura 91: Comentário retirado da Postagem 6.....	169
Figura 92: Comentário retirado da Postagem 6.....	169
Figura 93: Comentário retirado da Postagem 6.....	170

Figura 94: Compartilhamento retirado da Postagem 6.....	171
Figura 95: Comentário retirado da Postagem 6.....	171
Figura 96: Compartilhamento retirado da Postagem 6.....	172
Figura 97: Compartilhamento retirado da Postagem 6.....	172
Figura 98: Imagem retirada da comunidade do Orkut "O Dollynho é o Anti-Cristo!".....	174

LISTA DE ESQUEMA

Esquema 1: Descrição Semântica de uma língua L.....	78
Esquema 2: Nova proposta de Descrição Semântica.....	79
Esquema 3: Proposta de tipo específico de subentendido: a "indireta"	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quatro níveis da CMDA.....	99
Tabela 2: Inclusão do quinto nível da CMDA.....	100
Tabela 3: Sistematização dos dados da Postagem 1.....	106
Tabela 4: Sistematização dos dados da Postagem 2.....	117
Tabela 5: Sistematização da Postagem 1 e Postagem 2 a partir da CMDA	128
Tabela 6: Sistematização dos dados da Postagem 3.....	129
Tabela 7: Sistematização dos dados da Postagem 4.....	140
Tabela 8: Sistematização dos dados da Postagem 5.....	151
Tabela 9: Sistematização dos dados da Postagem 6.....	163

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 VIOLÊNCIA	17
2.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	19
2.2 VIOLÊNCIA ONLINE	24
3 CONVERSÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR (CMC).....	40
3.1 CONCEITO	41
3.2 CARACTERÍSTICAS DA CMC	43
3.3 TIPOS DE CMC: SÍNCRONA E ASSÍNCRONA.....	51
3.4 RITUAIS NA CMC	54
3.5 REPRESENTAÇÃO ONLINE DO <i>SELF</i> E ATOS DE AMEAÇA À FACE NA CMC	60
3.6 CONTEXTO NA CMC: MICROCONTEXTO E MACROCONTEXTO.....	64
3.7 CMC EM SITES DE REDES SOCIAIS	68
3.8 FACEBOOK	69
4 COMPONENTES LINGÜÍSTICOS PARA DUCROT E A CULTURA DAS “INDIRETAS”	73
4.1 ESTUDOS DE DUCROT.....	73
4.2 IMPLÍCITOS NA LINGUAGEM	76
4.3 A PRAGMÁTICA SEMÂNTICA DE DUCROT	77
4.4 ATOS ILOCUTÓRIOS	80
4.5 COMPONENTE LINGÜÍSTICO: OS PRESSUPOSTOS	83
4.6 COMPONENTE RETÓRICO: OS SUBENTENDIDOS	84
4.7 LEIS DE DISCURSO	86
4.8 “INDIRETAS” DENTRO DA PERSPECTIVA DE DUCROT.....	88
5 ESTUDO DE CASO DAS PÁGINAS “OLHA SÓ KIRIDINHA”, “FÉLIX BICHA MÁ” E “DICAS DOLLYNHO”	95
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	95

5.2 COMPUTER MEDIATED DISCOURSE ANALYSIS - CMDA	97
5.3 A PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”.....	100
5.4 A PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”	102
5.5 A PÁGINA “DICAS DO DOLLYNHO”	103
6 ANÁLISES	105
6.1 ANÁLISE DA POSTAGEM 1: “OLHA SÓ KIRIDINHA”	105
6.2 PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”: ANÁLISE DA POSTAGEM 2.....	116
6.3 PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”: ANÁLISE DA POSTAGEM 1 E POSTAGEM 2	125
6.4 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: ANÁLISE DA POSTAGEM 3	129
6.5 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: ANÁLISE DA POSTAGEM 4	138
6.6 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: POSTAGEM 3 E POSTAGEM 4.....	148
6.7 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: ANÁLISE DA POSTAGEM 5	151
6.8 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: ANÁLISE DA POSTAGEM 6	162
6.9 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: POSTAGEM 5 E POSTAGEM 6.....	173
6.10 KIRIDINHA, FÉLIX BICHA MÁ E DOLLYNHO	177
7 CONCLUSÃO.....	181
REFERÊNCIAS	184

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca identificar um tipo específico de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) manifestado em interações popularmente conhecidas como “indiretas” do Facebook¹. Entendemos a “indireta” como um tipo particular de “não dito” (DUCROT, 1987) que caracteriza a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e que é tão dinâmico quanto as conversações mediadas por computador (CMC) que nos dispomos a observar. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) existe e pode ser potencializada de acordo com o sujeito e o arcabouço cultural (ZANDWAIS, 1990) que dará – ou não – subsídios para que essa violência da “indireta” seja compreendida como uma ameaça à face (GOFFMAN, 2012), potencializando-a e reforçando o seu conteúdo.

Isso faz da “indireta” um efeito de sentido derivado do subentendido que é trabalhado na Pragmática Semântica de Ducrot (1987) e que é empregado através de discursos² que são capazes de eliminar qualquer tipo de responsabilização do emissor. Por sua vez, este é um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que parece fazer parte de uma prática eficaz, uma vez que a construção é implícita e não faz uso de nenhum recurso de marcação que possa identificar o “alvo” da “indireta”. Esse “alvo” parece existir, aparenta ter um destino – ou mais de um -, mas necessariamente possui uma direção. Essa direção não é clara e, por ser “indireta”, é capaz de disseminar muito mais facilmente os estigmas (BOURDIEU, 1930) culturalmente aceitos e naturalizados. Junto a isso, as características da CMC (BOYD, 2007; 2010) e dos públicos em rede permitem que tais trocas fiquem permanentemente visíveis e disponíveis para outros usuários neste ambiente temporal essencialmente alargado (RECUERO, 2012) e passível de ser encontrado por qualquer um que tenha acesso a ferramenta.

Propomo-nos a responder o seguinte questionamento: “De que forma as “indiretas” reproduzidas no Facebook podem caracterizar um tipo de violência simbólica que ameaça à face dos usuários?”. Escolhemos o Facebook como macro-contexto por ser uma ferramenta que agrega diferentes recursos da conversação mediada por computador (CMC) e por ser um site de rede social presente na vida de um número expressivo de brasileiros. O Facebook é

¹ Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

² Utilizamos o termo discurso como um conjunto de ideias organizadas por meio da linguagem de forma a influir no raciocínio e na percepção do ouvinte ou leitor. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso>>. Acesso em: 10 nov. 2015

uma plataforma que recebe todos os meses a visita de 92 milhões³ de usuários do Brasil, o equivalente a 45% de toda a população do país, o que indica a necessidade de desenvolver estudos relacionados a este ambiente.

Para isso, construímos o primeiro capítulo focado na questão da violência e de sua presença nas relações sociais. Utilizamos os conceitos de *habitus* e violência simbólica de Bourdieu (1930) e a definição de estabelecidos e *outsiders* cunhada por Norbert Elias (2000) para mostrar a dominação simbólica estabelecida entre os indivíduos e a categorização do mal em determinado tipo de pessoa (MINAYO, 1990). Discutiremos isso para mostrar que a violência nem sempre é física e se manifesta em atos, chegando ao que chamamos de Violência Online, onde especificamos alguns tipos de violência da internet junto a alguns exemplos retirados do ambiente online. O segundo capítulo será reservado aos fenômenos que envolvem a conversação mediada por computador (CMC), focando nas principais características e mostrando como a representação do sujeito é estabelecida nesse ambiente. Utilizaremos boyd⁴ (2007; 2010) para trabalhar os públicos em rede e Recuero (2012; 2014) para aprofundar questões como rituais, negociação de contextos e conversação nos sites de redes sociais de um modo geral e afunilando até o universo do Facebook. Veremos como o sujeito precisa se apropriar dos mecanismos disponíveis na CMC para construir uma representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), de modo que não contrarie o papel social (GOFFMAN, 2013) representado offline e sustente um espetáculo no ambiente online, contando com a contribuição e cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) para legitimar e validar o conteúdo e a face (GOFFMAN, 2012) assumida e/ou desejada.

No terceiro capítulo trabalharemos com Ducrot (1987) e sua teoria da Pragmática Semântica, direcionando as informações ao esclarecimento do componente linguístico e componente retórico, isto é, do entendimento do que o autor chama de pressupostos e subentendidos. A partir da definição de Ducrot (1987), e com base no que Zandwais (1990) afirma quando diz que apenas o que é dito pode ser contradito, buscamos uma aplicação particular do “não-dito” (DUCROT, 1987) ao contexto online, resultando no que chamaremos de “indireta”.

A partir dos conceitos trabalhados selecionaremos três páginas do Facebook e recortaremos duas postagens de cada página para análise. Nelas, tentaremos identificar de que forma o “não-dito” de Ducrot (1987) pode caracterizar a violência simbólica (BOURDIEU,

³Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>> . Acesso em: 08 nov. 2015.

⁴ Escrevemos boyd em letras minúsculas, pois é a forma como a autora registrou seu nome.

1930) e como os efeitos de sentido são utilizados para amenizar ou enaltecer determinados conteúdos. Assim, recorreremos à metodologia da Análise do Discurso Mediado por Computador (CMDA) desenvolvida pela linguista Susan Herring (2004; 2012; 2013) para encontrar padrões nos discursos produzidos exclusivamente através da mediação do computador, levando em consideração as peculiaridades deste contexto multimodal e com os sentidos apropriados em constante mutação. A ideia, assim, é apreender rastros nas interações que indiquem como a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) emerge pelo “não-dito” (DUCROT, 1987) e arrecada “alvos” através de uma prática tão corriqueira e que muito pode se confundir com humor e ironia, mas que tem em suas entrelinhas uma ameaça direta à face de outro usuário, apesar de não estar explicitada na conversação.

2 VIOLÊNCIA

Neste capítulo nos propomos a apresentar os conceitos de violência escolhidos para a pesquisa. A ideia é mostrar que o ato de violentar o outro não é referente somente ao gesto físico que agride explicitamente um sujeito e pelo qual comumente nos sentimos claramente ameaçados. Na verdade, há uma violência por trás das relações sociais que é dissimulada por causas mais explícitas, facilmente identificadas. Veremos como pode ser entendida a violência a partir de exemplos como subordinado e subordinador (ODÁLIA, 1985) e de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000). Tendo bem delineado que nem toda a violência ocasiona danos visíveis, utilizaremos a “fantasia maniqueísta” a que Minayo (1990) se refere para mostrar que a sociedade é quem determina os papéis “certos” e “errados” dos atores sociais. Isso, por sua vez, alimenta um sentido de superioridade entre os indivíduos, que passam a utilizar mecanismos diversos para categorizar e derrotar as capacidades simbólicas do outro (TAUSSIG, 1993) de forma tão natural que nem sempre é questionada. Assim será possível compreender a violência simbólica que trabalharemos sob a perspectiva de Bourdieu (1930), para observarmos a violência que circula especificamente no ambiente online.

A violência “é tão velha quanto o mundo” (DOMENACH, 1981, p.31) e nem sempre foi fácil entender o seu sentido, pois muitas vezes ele se encontra encoberto e/ou ofuscado por causas mais explícitas, que dispersam a atenção. Não há como estimar um período de origem da violência, porém, podemos utilizar exemplos históricos para contextualizá-la melhor. É o caso de Adão e Eva, história narrada pela Bíblia Sagrada⁵ e discutida por Odália (1985), que indica a insinuação da violência logo nas primeiras páginas e que quase nunca é vista como violenta. Deus estabeleceu as regras e as sentenciou de acordo com sua vontade. Para Odália (1985), a verdadeira fruição do Paraíso deveria iniciar neste momento, mas o que se percebe é que a consciência de uma situação é ligeiramente penalizada.

O homem e a mulher perdem seus direitos e privilégios, que desconheciam como tais, mas passam a ter a consciência de que as relações entre eles e Deus não eram entre iguais, mas entre semelhantes, o que permitia existir o subordinado e o subordinador. (ODÁLIA, 1985 p.30)

Neste caso, a violência não aparece somente na expulsão de Adão e Eva – ato explícito – e sim na imposição de regras e normas de conduta que minimizam e amesquinham

⁵ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblia>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

o indivíduo, sem que ele se dê conta disso – ato implícito. Assim a prática violenta só é parcialmente desvendada e, por não ser desvendada, frequentemente assume um papel de dominação entre desiguais. Vivemos em uma realidade social que sempre foi impregnada de violência, mesmo quando não manifestada em atos.

Minayo (1990, p.2) entende que a sociedade é colocada sob julgamentos e suspeitas permanentes. “Já se sabe de onde e de quem provém a violência. A construção imaginária da violência em nossa sociedade se alimenta de uma fantasia maniqueísta que fixa a origem do mal em certo tipo de pessoa”. Isto quer dizer que a própria sociedade determina os papéis de certo e errado, bem e mal e, desta maneira, cria um tipo de violência que é assimilada como comum e passa, portanto, despercebida nas relações sociais. Há o que Norbert Elias (2000) chamou de “estabelecidos e *outsiders*”, fruto de aproximadamente três anos de trabalho de campo em uma comunidade cujo nome fictício é Wiston Parva e que resultou na conclusão da existência de dois grupos desiguais que dividem o mesmo espaço, mas onde um está em posição mais conveniente para inferiorizar o que se encontra abaixo da representação de seu papel social.

Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração de estabelecidos-*outsiders* são compostos de seres humanos individuais. O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (ELIAS, 2000, p.37-38)

Desta forma, instaura-se um terreno fértil para que a violência, especialmente a simbólica (BOURDIEU, 1930), possa germinar e se desenvolver, mantendo a sua raiz forte o suficiente para sustentar o peso de um *habitus* (BOURDIEU, 1930) – veremos isso na sequência – historicamente perpetuado entre as culturas e as trocas sociais. Quando essa troca ou ato-pensamento denota ou estabelece distinção entre ou sobre ou outros, isto é, quando reproduz valores de indivíduos que se autoapresentam como humanamente superiores (ELIAS, 2000), caracteriza-se uma discriminação. E essa diferença:

Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes [...], os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude

específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros (ELIAS, 2000, p.19-20)

É esse julgamento que Taussig (1993) vê como parte de uma discriminação que é caracterizada pelo conteúdo de uma atitude interior. Tal atitude diz respeito a um sujeito que viola os atributos e os qualificativos em relação ao outro indivíduo, e, assim, determina “o funcionamento cognitivo e os *contactos* perceptivos de forma equivocada, cindida e traumática; portanto, pondo sempre à prova (ou derrotando) as capacidades e os recursos simbólicos do outro” (TAUSSIG, 1993, p.61). Essas determinações agem de forma implícita e auxiliam na disseminação de uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que veremos a seguir.

Antes, é válido lembrar que a violência, por mais que não se manifeste em atos e agrida diretamente a face de alguém, como veremos a partir de Goffman (2012), pode ser tão letal quanto o ato da violência física e, inclusive, gerar o sentimento de inferioridade naqueles que estigmatizaram e categorizaram como humanamente inferiores. Segundo Elias (2000):

A maioria das pessoas dispõe de uma gama de termos que estigmatizam outros grupos, e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e *outsiders*. “Crioulo”, “gringo”, “carcamano”, “sapatão” e “papa-hóstia” são exemplos. Seu poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação almejada por seu emprego tem o aval de um poderoso grupo estabelecido, em relação ao qual o do destinatário é um grupo outsider, com menores fontes de poder (ELIAS, 2000, p.27)

São termos que demonstram tipos de violências impostas, assimiladas e naturalizadas, constituindo as relações sociais com uma espécie de amarras “invisíveis” e direcionando os sujeitos a determinados caminhos pré-elaborados pelos sistemas dominantes. Trataremos disso na sequência.

2.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Para Bourdieu (1930), a violência simbólica deriva de um mecanismo de construção social voltado para a manutenção e perpetuação de valores simbólicos de uma determinada classe dita dominante a partir da assimilação e interiorização da cultura compreendida como ‘superior’. Esta violência, diferentemente da violência física, encontra-se, deste modo, imersa nas relações sociais e entrelaçada a formas invisíveis de coação que ganham suporte e apoio,

muitas vezes, em preconceitos e crenças coletivas. Trata-se de um processo de intervenção no arbitrário cultural, no qual a concepção cultural dos grupos e classes dominantes impõe a toda sociedade um direcionamento pré-determinado, mesmo que de maneira inconsciente. É um tipo “doce e quase sempre invisível” (BOURDIEU, 1930) de violência, pois é estabelecida pela linguagem que, por sua vez, está submetida a estratégias de discursos que criam efeitos de sentido (DUCROT, 1987) que amenizam o “dito” através dos efeitos das palavras.

Bourdieu (1930) explica que tal violência simbólica é resultante da reprodução de atores dominantes e representados em diferentes estruturas sociais, como familiar, escolar, religiosa, além das esferas que compreendem as instituições e o próprio Estado. A violência simbólica é assimilada e transmitida pela sociedade sem questionamentos, como uma verdade absoluta que não necessita de nenhum tipo de reflexão. O autor afirma que esse tipo de violência é fundamentalmente determinado por meios – “sistemas” – simbólicos de comunicação e de conhecimento, ou melhor, do desconhecimento e do reconhecimento. Esta violência suave acontece, de acordo com Bourdieu (1930):

[...] onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (BOURDIEU, 1930, p.25)

Desse modo, instaura-se uma relação de dominação e submissão camufladas, que não é identificada como violenta por sua falsa aparência natural e legítima. De acordo com o autor:

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais [...] a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante, quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, faz esta ser vista como natural (BOURDIEU, 1930, p.46-47)

É preciso que o sujeito que se encontra em posição inferior conceda ao outro o poder de dominação, isto é, “é um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1930, p.188). Ao encontro deste consentimento está o conceito dos

estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000) que discutimos anteriormente, no qual o autor afirma que:

um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. [...] Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder como meio de manter sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar a auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS, 2000, p.24)

Assim, percebemos que a perpetuação do poder simbólico (BOURDIEU, 1930) está incorporada no próprio imaginário coletivo. São forças produzidas e reproduzidas pelas estruturas, reafirmando as posições na hierarquia e superioridade entre os indivíduos. Bourdieu (1930) compara este fenômeno a um jogo, onde as reações dos jogadores são limitadas e reduzidas. Ou o indivíduo abandona o jogo – e isso atestaria a sua fraqueza – ou encara a luta na tentativa de elevar um pouco sua posição, aumentando o seu capital específico e amenizando os constrangimentos anteriores. Sobre o jogo, o autor explica que:

Ninguém pode lucrar com o jogo, nem mesmo os que o dominam, sem se envolver no jogo, sem se deixar levar por ele: significa isto que não haveria jogo sem a crença no jogo e sem as vontades, as intenções, as aspirações que dão vida aos agentes e que, sendo produzida pelo jogo, dependem da sua posição no jogo e, mais exatamente, do seu poder sobre os títulos objetivados do capital específico – precisamente aquilo que o rei controla e manipula jogando com a margem que o jogo lhe deixa. (BOURDIEU, 1930, p.85)

Outro aspecto fundamental para o entendimento da violência e do poder simbólico é a noção de *habitus*, também conferida por Bourdieu(1930). O termo foi cunhado para diferenciar alguns aspectos do subjetivismo e do objetivismo. Seria como uma ponte que liga as dimensões subjetiva e objetiva do mundo social. Algo situado entre a estrutura e a ação. Segundo o autor, o *habitus* se refere a um sistema de disposições, formas de sentir, de fazer, de pensar e também de perceber e que, por este motivo, induzem a comportamentos específicos em diferentes situações que envolvem os atores sociais. O *habitus*, então, é o que conecta o indivíduo à sociedade e é formado pelas condições de existência do mesmo, influenciando em suas formas de agir, compreender e sentir o mundo.

O *habitus* pode ser entendido como uma segunda natureza, relativamente independente, uma vez que se encontra historicamente presa ao indivíduo, isto é, vai sendo

adquirida ao longo do tempo, manifestada pelas culturas, representada pelos atores sociais, sem necessitar da consciência do sujeito em todo o processo. Na verdade é um procedimento natural e permanentemente em curso, exercendo sua força sem o controle do indivíduo. “É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção” (BOURDIEU, 1930, p.22). É válido lembrar que o *habitus* também é designado por um princípio de ação, que torna as estruturas alojadas no indivíduo permanentemente. A partir dessas estruturas criam-se práticas e representações que são autônomas e não demandam nenhum tipo de absorção consciente (BOURDIEU, 1930) nas duas transformações. São ações cotidianas que traduzem estilos de vida, valores coletivos e individuais, julgamentos políticos, morais, estéticos e etc.

Como podemos perceber, é pelo *habitus* que o indivíduo incorpora as ideologias e interioriza preconceitos determinados historicamente. Bourdieu (1930) explica que as estruturas sociais são portadoras da história individual e coletiva de uma maneira tão sutil que muitas vezes são ignoradas, como se não existissem. É isso que fornece a liberdade do agir sem pensar, ou seja, um processo no qual o sujeito não tem consciência e que o expressa com atitudes naturais e legítimas.

O *habitus*, então, é legitimado e naturalizado pelo sujeito, que o expressa em suas relações sem ao menos ter consciência disso. É neste sentido que o Facebook pode ser utilizado como um instrumento que possibilita visualizar essas trocas, uma vez que precisam tomar forma na rede e a ferramenta proporciona isso. Bourdieu (1930) discute um espaço de interação – o Facebook, no caso deste trabalho - que atua como um mercado linguístico. Trata-se de um ambiente pré-construído por um grupo que tem sua estrutura antecipadamente determinada, assim como a representação dos espetáculos que veremos a partir do pensamento de Goffman (2013). É necessário então entender como se dá a formação destas relações, quem são os excluídos (BOURDIEU, 1930) e quem se exclui.

Assim, há um mercado simbólico que impõe suas normas de forma que elas sejam interiorizadas naturalmente pelos indivíduos que as perpetuam e as disseminam nas suas trocas sociais, dando manutenção ao *habitus* dominante. Isto acontece segundo Bourdieu (1930):

Não só porque a autonomia, real, do campo de produção simbólica não impede que ele permaneça dominado, no seu funcionamento, pelos constrangimentos que dominam o campo social, mas também porque as relações de forças objetivas tendem a reproduzir-se nas relações de força simbólica, nas visões do mundo social que contribuem para garantir a permanência dessas relações de força (BOURDIEU, 1930, p.145)

É a manutenção, isto é, é a garantia da permanência do *habitus* que possibilita esse jogo de forças simbólicas que se constroem e se desconstróem nas mais diversas formas de comunicação e relações sociais entre os sujeitos. Nesse sentido, Bourdieu (1930) conceitua o *habitus* como uma interiorização de conhecimentos pelo indivíduo, isto é, pensamentos, valores, ideias e representações de mundo angariadas ao longo da história e de sua própria vida. São comportamentos cotidianos que se transformam em comportamentos culturais que nos dispomos a identificar a partir do discurso encontrado nas “indiretas” (DUCROT, 1987) reproduzidas pelos usuários através do Facebook.

Como vimos, é esse “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1930, p.7). São produtos simbólicos que funcionam como instrumentos de dominação e legitimação de poder, cultura, valores e etc. Para Bourdieu (1930):

As “escolhas” do *habitus* são perpetradas sem consciência ou coerção, em virtude das disposições que, embora sejam inquestionavelmente frutos dos determinismos sociais, são também constituídos fora da esfera do consciente e da coerção. A propensão a reduzir a busca de causas por uma busca de responsabilidades torna impossível perceber que a intimidação, uma violência simbólica que não está ciente do que ela é, só possa ser exercida sobre uma pessoa predisposta (em seu *habitus*) a senti-la, enquanto outras vão ignorá-las (BOURDIEU, 1930, p.191)

Quando, em seu *habitus*, a pessoa se mostra propensa, a dominação se legitima, gerando então uma violência simbólica. Bourdieu (1930) também entende tal legitimação a partir da linguagem, isto é, discute que são as palavras que legitimam as condições dos indivíduos em suas relações sociais, fortalecendo representações que possuam ou não algum tipo de violência e dominação. O consentimento de que fala o autor se aplica aqui, uma vez que “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1930, p.15). Desta forma, a violência simbólica se instaura através das práticas e representações ao mesmo tempo em que a linguagem fornece os elementos que dão sentido e significado às coisas, dividindo a fronteira desigual entre os indivíduos, por mais que esta linha que separa os dois não possa ser vista.

Vimos que violência simbólica se refere a todo ato de imposição simbólica, realizado através de significações incorporadas como legítimas e verdadeiras em determinado indivíduo ou sociedade. Trata-se de um conjunto de ações que insultam camufladamente o sujeito. O

jogo de forças travado entre *habitus* e atores sociais em suas relações é escondido, então, por essas práticas socialmente aceitas e perpetuadas. Também apontamos que o mecanismo de manutenção destas forças ‘invisíveis’ é instituído por um longo processo cultural de assimilação de sistemas de dominação e que são mascarados pela violência simbólica que também pode ser observada através da linguagem.

[...] não esqueçamos que a violência possui uma fecundidade própria; ela se engendra a si mesma. É preciso então, sempre analisá-la em rede, em entrelaçamentos. Suas formas de aparências mais atrozes e às vezes mais condenáveis, frequentemente ocultam outras situações de violência menos escandalosas, por encontrar-se prolongadas no tempo e protegidas pelas ideologias ou pelas instituições de aparência respeitável[...] (DOMENACH, 1981, p.36/37)

A partir do que foi exposto, pretendemos analisar essa violência em rede e na rede. O próximo tópico a ser discutido, então, será sobre a violência online, para depois entendermos mais detalhadamente o ambiente em que essa violência circula, através das particularidades da conversação mediada pelo computador (CMC).

2.2 VIOLÊNCIA ONLINE

Como vimos no tópico anterior, a violência simbólica encontra-se entrelaçada na linguagem e reproduz um *habitus* (BOURDIEU, 1930) historicamente determinado, naturalizado e perpetuado nas relações sem ao menos ser percebido pelos sujeitos.

A partir desses conceitos, buscamos bases para pensar o fenômeno da violência simbólica e do *habitus* que circula na CMC, levando em conta as especificidades da plataforma que, por oferecer um certo distanciamento, tende a suscitar um sentimento de liberdade, estimulando o indivíduo a externar suas opiniões, mesmo – ou principalmente – quando forem divergentes. A rede é aberta a todos e pode ser vista como mais um espaço para a violência se alastrar, além de incitar o sujeito a projetar fantasias e oferecer novos modelos de mente, como se a tela fosse um espelho que refletisse um outro espaço para aprender a viver em um mundo virtual (TURKLE, 1997). O reflexo de narciso⁶ agora é proveniente de uma tela, do digital.

⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso> Acesso em 22/08/2015

Com a mediação do computador, a linguagem passa a se constituir como fator fundamental na criação do sujeito na internet. Apesar de ser recheado de opções audiovisuais, imagéticas, *gifs*⁷ e *emoticons*⁸, a base da CMC ainda está na linguagem (HERRING, 2001). É preciso atentar para as questões características que envolvem o universo online, como o anonimato, a “buscabilidade”, a “replicabilidade” (BOYD, 2007) e tantas outras particularidades desta plataforma de comunicação e constituição de identidades que veremos no capítulo sobre a CMC. O que interessa, aqui, é mostrar que através da tela, é possível misturar significados, onde cada um é uma diversidade de partes, conexões e fragmentos. Entretanto, a representação do sujeito na internet é um assunto dinâmico e que ainda não tem base sólida para ampararmos fielmente nossas atitudes. O que é certo e errado ainda está sendo determinado pela rede e pelos que dela participam, embora muitos já dominem bem a perversidade da internet.

Muitos atos cometidos na internet podem ser classificados como frutos de violência explícita, visível. Mesmo assim, embora esta dissertação tenha seu foco na violência simbólica (BOURDIEU, 1930) reproduzida na internet pelas “indiretas”, também acreditamos ser relevante contextualizar os diferentes tipos de violência que têm surgido e têm sido classificados ao longo dos anos, independentemente da visibilidade e identificação do indivíduo violento. Assim como precisamos entender anteriormente como a violência manifesta-se nas relações sociais de forma explícita para observar a sua camada subjetiva, a violência simbólica online também precisa ser desvendada em seus atributos mais característicos, uma vez que já estão nomeados, categorizados e, portanto, legitimados como tipos específicos de violência na rede.

Iniciaremos falando de um dos pontos mais relevantes na questão da violência online: a possibilidade do anonimato e discutiremos brevemente alguns tipos de violência virtual, como *cyberbullying*⁹, *cyberstalking*¹⁰, *flaming*¹¹, *happy slapping*¹² e *online harassment*¹³. Também comentaremos o novo fenômeno chamado de *shaming*¹⁴ (“envergonhar”, traduzindo para o português) e algumas das práticas, humilhações e agressões surgidas diariamente na rede. Mostraremos o quão presente está a violência em discursos realizados em sites de rede social como o Facebook, objeto deste trabalho, pois

⁷ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Graphics_Interchange_Format>. Acesso em: 22 ago. 2015.

⁸ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

⁹ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cyberbullying>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cyberstalking>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹¹ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Flaming>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹² Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Happy_slapping>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹³ Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Harassment>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹⁴ Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Online_shaming>. Acesso em: 22 ago. 2015.

através dele é possível esconder-se por trás não só de palavras, como é o caso das “índiretas” desse trabalho, mas da existência e possibilidade de perfis falsos – *fakes*¹⁵ – criados para fins específicos, geralmente associado a algum tipo de violência.. Chamaremos de “agressor” o indivíduo que faz uso da rede a fim de reproduzir e potencializar o comportamento entre dominados e dominadores nas interações.

Segundo Slonje e Smith (2008), o agressor tende a se sentir mais livre quando age através da tecnologia. A exposição não é obrigatória para o agressor, viabilizando a permanência do anonimato. Em geral, quando se fala em violência online é comum associar diretamente ao *cyberbullying*, isto é, um *bullying*¹⁶ virtual. Junto a Slonje e Smith (2008), Li (2006; 2008) pontua alguns elementos para diferenciar o *bullying* realizado online e o off-line. São eles:

a) amplitude do público potencial. Quando alguém posta uma foto ou um vídeo com a intenção de ferir uma pessoa, o público-alvo desse material pode ser muito grande. Na agressão tradicional, os espectadores das agressões eram grupos menores; b) invisibilidade ou anonimato; a agressão digital não é necessariamente feita cara a cara perante a vítima. Portanto, o agressor pode se sentir menos culpado e, até mesmo, ignorar ou não tomar consciência das consequências causadas por suas ações. Sem resposta direta a seus atos, pode haver menos oportunidade para o remorso e para a intervenção ou solução do problema; c) em qualquer lugar e em qualquer momento; a mobilidade e a conectividade das novas tecnologias da comunicação permitem ultrapassar os limites temporais e físicos que marcavam a agressão tradicional; d) perene; o conteúdo digital usado na agressão armazena-os nos sistemas eletrônicos e não se perde; e) rapidez e comodidade; as novas tecnologias permitem que o *cyberbullying* se dissemine muito mais rapidamente, bem como seja mantido facilmente: cortar e colar mensagens; reenviar SMS a grupos [...] (SLONJE & SMITH, 2007, p.148, LI, 2006, p.159; LI, 2008, p.225)

Podemos encontrar esses cinco atributos citados acima em apenas um caso. Lembraremos um “*tuíte*”¹⁷ feito em 2013, destruindo publicamente a vida de uma jovem de 30 anos que, ao pensar que sua mensagem estaria “entre amigos” – 170 contatos, mais precisamente – fez uma piada antes de embarcar para sua viagem para a África do Sul. A frase “Estou indo para a África. Espero não pegar HIV. Brincadeira. Sou branca”, feita por Justine Sacco¹⁸, rendeu uma ação coletiva que disseminou o conteúdo considerado ofensivo enquanto a jovem ainda estava no voo. Somente ao desembarcar no aeroporto a consequência

¹⁵ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fake>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹⁶ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/tuite-e-tuitar-aportuguesamento-ou-derivacao-280665-1.asp>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

¹⁸ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/27/tecnologia/1427463790_681602.html>. Acesso em: 22 ago. 2015.

veio à tona. Isso custou seu emprego e até hoje repercute na rede. Isso mostra a amplitude e rapidez com que a informação se propaga e a capacidade de armazenamento e memória da internet que é capaz de manter vivas muitas histórias¹⁹ que querem ser apagadas.

Casos assim não raramente causam sentimentos de raiva e impotência, aguçando um poder do outro como superior que, inevitavelmente, atinge a vítima e sua vida, sendo passível e contribuindo para que a violência “encontre fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível” (SILVA, 2010, p.133). Cabe ressaltar que o Facebook já foi apontado como ferramenta para exercer o *cyberbullying*²⁰ ao mesmo tempo em que podemos perceber que a internet além de propagar a violência e deixa-la visível a qualquer um, é também apropriada como uma espécie de escudo (SCHINESTOCK, 2012) que é usado para proteger ao mesmo tempo em que externa a violência – simbólica ou não - a partir das apropriações e possibilidades das ferramentas.

Há também o que se chama de *cyberstalking*, uma ramificação do *cyberbullying* que se caracteriza pela perseguição dos indivíduos. “*Stalk*”, em inglês, significa “caçada”. Essa caçada, então, quando realizada pela internet normalmente é feita através de perfis falsos criados para seguir e importunar uma vítima com difamações, calúnias e acusações que podem gerar consequências físicas, apesar de terem sido praticadas em outro contexto. Utilizaremos dois exemplos para mostrar que a ofensa ganha contornos tanto na esfera online quanto na offline. Primeiro podemos citar o exemplo de Julia Gabriele²¹, uma menina que foi, aos doze anos de idade, amplamente hostilizada pelo tamanho de suas sobrancelhas nas redes sociais. No exemplo abaixo (Figura 1), percebe-se o teor de agressividade reproduzido nos espaços de interação.

¹⁹ A história de Justine Sacco e de outras pessoas que tiveram repercussão semelhante são contadas no livro “*So You’ve Been Publicly Shamed*” (“Então você foi envergonhado publicamente”, em português), de Jon Ronson. Disponível em: <<http://www.jonronson.com/shame.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

²⁰ Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1249720-facebook-e-uma-ferramenta-de-cyberbullying-diz-educador.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

²¹ Disponível em:

<<http://m.todateen.uol.com.br/souassimtt/entenda-caso-julia-gabriele-adolescente-brasileira-sofreu-cyberbullying/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.



Figura 1: Exemplo de cyberbullying no Facebook

Esse caso teve início na internet, diferente do caso de Mileni Moreira²² (Figura 2), que foi fotografada em uma situação offline que foi reproduzida e potencializada no contexto online. Esse é um tipo de violência já conhecido nas relações offline, as características são semelhantes, porém mediadas pela internet. São tantos casos que o governo estuda uma proposta de criar uma ferramenta capaz de filtrar conteúdos ofensivos²³, especialmente os relacionados a mulheres, negros, homossexuais e população indígena.

²²Disponível em:

<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/07/jovem-de-black-power-e-ironizada-na-web-nao-abaixo-cabeca-para-racista.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

²³Disponível em:

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/11/post-ofensivo-mulher-negro-lgbt-e-indigena-entram-na-mirado-governo.html?utm_source=twitter&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar>. Acesso em: 10 nov. 2015.



Figura 2: Exemplo de cyberbullying no Facebook.

Um sujeito persegue outro e parece estar “onipresente” na vida de sua vítima, fazendo questão de demonstrar que está no controle²⁴. Muitas vezes, os *stalkers* são motivados²⁵ por inveja, vingança, rejeição e as frustrações que atingem o próprio *stalker* em sua vida, como fracassos profissionais, status social e financeiro, etc. Exemplo de *cyberstalking* é a situação que ocorreu com a adolescente transexual que sofreu perseguição pelas redes sociais após um soldado vazar o seu registro de alistamento²⁶ militar no Facebook (Figura 3 e Figura 4).

²⁴ Disponível em: <<http://www.crime-research.org/library/Cyberstalking.html>> detalha a questão do stalker e seu controle sobre a vítima>. Acesso em: 22 ago. 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cyberstalking>> indica mais alguns motivos que influenciam os *stalkers* em suas perseguições>. Acesso em: 22 ago. 2015.

²⁶ Disponível em: <<http://www.buzzfeed.com/irangiusti/adolescente-transexual-sofre-ataques-virtuais-apos-se-alista#.qoVvjrrKR>>. Acesso em: 22 ago. 2015.



Figura 3: Exemplo de cyberstalking no Facebook

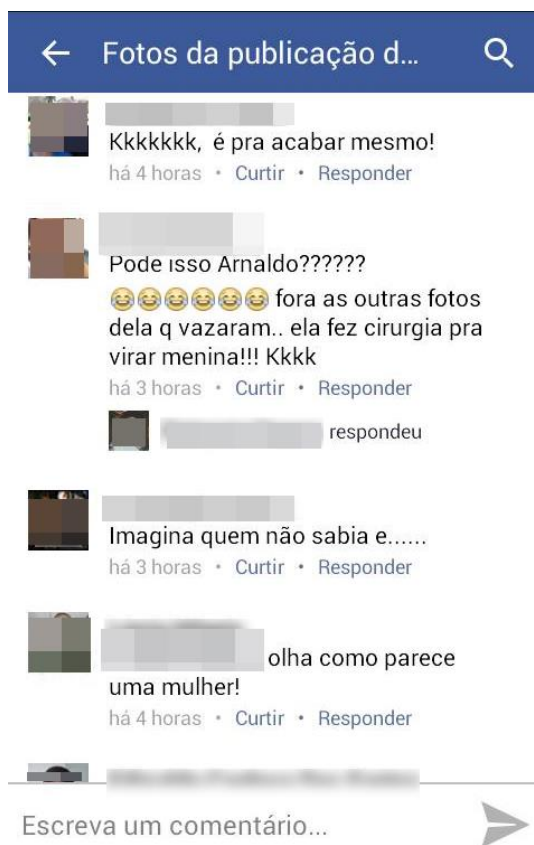


Figura 4: Exemplo de cyberstalking no Facebook.

O caso é recente, aconteceu no dia 23 de setembro de 2015 no 4º Batalhão de Infantaria Leve, em Osasco, São Paulo. Marianna Lively recebeu dezenas de ligações, mensagens em outras redes sociais, além de ter seus dados pessoais e fotos suas compartilhadas junto a mensagens transfóbicas. Ainda dentro da violência explícita está outro tipo de violência online, chamado de *flaming* (“chama, labareda”, em português). *Flaming* é o fenômeno em que os usuários se provocam com comentários hostis e agressivos, incitando os demais a se posicionarem, o que geralmente acaba sendo respondido com mais hostilidade ainda. De acordo com Wilard (2007), o *flaming* é o ato de usar a tecnologia para enviar mensagens grosseiras, com conteúdos negativos, vulgares e repletos de ódio e raiva. Os *flamers*, usuários que praticam este tipo de violência, não se mostram interessados em participar de um debate saudável e construtivo, apesar de divergentes.

Não há interesse em contribuir com nenhum assunto ou conteúdo, nem mesmo se mostram inclinados a defender algum ponto de vista. Na verdade, os *flamers* se manifestam para delimitar uma posição específica, geralmente a de superioridade, autoridade e supremacia perante outros usuários no contexto online, no caso desse trabalho, no Facebook. A valorização do próprio ego, a individualidade exacerbada, o orgulho teimoso ou apenas a diversão de observar a discórdia são algumas das motivações para “inflamar” as discussões.

Provocações sem justificativa alguma e que só demonstram desejo de desestabilizar os usuários são chamados de *trolling*²⁷ e também estão estreitamente ligadas ao *flaming*. Por fim, Wilard (2007) classifica mais alguns tipos de violência online, que abordaremos de forma superficial por não estarem inseridos diretamente em nossa proposta. Trata-se do online *harassment*, isto é, assédio online. Utilizamos o exemplo de outro episódio recente, ocorrido em agosto de 2015, onde o pai de uma menina de nove anos se fez passar pela filha no Facebook para ajudar a Polícia Civil de Juiz de Fora, Minas Gerais, a prender um homem de 40 anos por assédio e tentativa de estupro de vulnerável²⁸. O pai da menina viu a conversa entre a criança e o homem, que disponibilizou vários vídeos e fotos de sexo explícito de adultos com crianças, além das mensagens detalhando o que seria feito quando os dois se encontrassem.

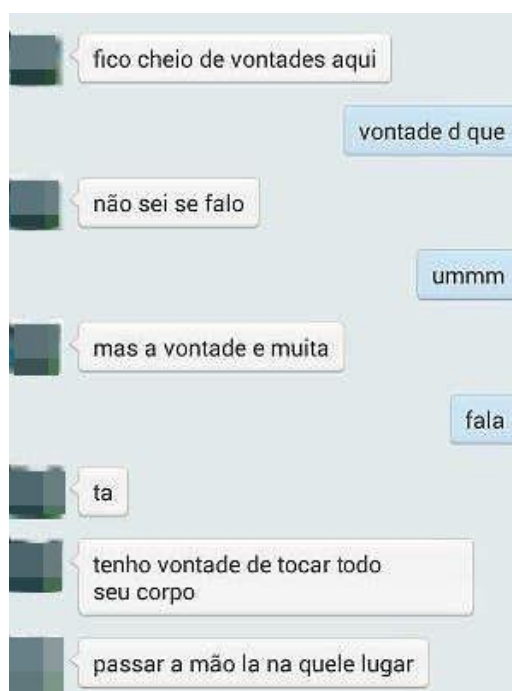


Figura 5: Exemplo de online harassment, no Facebook.

Apesar do nome não ser tão familiar, a prática do assédio na internet é muito comum. O instituto *Pew Research Center* divulgou um estudo²⁹ sobre o assédio na internet em 2014. Depois de ouvir 2.849 usuários americanos, a pesquisa concluiu que 27% dos usuários já foram xingados na internet, 22% já foram constrangidos de propósito na internet, 60% já

²⁷ O termo é derivado da expressão “*trolling for suckers*”, em português “lançando a isca para os trouxas”. É típico da violência causada pelo *flaming*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Troll>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

²⁸ Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/08/pai-finge-ser-filha-na-internet-e-ajuda-policia-prender-suposto-pedofilo.html>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

²⁹ Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2014/10/22/online-harassment/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

viram alguém ser xingado na internet e 53% presenciaram alguém sofrendo constrangimento na rede.

Sobre constrangimento, há o que chamamos de *shaming* (“envergonhar”, em português), uma ação coletiva que julga e humilha publicamente usuários que se encontram em situações fragilizadas, como foi o caso de Monica Lewinsky, que recentemente deu uma palestra no TED³⁰ com o título “O preço da vergonha”³¹ contando sobre como foi deixar de ser uma identidade “privada” e, do dia para a noite, ser julgada e humilhada publicamente e mundialmente. O caso aconteceu há 17 anos, mas até hoje tem repercussão, ressaltando a memória e o poder de armazenamento de conteúdos na rede. Durante a palestra, Lewinski (2015, online) acrescenta:

Vivemos em uma "cultura da humilhação" em que "emergiu um mercado no qual a humilhação pública é uma moeda e a desonra, uma atividade econômica. [...] Como se faz dinheiro? Com cliques. Mais vergonha, mais cliques. Quanto mais visitas, mais ganhos com publicidade. Ou seja, alguém está ganhando dinheiro com o sofrimento de outras pessoas.

Assim, parece que há uma cultura de superioridade que se instaura na rede, seja por um indivíduo sobre outro ou por um coletivo querendo fazer justiça com as próprias mãos. Certamente há inúmeros motivos que levam um sujeito a se comportar desta forma na internet. A editora de UOL Tecnologia, Juliana Carpanez, publicou conteúdos sobre o *shaming*, sobre as humilhações que ocorrem online em “Massacre na Internet”³². O material reúne experiências de diversas pessoas que tiveram a privacidade destruída pelos internautas e tiveram que lidar com o constrangimento público. “Nessa roleta russa, aquele mesmo fã dos seus vídeos de gato pode ser o responsável por disparar o gatilho, alertando ao mundo sobre a bobagem que você publicou” (2015, online). Desta forma, a violência online aparenta interferir de uma forma tão determinante na vida dos sujeitos contemporâneos que não raras vezes resulta em morte, em suicídio.

Isso acontece frequentemente com usuários principalmente jovens, mas não exclusivamente, como é o caso de Rose Leonel³³ que teve fotos íntimas publicadas na internet

³⁰ A palestra pode ser vista em: Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/monica_lewinsky_the_price_of_shame?embed=true>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³¹ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/22/estilo/1427018582_759554.html>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³² Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/humilhar-internet/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³³ Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2013/08/apos-fotos-intimas-pararem-na-web-mulher-diz-sofrer-preconceito-diario.html>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

pelo ex-noivo e hoje criou um projeto de lei para ajudar mulheres que sofreram com o mesmo crime. A hostilidade com que são tratados na rede é tão grande que a punição ocorre offline e é paga com a própria vida. Podemos apontar o caso do estudante norte-americano Tyler Clementi³⁴ que em 2010 se jogou de uma ponte por se sentir constrangido após um amigo divulgar o encontro dele com outro jovem. De 2010 para cá, muitos casos semelhantes têm acontecido. O problema é, como bem colocou Ronson (2015, online), que um floco de neve nunca se sente responsável por causar a avalanche. Assim aconteceu com uma menina de 13 anos que foi vítima da violência do próprio pai que, sem ter a noção da dimensão e poder da força coletiva, publicou um vídeo cortando o cabelo da filha como punição³⁵. O caso aconteceu em 05 de julho de 2015. Por causa de um vídeo de 15 segundos a adolescente teve a mesma decisão de Tyler Clementi e também se jogou de uma ponte, falecendo um dia após o ocorrido.

Aqui apresentamos algumas das muitas formas de como a violência pode ser manifestada na internet. Usamos alguns exemplos para mostrar o quão presente é a violência online na vida dos internautas. São violências explícitas que têm adquirido novos contornos, novas nomenclaturas e, especialmente, novas apropriações que vão se alterando dinamicamente, conforme as possibilidades da ferramenta usada. Abordamos Turkle (1997) para mostrar que o computador pode servir como uma espécie de espelho, onde os usuários refletem suas fantasias e obsessões. Também tratamos do anonimato e outros aspectos que diferenciam a violência online da violência offline (SLONJE e SMITH, 2007; LI, 2006; 2008), e salientamos o potencial da violência que se dá no ambiente virtual ter a capacidade para ser mais letal e cruel do que a vivenciada no contexto offline (TOGNETTA e BOZZA, 2010). Utilizamos algumas das classificações de violência online criadas por Wilard (2007), como *cyberbullying*, *cyberstalking*, *flaming*, *online harassment*, *happy slapping*, chegando num fenômeno muito falado atualmente, o *shaming*. Sugerimos, também, que a internet pode servir como um escudo (SCHINESTOCK, 2012) para fazer coisas que certamente não seriam feitas offline.

Independente da terminologia utilizada, acreditamos que todos os tipos de violência online trabalhados nesse tópico têm a mesma essência, isto é, partem de uma relação instaurada na diferença entre os indivíduos, tornando-os cada vez mais fragmentados e individualistas (BAUMAN, 2007) e, portanto, sujeitos à dominação e violência simbólica que

³⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tyler_Clementi>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/adolescente-se-mata-apos-video-vergonhoso-publicado-on-line-16356949>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

é o tema deste trabalho. Com excesso de conteúdo e de liberdade, com a possibilidade de ganhar fama e visibilidade com apenas alguns caracteres, os sujeitos vão moldando suas representações na rede. Da mesma forma que no contexto offline, a violência online desliza entre as mais diversas esferas e frequentemente é ofuscada por causas mais explícitas, que desviam a atenção enquanto replicam e perpetuam estigmas e *habitus* (BOURDIEU, 1930) já naturalizados historicamente na sociedade. Como já vimos, trata-se de uma violência simbólica, amarrada à linguagem e ativa no dizer dos indivíduos. É sobre esta violência simbólica manifestada na internet que nos interessa discutir, para depois poder pensá-la no discurso das “indiretas”, especialmente as reproduzidas por usuários do Facebook.

Com a possibilidade do anonimato e os diferentes recursos que já discutimos acima, percebe-se como a internet pode servir como um terreno fértil para disseminar em grande escala a violência simbólica. A violência simbólica na internet tem despertado interesse de muitos pesquisadores que se debruçam em redes e objetos diferentes, mas todos têm em comum o desejo de identificar o lado velado da linguagem quando manifestado nos sites de redes sociais, como o Facebook³⁶, Twitter³⁷, Youtube³⁸ e tantos outros que são criados e aperfeiçoados diariamente. A violência simbólica na internet é tratada, por exemplo, na dissertação “O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação nos memes³⁹ de humor da *fanpage* Diva Depressão”, de Pricilla Soares (2013), onde a autora aponta como o Facebook pode induzir, por meio de suas próprias ferramentas e possibilidade de apropriações, uma incitação de disputa que é mascarada pelos memes⁴⁰ de humor, naturalizada e amplamente divulgada no Facebook.

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

³⁹ Disponível em: <Consideramos *meme* o conteúdo capaz de “viralizar” rapidamente, isto é, de ser replicado em larga escala pelos usuários>. Acesso em: 22 ago. 2015.



Figura 6: Exemplo de violência sistêmico-simbólica (SOARES, 2013) manifestada em memes de humor, no Facebook.

O padrão corporal que as mulheres comumente são reduzidas também é reforçado pelas próprias vítimas. O estigma do corpo (SCHINESTSCK, 2013) se perpetua quase que inconscientemente, mostrando como o corpo é parâmetro de classificação inclusive entre as mulheres. Essa agressão velada é encontrada, por exemplo, em um meme cujo discurso afirma “Falar de mim é fácil, quero ver vestir 36⁴¹” (Figura 6), onde a autora explica que:

Não há explicitamente nenhuma palavra às quais os sujeitos atribuam à violência, entretanto, dentro de uma sociedade que preza a magreza e a qual grupos sociais fazem questão de deixar claro que quem é magro pode ter mais e ser mais, o ‘vestir 36’ classifica todas as pessoas que vestem um número acima deste são consideradas gordas e sem sucesso (SOARES, 2013, p.76)

Isto mostra como o *habitus* (BOURDIEU, 1930) é capaz de ser repassado por postagens ácidas no Facebook como a citada acima. Não é preciso usar palavras que ofendam diretamente o outro usuário (gordo, feio, etc.), pelo contrário, a partir de ironias e sarcasmos a ideologia dominante – a magreza, neste caso – se mostra sutilmente e auxilia a formar o senso comum de determinada rede. Em artigo sobre o mesmo estudo de caso – a *fanpage* “Diva Depressão” – a naturalização da violência sistêmica é analisada e constata, também, a facilidade com que o conteúdo se espalha, “legitimando o status quo e tornando-o invisível”

⁴¹ O *meme* pode Disponível

em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=233496030118794&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=3&theater>>. Acesso em 23 ago. 2015.

(RECUERO e SOARES, 2013, p.253). É essa invisibilidade do estigma que procuramos nas “indiretas” reproduzidas no Facebook.

A violência simbólica no Orkut também é estudada sob a perspectiva da análise do discurso de vertente francesa, que buscou nos grupos neonazistas do Orkut⁴² um sujeito acrítico, fruto da fabricação de um novo sujeito pós-moderno (DUFOUR, 2005 *apud* ERNST-PEREIRA, 2010) a partir do entendimento do espírito de clã reforçado em tais grupos. A linha francesa também foi utilizada na análise de outra página do Facebook que também utiliza conteúdos travestidos de humor e ironia para perpetuar uma “brincadeira engraçada” replicada por usuários que dizem ter senso de humor (SCHINESTCK, 2014), mas que na verdade reproduzem uma relação de dominado e dominador e um *habitus* (BOURDIEU, 1930) de superioridade no tom de seus enunciados. Para este estudo foi considerado o conceito de lugar social de Pêcheux e o de estabelecidos e *outsiders* de Elias (2000) que também abordaremos neste trabalho posteriormente.

Não são poucos os estudos que buscam identificar rastros da violência simbólica manifestados na internet, mais especificamente em sites de redes sociais, como o Facebook nessa dissertação. O dialogismo de Bakhtin já foi agregado à violência simbólica para analisar o fenômeno dos “rolezinhos” e o estigma do corpo manifestado em *memes* no Facebook (SCHINESTCK, 2015; 2013) também são exemplos específicos que discutem a violência simbólica no contexto mediado pelo computador.

⁴² O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014.



Figura 7: Exemplo de violência simbólica em memes do Facebook.

A metodologia de Herring (2004) chamada CMDA – *Computer Mediated Discourse Analysis*, isto é, “Análise de Discurso Mediado pelo Computador”, é utilizada para abordar a questão do corpo e também aplicada de diferentes ângulos, como a violência simbólica na internet reforçada pela dominação masculina nos sites de redes sociais (VIEGAS, 2014), que discute as páginas do Facebook “#Orgulho de ser Hétero” e “Metendo a Real” a fim de mostrar a legitimação e o reforço do papel superior do homem na rede. Outras pesquisas apontam a violência simbólica de gênero (SOARES, 2014), inclusive no contexto da publicidade digital (VIEGAS, 2014), que observa o discurso velado e violento da naturalização da imposição de tarefas domésticas às mulheres, através de uma construção de gênero no Facebook.

Vimos que a violência simbólica na internet tem suas particularidades. Falamos da rapidez com que o conteúdo é propagado e a agressão velada disseminada, assim como o potencial dos memes com conteúdos humorísticos (SOARES, 2013) pode influenciar na legitimação e reforço que tornam a absorção dessa violência simbólica online sistêmica (RECUERO; SOARES, 2013) e, portanto, invisível. Também mostramos que não é preciso utilizar palavras ofensivas para efetivamente causar algum tipo de dano a alguém, citando trabalhos que observam as questões de gênero (SOARES, 2014) inclusive na publicidade digital (VIEGAS, 2014), além do estigma do corpo (SCHINESTOCK, 2013) e os estabelecidos e *outsiders* de Elias (2000) considerados a partir do lugar social de Pêcheux

(SCHINESTOCK, 2014). Por fim, apresentamos a metodologia CMDA (HERRING, 2004; 2012), que foi a escolhida para analisar os dados dessa dissertação. Propomos a partir do que foi exposto pensar os enunciados carregados de sutileza e acidez, estigma e violência simbólica (BOURDIEU, 1930), escamoteada e perpetuada a partir do que chamaremos de “cultura das indiretas”, buscando observar o “não dito” a partir do dito (DUCROT, 1987) em seis publicações e suas respectivas conversações realizadas no interior de três páginas do Facebook.

Para isso, no próximo capítulo elencaremos algumas das principais características da CMC e de como a conversação é negociada a partir das interações e apropriações das possibilidades oferecidas pela ferramenta. Veremos como ocorre a manutenção das faces (GOFFMAN, 2012) no interior do Facebook e de que forma usuários se apropriam dos recursos para estabelecer seus *outsiders* (ELIAS, 2000) online e representar uma identidade online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), além de buscarem cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) de outros usuários para construírem e validarem seus espetáculos (GOFFMAN, 2013).

3 CONVERSAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR (CMC)

Nesse capítulo discutiremos o conceito de Conversação Mediada por Computador (CMC) e apontaremos suas principais diferenças e semelhanças com a comunicação presencial, que chamaremos de face a face. Observaremos isso a partir do conceito de Hilgert (2006), que elenca alguns dos principais contrastes entre os dois tipos de conversação. Depois, ancorados em boyd (2007), apresentaremos os quatro elementos específicos da CMC e dos públicos em rede – persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade – e, através de exemplos retirados do próprio Facebook⁴³, site de rede social que nos propomos a analisar nesse trabalho, buscaremos evidenciar a complexidade das trocas conversacionais na internet.

Veremos, a partir da perspectiva de Recuero (2009; 2012) como o ciberespaço⁴⁴ pode impactar o ambiente comunicacional da vida social, enfatizando e dando um lugar especial ao contexto que, conforme afirma a autora, precisa ser negociado a cada interação. Após explicitar os elementos da CMC, chegaremos ao que Reid (1991) e Baron (2002) tipificam como conversação síncrona e conversação assíncrona, isto é, duas formas de interações na qual a primeira possui uma expectativa de resposta imediata, enquanto a segunda pode alargar-se no tempo e no espaço. Apontaremos alguns rituais (RECUERO, 2012) observáveis na CMC e, por se alargar no espaço e depender de uma negociação de contextos, consideramos relevante pensar nas estratégias criadas e apropriadas pelos próprios usuários no interior das ferramentas. Discutiremos também a questão da representação e ameaça à face na CMC (BROWN e LEVINSON, 1987; GOFFMAN, 2012; 2013), chegando ao que Recuero (2012) define como microcontexto e macrocontexto, elementos determinantes para decifrar o subentendido (DUCROT, 1987) e caracterizar a “indireta” como um tipo de violência simbólica e subentendido que ameaça a face (GOFFMAN, 2012). Será mais fácil, com auxílio desses dois tipos de contextos, identificar os possíveis focos de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) escondidos por trás de enunciados “não ditos”.

Por fim, abordaremos o fenômeno da conversação especificamente nos sites de rede social, destacando o Facebook, espaço onde ocorrem as conversações analisadas nesse

⁴³Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁴⁴ Entendemos o termo Ciberespaço como um espaço existente no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. É o espaço virtual para a comunicação disposto pelo meio de tecnologia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberespaço>>. Acesso em: 28 set. 2015

trabalho. Aqui, o importante é demonstrar como os sites de redes sociais viabilizaram uma nova forma de comunicação entre os sujeitos, que agora ampliaram suas conexões e deram início a diferentes tipos de circulação de informação (RECUERO e ZAGO, 2009), além de inventarem outras formas de interação (PRIMO, 2006). Será a partir de tais insumos e apropriações, então, que poderemos finalmente observar como a conversação mediada pelo computador pode se relacionar com a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) a ponto de ameaçar as faces dos usuários (GOFFMAN, 2012) criando efeitos de sentido (DUCROT, 1987) através das palavras.

3.1 CONCEITO

Muito mais do que uma simples conversa que se dá a partir da mediação de uma ferramenta tecnológica, a CMC tem se mostrado como meio alternativo de expressar valores e crenças coletivas que nem sempre são – às vezes por falta de escolha - manifestadas offline. Exemplo disso foi a Primavera Árabe⁴⁵, nome dado à onda de protestos e revoluções iniciadas em 2010 no Oriente Médio e no Norte da África. Logo, revoluções na Tunísia e no Egito e uma guerra civil na Líbia e na Síria aconteceram e fortaleceram outros grandes protestos marcados por técnicas de resistência civil que certamente não seriam tão organizados e sincronizados sem o engajamento conseguido através dos sites de redes sociais. Facebook, Twitter e Youtube foram ferramentas determinantes para engajar e sensibilizar a população mundial e, inclusive, alertar para a possível repressão e censura da internet por parte dos Estados. A relevância foi reconhecida em relatório divulgado pela *Dubai School of Government*⁴⁶, enaltecendo a potencialidade de serviços para a propagação de informações e conteúdos de interesse popular, que ganharam respaldo e apoio ao se espalharem pelo mundo. Esse é um dos inúmeros casos que se desenrolaram offline em que a mediação do computador foi determinante.

Por sustentar e permitir que tantas relações se estabeleçam, Jones (1995) explica que a CMC, além de interferir diretamente na estruturação das interações, oferece o próprio meio para que elas aconteçam. Isto é, para o autor a própria CMC atua como um motor de relações

⁴⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_Árabe>. Acesso em: 19 set. 2015

⁴⁶ Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_Árabe.

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2015

sociais. As interações, assim como as que se realizam offline, são complexas, pois podem ocorrer de diversas maneiras e em momentos diferentes devido às características de cada ferramenta usada, como Herring (2001) apontou, suscitando limitações próprias e exigindo do indivíduo que desenvolva algum domínio do meio. É necessário apropriar-se da técnica para adaptar a sua comunicação, que há muito tempo se baseia na comunicação face a face, mas que agora tem características que lhe são próprias. Isto quer dizer, segundo Recuero (2012), que:

Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações de políticas públicas (RECUERO, 2012, p.17-18)

Isto porque a própria tecnologia impõe um jeito novo de se comunicar, que precisa ser constantemente adequado para satisfazer a ausência de elementos importantes na conversação, como a entonação, os gestos, o contexto e quaisquer indícios não verbais que há muito tempo auxiliam a nossa percepção durante a comunicação. Assim, entendemos a CMC como um espaço de conversação criado através da apropriação das ferramentas, que nem sempre são criadas originalmente para determinado fim⁴⁷, mas que são constantemente reinventadas e transformadas em outro tipo de instrumento utilizado para mediar conversações entre usuários.

A conversação online é adequada através de elementos que dêem conta das lacunas deixadas pela conversação face a face. Segundo a concepção de Marcuschi (2006, p.15), é entendida como conversação uma situação onde pelo menos dois falantes se relacionam pelo menos uma vez, configurando uma sequência de ações coordenadas executadas em uma identidade temporal decorrente do envolvimento em uma interação “centrada”. Veremos agora as particularidades desse tipo de comunicação, que agora não se dá mais no olho a olho, mas no tela a tela, complexificando ainda mais as trocas sociais.

⁴⁷ Exemplo disso é o Twitter que inicialmente tinha a pergunta “o que você está fazendo?” e, a partir da apropriação dos usuários, se tornou uma ferramenta para divulgação de “o que está acontecendo?”, demonstrando outro tipo de manifestação de valores por parte dos usuários. Disponível em: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 20 out. 2015.

3.2 CARACTERÍSTICAS DA CMC

Primeiramente, ao pensar em CMC devemos pensar no necessário distanciamento físico que caracteriza esse tipo de comunicação entre os indivíduos. Neste espaço não há como contar com elementos não verbais e não há suportes estáveis na comunicação. Isto quer dizer que ao buscar constituir novas relações na rede, o indivíduo precisa construir não só sua representação como personagem (GOFFMAN, 2013), como veremos adiante, mas também é obrigado a criar contextos que eram inexistentes até a instauração da conversação (RECUERO, 2012) e adequar suas práticas sociais a um universo simbólico que não se sabe nem bem o que é.

Isso modifica as interações que antes eram faladas e agora passam a se constituir especialmente através de textos, pois, apesar do intenso avanço tecnológico e hipermidiático⁴⁸, ainda é a partir de texto que se estabelece a maior parte das CMC hoje, conforme afirma Herring (1999;2001). Há abreviações (vc, pq, blz, etc.) que agilizam a escrita e novas convenções criadas para desenhar os espaços de conversação. São essas diferenças entre a comunicação face a face e a comunicação pela internet que o texto de Hilgert (2006) pretende desenvolver. O autor utiliza a abreviação CFF para se referir às comunicações realizadas face a face, isto é, presencialmente e CINT, quando fala de comunicação pela internet. Mesmo assim, apesar de se dar em um meio necessariamente escrito, a CINT apresenta características semelhantes às da comunicação oral. Hilgert(2006) define os termos de fala e escrita de acordo com a ideia de Koch e Oesterreicher (1994,1990, 1985), onde há dois sentidos no emprego do termo. O primeiro seria referente à “manifestação fônica X manifestação gráfica” e o segundo diria respeito às diferentes maneiras de concepção de um texto. Segundo o autor:

Um discurso acadêmico, por exemplo, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica, é, conceptualmente, um texto escrito. Já uma carta pessoal para um amigo íntimo, ainda que se realize por escrito, aproxima-se, conceptualmente, de um texto falado. A noção de concepção, nesta abordagem, é definida com base (a) nas condições de comunicação do texto e (b) nas estratégias adotadas para sua formulação. (HILGERT, 2006, p.2-3)

⁴⁸ Sistema de registro e exibição de informações informatizadas por meio de computador, que permite acesso a determinados documentos (com textos, imagens estáticas ou em movimento, sons, softwares etc.) a partir de links que acionam outros documentos e assim sucessivamente. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hipermedia>>. Acesso em: 22 set. 2015.

Apresentamos (Figura 8⁴⁹ e 9⁵⁰) dois exemplos de escrita falada. Na primeira, a conversação apresenta características da CFF em alguns aspectos regionais, como o uso do “vixi”⁵¹ – também são comuns as variações como o uso do “vish” e “vixe” – expressão típica do nordeste brasileiro utilizada para representar espanto, surpresa e referir-se a Virgem Maria.



Figura 8: Comentário retirado de postagem da página “Apenas Homens 3.0”, no Facebook



Figura 9: Postagem retirada da página "Eu me chamo KééHTLyN", no Facebook

A Figura 8, assim como a Figura 9, apresenta uma conversação online (CINT) com características da conversação offline (CFF). Entretanto, desta vez, a apropriação é vista na língua inglesa ao mesmo tempo em que revela algumas características da CFF do brasileiro, que pode ter uma pronúncia diferente e “abrasileirada” da frase. A Figura 9 diz: “*Wake up, girls!* Ai girls hoje o dia está difícil não é não? Estou falando para vocês porque eu estou aqui maravilhosa em Pirituba”. Destaca-se aí a questão da entonação. A concepção de Hilgert (2006), assim, tenta mostrar as nuances dos dois tipos de conversação, dando ênfase no fato de que na CINT, apesar de ser um texto falado, é necessariamente desenvolvido por escrito. Desse jeito, “a entonação é conseguida através da oralização da linguagem escrita, onde as palavras são escritas, muitas vezes, pelo modo como soam, e não pela forma da língua padrão, e pelo uso da pontuação” (RECUERO, 2012, p.81), como também podemos ver na Figura 9.

⁴⁹ A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1438287829759355/videos/vb.1438287829759355/1627674160820720/?type=2&theater>> Acesso em: 22 set. 2015

⁵⁰ A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn?fref=ts>>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/vixe/625/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

A CINT revela um crescente processo de re-oralização. Os interactantes, uma vez garantida a eficiência comunicativa da interação, tendem a livrar-se das coerções da codificação da língua escrita, recodificando-a em favor de uma interatividade possível por meio de uma manifestação escrita. É à luz da re-oralização que se explicam, por exemplo, o recurso a longas sequências de sinais de pontos de exclamação e de interrogação e também os sinais icônicos conhecidos como caracteretas. (HILGERT, 2006, p.30)

Exemplos das sequências de sinais comentadas pelo autor podem ser as conversações da Figura 10⁵² e Figura 11⁵³. Na Figura 10 percebe-se a escrita oralizada, o uso de pontos de exclamação para enfatizar a frase e “kkkkkk” para representar uma espécie de risada. Abaixo, ainda na Figura 10, outro tipo de representação de risada é utilizado “rsrsrsrsrs”. Já na Figura 11, chama atenção o uso dos pontos de interrogação para salientar o tamanho da dúvida do usuário, ou, talvez, a intensidade da indagação.



Figura 10: Comentário retirado de postagem da página “Revoltados Online”, no Facebook



Figura 11: Comentário retirado de postagem da página “Ajuda Luciana”, no Facebook.

Também na Figura 11 se percebe a oralização da escrita no uso do “tal veis”, que não corresponde ao “talvez” da gramática normativa, mas mostra como ela é apropriada para a fala, inclusive com sotaque. Assim como Hilgert (2006), de uma maneira geral, Herring (2001) entende que as conversações estabelecidas pela mediação do computador tendem a ser construídas próximas à informalidade e à oralidade, mais do que propriamente a linguagem escrita. Tanto que:

⁵² A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline?fref=ts>>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁵³ A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ajudalussiana?fref=ts>>. Acesso em: 22 set. 2015.

Na conversação casual, os usuários da internet frequentemente referem-se às trocas textuais como conversações, usando verbos como “falei”, “disse” e “ouvi” ao invés de “digitei”, “escrevi” ou “li” para descrever suas atividades na CMC. Mesmo autores publicados, algumas vezes, referem-se de forma inconsciente, parece-me, aos “falantes” mais do que aos “escreventes”, “conversa” mais do que “trocas digitadas”, “turnos” mais do que “mensagens” e daí por diante quanto reportam-se à CMC. O uso linguístico atesta ao fato que a experiência dos usuários na CMC é fundamentalmente similar àquela da conversação falada, apesar da CMC ser produzida e recebida por meios escritos⁵⁴ (HERRING, 2010, online, *apud* RECUERO, 2012, p.32)

Assim, observamos que as apropriações dos indivíduos na CMC também podem estar associadas aos suportes não verbais da conversação face a face, isto é, aos gestos, contexto, entonação da voz, lapsos de fala e diversos outros fatores que atuam no momento da conversação off-line e que não estão disponíveis online. Uma vez mediados por uma ferramenta, os sujeitos precisam dominar as possibilidades existentes e, a partir do ambiente virtual, “recriar” elementos que consigam ser significantes o suficientes para conseguir comunicar o que o indivíduo – agora mais um usuário na rede – efetivamente quer. Aqui citamos também os *emoticons*⁵⁵, *gifs*⁵⁶, vídeos e as mais diversas opções para criar avatares⁵⁷ e representações digitais cada vez mais personalizadas. Isso porque, ao entrar na rede, o usuário não é nada mais do que um simples endereço de IP⁵⁸ e, assim como no ambiente offline, precisa representar papéis sociais (GOFFMAN, 2013). É necessário também manter um certo controle sobre a sua face (GOFFMAN, 2012) perante os demais e assegurá-la nas trocas conversacionais, como veremos ainda.

Na CMC isso se faz, entre outras coisas, através da construção de uma identidade online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), da seleção e disposição de recortes estratégicos – ou até mesmo inconscientes – de informações capazes de construir uma realidade – ou múltiplas realidades - que se deseja representar, apresentar aos outros. Trabalharemos a questão da representação mais adiante, pois a seguir discutiremos os elementos presentes na

⁵⁴ Tradução de Recuero (2012, p.32) para: “*In casual parlance, internet users often refer to textual exchanges as conversations, using verbs such as ‘talked’, ‘said’, and ‘heard’ rather than ‘typed’, ‘wrote’, or ‘read’ to describe their CMC activities. Even published authors sometimes refer, unconsciously, it seems, to “speakers” rather than online ‘writers’, ‘talk’ rather than ‘typed exchanges’, ‘turns’ rather than messages, and so forth, when reporting on CMC. This linguistic usage attests to the fact that users experience CMC in fundamentally similar ways to spoken conversation, despite CMC being produced and received by written means*”.

⁵⁵ “Emoticons são conjuntos de caracteres do teclado que simbolizam expressões faciais como, por exemplo: ☺ sorriso, ☹ tristeza. Embora não tenham sido exatamente uma criação exclusiva da internet (o uso de emoticons já acontecia nas cartas, por exemplo), foi a mediação do computador que os popularizou”(RECUERO, 2012, p.46). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁵⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Graphics_Interchange_Format>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁵⁷ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar>>. Acesso em: 22 set. 2015

⁵⁸ IP significa Internet Protocol e é um número que seu computador (ou roteador) recebe quando se conecta à Internet. É através desse número que seu computador é identificado e pode enviar e receber dados

CMC e nos públicos em rede (BOYD, 2007; 2010). Apesar de ser um ambiente em que predomina a escrita, a CMC apresenta práticas bem semelhantes à conversação oral, cada uma adaptada ao contexto (online ou offline) em que estão inseridas. Assim como na CFF, na CINT também há o envolvimento e a troca de turnos. Porém, esta troca ocorre de maneira diferente do que a que se dá no ambiente mediado pelo computador. Antes de apontarmos os quatro elementos da CMC de boyd (2007), trataremos essa questão, uma vez que estamos cientes da complexidade e concordamos com o que Hilgert(2006) afirma sobre:

O fato de os “falantes” não estarem numa situação face a face, de não saberem quem são seus interlocutores e de terem de traduzir seus enunciados por escrito, ainda que conceptualmente se sintam falando, imprime à transição de turnos um caráter maquinal, previsível, planejado, no sentido de que essa conversação transcorre de acordo com os limites e as possibilidades da programação de um sistema eletrônico. Mas maquinal aqui também se opõe a humano, na medida em que a transição de turnos, na conversação face a face, mais do que uma simples alternância de enunciados linguísticos, envolve identidades e histórias humanas (HILGERT, 2006, p.15)

Os sujeitos, então, estão determinados pela ferramenta que utilizam para a conversação. Cada pessoa tem sua vez de falar organizada em forma de turnos, sendo ele – o turno – entendido como “aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar” (HILGERT, 2006, p.10). Na CINT também ocorre alternância de turnos, mas de modo diferente da CFF e obrigatoriamente realizada através da ferramenta utilizada para comunicar. Nesse sentido, o assalto ao turno alheio é impossível, pois (Figura 12) mesmo que os usuários escrevam e enviem a mensagem ao mesmo tempo, será o suporte pelo qual ele está fazendo isso que determinará a ordem e a sequência dos enunciados.



Figura 12: Conversação retirada de publicação da página “Dicas do Dollynho”, no Facebook

Podemos ver que na Figura 12 a conversação se desenrola no espaço de comentários de uma postagem⁵⁹, onde é possível perceber a troca de turnos organizada pelo Facebook. Mesmo que dois dos comentários tenham sido publicados na mesma hora, 13h08min, um é disposto abaixo de outro, mostrando a sistematização feita pelo Facebook. Segundo Recuero (2012, p.28) “a ocorrência de uma conversação necessita de que os participantes compreendam e legitimem os enunciados um do outro, alternando-se na fala e negociando o contexto do processo”, ou seja, não basta ser ordenada pela ferramenta, a troca de turnos também depende de outros indivíduos para interagir e para legitimar ou não o conteúdo em questão (Figura 13).



Figura 13: Comentário retirado de postagem da página “Não Intendo”, no Facebook

A Figura 13⁶⁰ é um exemplo dessa legitimação que Recuero (2012) discute. Percebe-se que apenas um usuário escreveu o comentário, mas 1.131 curtiram, isto é, legitimaram o que esse usuário comentou sobre a postagem e também se inseriram na interação. Esse mesmo comentário desencadeou outros 32, independentes do conteúdo da postagem. Segundo Recuero (2012, p.73):

A própria ferramenta organiza os pares conversacionais auxiliando os atores a engajar-se na conversação. É o caso, por exemplo, da estrutura do Facebook e do recurso do *like* ou curtir. Quando alguém publica uma mensagem e outro ‘curte’ o que foi dito, temos a formação de um par adjacente, já que o ator está tomando, ainda que de forma simbólica, parte na conversação e explicitando a sua aprovação.

Discutiremos melhor as funcionalidades dos botões do Facebook no tópico destinado a esse site de rede social. O que queremos, agora, é mostrar que a CMC não consiste em apenas uma “mediação do computador”, ela não pode acontecer sozinha, depende exclusivamente da cooperação e da negociação (RECUERO, 2012) entre os indivíduos, isto é, do uso que os indivíduos fazem dela. A CMC abre um novo campo, no qual os processos de representação vão sendo construídos e interiorizados como uma nova realidade (virtual)

⁵⁹ A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/DicasDoDollynho/photos/a.519217478124772.1073741828.519214374791749/982691408444041/?type=1&theater>> Acesso em: 22 set. 2015.

⁶⁰ A postagem pode ser vista no sítio. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Naointendo/photos/a.166280423444113.41899.115726178499538/938484716223676/?type=3&theater>>. Acesso em: 22 set. 2015.

pelos indivíduos envolvidos. A partir das possibilidades oferecidas pela tecnologia formou-se então uma nova estrutura, um ambiente de convivências – chamado de ciberespaço –, onde novos papéis vão surgindo simultaneamente em um espetáculo dinâmico que dá manutenção às faces (GOFFMAN, 2012), como ainda veremos.

Os exemplos estão sendo retirados do Facebook para que o leitor, na medida em que for avançando no texto, possa ir desenhando sua própria concepção de CMC, chegando à análise com subsídios relevantes para a compreensão da proposta de face (GOFFMAN, 2012) para investigarmos de que forma as “indiretas” caracterizam uma violência simbólica especificamente nas conversações do Facebook e são utilizadas para ameaçar a face do outro ao mesmo tempo em que valorizam a representação de seu próprio espetáculo (GOFFMAN, 2013). Entretanto, é importante salientar que a CMC é estudada em várias outras ferramentas como o IRC⁶¹ (REID, 1991), um dos primeiros estudos sobre o assunto, o Twitter⁶² (BOYD, GOLDBER e LOTAN, 2010), os *weblogs*⁶³ (DE MOOR; EFIMOVA, 2004; Herring *et al.*, 2005), os *fotologs* (McDonald, 2007), os MUD⁶⁴ (TURKLE, 1997) e tantos outros espaços que têm sido objeto de estudos nos últimos anos.

De acordo com boyd(2007; 2010), a CMC oferece um espaço próprio para que os indivíduos possam fazer sentido no mundo, mudando a essência da forma como buscam seu lugar na sociedade. Esse novo jeito de comunicação é manifestado pelo o que a autora (2010) chama de “públicos em rede”, isto é:

Públicos reestruturados pelas tecnologias em rede e, como tal, são o espaço construído por meio de tecnologias em rede e também a comunidade imaginada, resultado da interseção de pessoas, tecnologia e prática, construídos em e por meio de redes sociais digitais e outras tecnologias emergentes (DIAS, 2014, p.624)

Isto quer dizer que na CMC os indivíduos fazem parte de uma comunidade mais ampla e pública, alargando as fronteiras e formando um público que, segundo boyd(2010), é intrinsecamente diferente do público que não é mediado. Segundo a autora (BOYD, 2010, p.211), a questão não é que sites de redes sociais permitam a comunicação entre estranhos, mas sim que eles também oferecem a possibilidade de que os usuários articulem e tornem visíveis suas próprias redes.

⁶¹ *Internet Relay Chat (IRC)* é um protocolo de comunicação utilizado na Internet. Ele é utilizado basicamente como bate-papo (chat) e troca de arquivos.

⁶² Disponível em: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶³ Disponível em: <<http://www.weblog.com>> (Acesso em 24/09/2015)

⁶⁴ Multi User Domain (MUD). Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/MUD>> Acesso em: 24 set. 2015.

Esse tipo de conversação em rede (RECUERO, 2012) se estabelece em um espaço fundamentalmente anônimo, deixando ao indivíduo a possibilidade de utilizar tais recursos para construir sua imagem online e o contexto das conversações realizadas diariamente pela mediação do computador. Recuero (2012) chama de “conversação em rede” por se tratar de uma nova maneira de se comunicar, extremamente pública e coletiva, que deixa rastros na web. É sobre este espaço anônimo que boyd (2007) discute quando propõe quatro características. São elas: persistência, buscabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis. De acordo com Recuero (2012):

Essas características são extremamente úteis para que possamos compreender o ambiente das conversações online. Mais do que dos públicos, essas são características da interação entre o espaço e a mediação. É nessa interseção que está gerado o ambiente no qual a conversação poderá tomar espaço. (RECUERO, 2012, p.43)

A primeira delas, a persistência, diz respeito à permanência das informações na rede. Diferente da conversação face a face, a CMC armazena as informações, resultando na segunda característica: a buscabilidade. Uma vez que o conteúdo faz parte da “memória da rede”, ele pode ser buscado a qualquer momento. A terceira característica – replicabilidade - é associada à capacidade que o conteúdo tem de, após ser buscado através das ferramentas de pesquisa e estar permanentemente na rede, ser multiplicado em larga escala pelos usuários. O público que tem acesso a essas informações constitui o quarto elemento proposto por boyd(2010): as audiências invisíveis. Segundo Recuero:

Como o corpo físico, elemento fundamental da construção da situação de interação, não é um partícipe do processo no espaço mediado, há uma presunção de anonimato gerada pela própria percepção deste. É por isso que as audiências são invisíveis por princípio. Há um distanciamento físico causado pela mediação entre os interagentes, e essa não proximidade está relacionada ao descolamento do processo conversacional da copresença. (RECUERO, 2012, p.44)

O indivíduo pode ter uma breve ou estimada noção de quem é o público que acessa as suas informações, mas nunca terá certeza alguma se suas suposições atendem ou não à realidade. São características dinâmicas que mudam de acordo com a ferramenta utilizada. Segundo a autora também é muito comum que os contextos da conversação online sejam apropriados pelos usuários como elementos de construção de identidade (DONATH, 1999; HERRING, 1999; BOYD, 2007), uma vez que os contextos das trocas precisam

necessariamente de uma negociação. Há uma presença, mesmo que virtual, e ela depende das informações dispostas pelos usuários intencionalmente e, também, pistas de valores que são deixadas pelos rastros das atividades daquele sujeito.

Então, a CMC se dá em um ambiente anônimo em que as ferramentas são (re)apropriadas pelos usuários como forma de negociar (RECUERO, 2012) sua presença no espaço digital, limitando-se às possibilidades que o espaço determina e ajustando a conversação de acordo com as lacunas deixadas pelas características de seu instrumento de mediação (HERRING, 2001).

Afinal, como espaço simbólico, essas ferramentas vão oferecer espaços de construção de práticas que vão ampliar a negociação de sentido de seus usuários, criar convenções (como os *emoticons*) e ajustar contextos que vão permitir a conversação. Assim, ferramentas diferentes vão oferecer contextos de apropriação diferentes da linguagem (RECUERO, 2012, p.48-49)

A negociação do contexto, por sua vez, está diretamente ligada aos tipos de conversação mediada pelo computador. Elas podem ser síncronas e assíncronas, como indica o estudo de Reid (1991), que veremos no tópico a seguir.

3.3 TIPOS DE CMC: SÍNCRONA E ASSÍNCRONA

A CMC pode ser síncrona ou assíncrona, dependendo da apropriação dos usuários para acontecer. Quando a conversação acontece em tempo real, isto é, quando os indivíduos conversam e trocam informações simultaneamente, Reid (1991) denomina de síncrona. A conversação assíncrona, em contrapartida, seria um tipo de diálogo que se estende no tempo, sem necessitar da presença dos dois usuários no contexto imediato da interação. De acordo com o autor, há uma expectativa de resposta imediata entre os usuários participantes da conversação, como as salas de bate papo⁶⁵ online e os mais variados assuntos agrupados em chats⁶⁶. Com a queda do uso do ICQ⁶⁷ e do MSN⁶⁸ (ou Windows Live Messenger⁶⁹),

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.batepapo.uol.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.chat-brasil.com>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶⁷ Disponível em: <<https://icq.com/windows/pt>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/msn.html>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁶⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Windows_Live_Messenger>. Acesso em: 24 set. 2015.

ferramentas como o Google Talk⁷⁰, comunicador instantâneo do Google ganharam espaço entre os meios de conversação síncrona.

Nesse tipo de ferramenta como o Facebook Messenger⁷¹, a base da conversação é especialmente desenvolvida em cima de textos, sem muitos recursos. Nesse tipo de suporte a ideia é facilitar, agilizar e organizar os turnos da conversação. Na comunicação síncrona, conforme Baron(2002) há potencial para interação imediata, enquanto a assíncrona não tem o mesmo potencial, sendo caracterizada pelo alargamento temporal (RECUERO, 2012) devido aos suportes da CMC, como já comentamos através das características que boyd (2007) aponta. Seriam assíncronos, portanto, os fóruns⁷² da web, o e-mail e qualquer outro instrumento que permita a comunicação em qualquer momento. Na verdade:

[...] o que temos aqui é a noção de que ambientes de CMC são capazes de proporcionar contextos “ampliados”, que podem ser recuperados, buscados e atualizados por novas interações, gerando conversações que podem estender-se por largos períodos de tempo (RECUERO, 2012, p.41)

Quanto mais assíncrona for a conversação, mais difícil será a negociação dos contextos e da constituição da face, assim como a preservação (GOFFMAN, 2012) da mesma. Entretanto, é necessário ressaltar que mais importante do que as características de cada ferramenta, é a capacidade de apropriação dos usuários. Murphy e Collins (1997), Ko (1996) e Recuero (2012) são autores que alertam para o uso que se faz dos suportes oferecidos.

Ou seja, e-mails, por exemplo, apesar de ser um tipo de comunicação inicialmente assíncrona, podem ser utilizados de forma síncrona. Do mesmo modo, mensagens em um meio síncrono, como o MSN podem facilmente serem enviadas enquanto o usuário está desconectado, descaracterizando a sincronicidade da resposta (MURPHY e COLLINS, 1997; KO, 1996 *apud* RECUERO 2009, p.261/262)

Isso quer dizer que essa divisão em síncrono e assíncrono depende muito do momento e dos indivíduos envolvidos. Uma conversa pode ser iniciada de forma síncrona e acabar assíncrona ou vice versa, por exemplo. Uma mesma conversação também pode se desenrolar em ferramentas diferentes, assumindo e ajustando sua representação com base nas

⁷⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Talk>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/facebook-messenger.html>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁷² “Fóruns são ferramentas de discussão na Internet, normalmente caracterizadas pela postagem de mensagens em um mesmo espaço de discussão”. (RECUERO, 2009, p.260)

limitações do instrumento. Na Figura 14⁷³ é possível ver a organização feita pela ferramenta, que dispôs um comentário abaixo de outro seguindo uma determinada ordem. Os dois comentários foram feitos na mesma hora e no mesmo dia, mostrando a sincronicidade desse espaço. Por outro lado, a mesma postagem de que retiramos o exemplo da Figura 14 apresenta as características de uma conversação assíncrona, como se pode ver na Figura 15⁷⁴.



Figura 14: Comentário retirado de postagem da página “Quer Café?”, no Facebook



Figura 15: Comentário retirado de postagem da página “Quer Café?”, no Facebook

Como podemos ver com os exemplos anteriores, não há como definir uma conversação apenas como síncrona ou assíncrona. Ela, assim como o espaço em que a comunicação acontece, é constantemente modificada, reapropriada e utilizada para fins diferentes. De acordo com Recuero (2009), as conversações acontecem por meio de mais de uma ferramenta que migram entre tipos síncronos e assíncronos. É a conversação síncrona, segundo Ko(2006), que é a mais parecida com a conversação oral, deixando para a assíncrona a associação à forma escrita. Recuero (2012) utiliza o pensamento da linguista Susan Herring (2010) para sustentar que a conversação síncrona, por acontecer de forma concomitante entre os indivíduos é construída rapidamente, de forma dinâmica e nem sempre revisada. É uma linguagem “digitada, escrita, mais rápida e informal como a linguagem falada”(HERRING, 1996, p.3). Já a conversação assíncrona oferece mais tempo para a elaboração da mensagem.

⁷³ A postagem pode ser acessada no sítio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quercafe/photos/a.480793065274802.107485.177537108933734/1143063325714436/?type=3&theater>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

⁷⁴ A postagem pode ser acessada no sítio: Disponível em: <<https://www.facebook.com/quercafe/photos/a.480793065274802.107485.177537108933734/1143063325714436/?type=3&theater>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Devido ao espaço temporal entre as interações assíncronas, o usuário pode refletir e estruturar a informação, podendo, inclusive, apagar e começar outra vez o quanto desejar.

Há uma analogia que supõe que um emissor está a enviar uma mensagem escrita através de um tubo, onde a mensagem é enviada recorrendo a bolas, cada bola referente a uma letra. Quando as bolas chegam ao receptor, a mensagem tem que ser remontada, ou seja, tem que dispor as bolas pela ordem correta, para conseguir extrair sentido da mensagem. Na conversação assíncrona, ao contrário, cada bola possui um número de sequência permitindo que a mensagem seja coerente em qualquer ordem, uma vez que há identificação da posição de cada bola (letra) na mensagem. Referindo-se ao conceito de Herring(2010). Recuero(2012, p.52) explica que:

A autora [Herring] salienta que as formas assíncronas de conversação são mais interessantes e desafiadoras em seu estudo, pois são conversações onde a hibridização entre linguagem oral e escrita parece ser mais complexa e mais diferenciada.

O que torna tais conversações tão interessantes e complexas também é o contexto e a forma como o mesmo é negociado. Essa será uma discussão relevante para a identificação da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) encontrada nas “indiretas”, isto é, uma “cultura” que parece estar se formando nesses ambientes e que se utiliza dos efeitos de linguagem (DUCROT, 1987) para proteger sua representação e ameaçar a face do outro. Após tratar da face embasados em Goffman(2012), veremos o que são microcontextos e macrocontextos (RECUERO, 2012) e tentaremos relacioná-los às interações, abordando a influência dos sites de redes sociais (RECUERO, 2012), enfatizando a participação do Facebook para a manutenção da face cotidiana através dos insumos coletados por meio dos rastros deixados pelos os usuários nas conversações. Na sequência, observaremos os rituais na CMC.

3.4 RITUAIS NA CMC

Assim como na conversação face a face, na CMC é preciso observar os rituais e convenções que acompanham os sujeitos em suas interações. É o que Goffman(2012) afirma quando diz que práticas ritualísticas estão presentes nas conversações e conseguem sinalizar o tipo de contexto da situação comunicativa aos demais participantes da interação. Entretanto, como já discutimos, a CMC possui lacunas devido às suas particularidades e limitações,

exigindo outro tipo de negociação, apropriação (RECUERO, 2012) e (de)marcação do indivíduo na rede, sendo necessário adaptar uma comunicação que está habitualmente desenvolvida em cima da comunicação oral – face a face. Segundo Recuero (2012), em conversações síncronas:

[...] é fácil perceber quando um determinado ator está online (pois a ferramenta já mostra isso para os demais da rede): nos sites de rede social essa presença não é imediatamente discernível. E é especialmente nesses sites que a abertura e o fechamento podem ter uma importância maior enquanto rituais de entrada e saída (RECUERO, 2012, p.76)

Isso acontece porque a comunicação síncrona é instantânea, acontece ao mesmo tempo entre os usuários, facilitando a compreensão do contexto e o reconhecimento da presença dos interagentes. Quando a ferramenta é apropriada de forma assíncrona, por não haver expectativa de resposta imediata (BARON, 2002), os rituais precisam ser mais elaborados e o contexto melhor especificado, já que não haverá uma negociação enquanto a interação estiver acontecendo.

A Figura 16⁷⁵ é um exemplo de ritual de abertura realizado a partir de uma das postagens da página chamada Olha só Kiridinha⁷⁶, no Facebook.



Figura 16: Postagem retirada da página “Olha Só Kiridinha”, no Facebook

⁷⁵ A postagem pode ser acessada em: Disponível em: <<https://www.facebook.com/OlhaKiridinha/photos/a.140246992785733.41001.140244729452626/755934784550281/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 set. 2015.

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.facebook.com/OlhaKiridinha>>. Acesso em: 26 set. 2015..

Percebe-se que a página inicia suas postagens naquele espaço dando “bom dia” para seus seguidores. Com as possibilidades oferecidas pela CMC, como já falamos antes, os rituais podem ser apropriados e construídos (RECUERO, 2012), ganhando amparo de inúmeros recursos como a imagem, *emoticons* e até o foto comentário que, no caso dessa postagem, instaura outro ritual de abertura, mas desta vez diretamente ligado à presença, isto é, da representação específica daquele indivíduo na CMC e não só a página. Isso indica a presença da multimodalidade que Herring (2004; 2012) e Recuero (2012) discutem. A partir de um único espaço, múltiplos módulos são acrescentados, isto é, um espaço em que:

Há vários modos de conversação que podem coexistir num mesmo evento. Comumente, graças à interface gráfica que permeia a maior parte da conversação digital, a multimodalidade refere-se às formas de linguagem que podem coexistir (por ex: imagem e texto). Recuero (2012, p.61)

Outro ritual é o de fechamento que encerra a conversação (RECUERO, 2012), ao invés de abrir espaço para que novas trocas sejam estabelecidas, como é o caso da Figura 17. São discursos que definem a interrupção da conversação a partir de então, isto é, depois de uma postagem como a da Figura 17, há fortes indícios para crer que o usuário não voltará para a conversa naquele momento, pois já se despediu.

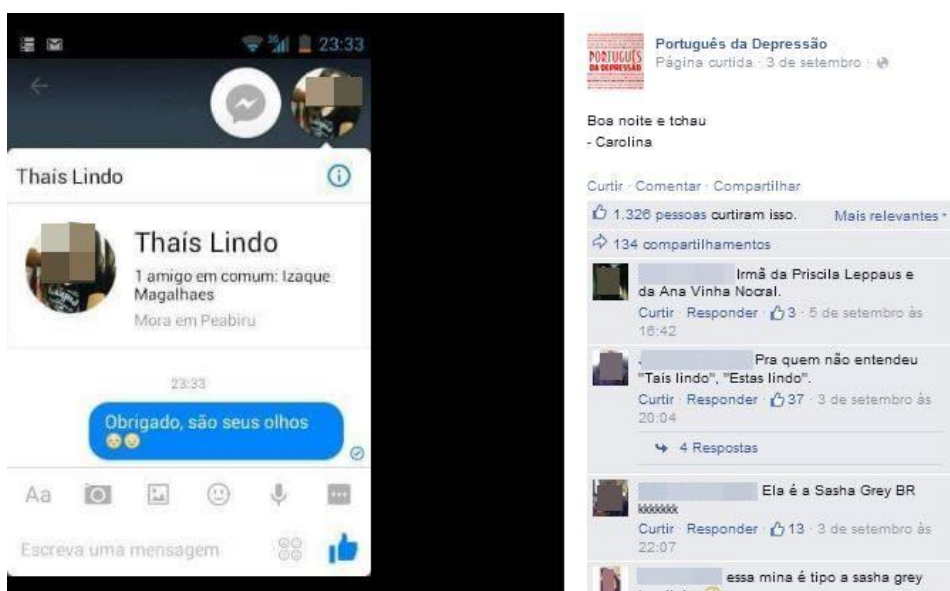


Figura 17: Postagem retirada da página “Português da Depressão”, no Facebook

Há também rituais de ação que, conforme Recuero (2012, p.77):

São relevantes em termos conversacionais porque narram elementos que tradicionalmente são perceptíveis no espaço offline para o online. Assim, por exemplo, quando alguém narra, no Facebook, que está “casado” com outro, há uma narrativa que é constituída pela ação. Essa narrativa é também ritualística na medida em que compreende a publicização, para a rede social, de um relacionamento. E é, também, conversacional, na medida em que pode constituir-se na abertura de uma conversação, na ferramenta com outros atores.

Não é a toa que são recursos que simulam “acontecimentos” e “lembranças”. Exemplo disso é a Figura 18. Frequentemente, o ritual de ação é feito para registro no perfil pessoal do usuário, mas também pode facilmente ser apropriado para páginas e comunidades – do Facebook, nesse caso.



Figura 18: Informação retirada de perfil de usuário do Facebook

A Figura 18 exemplifica algumas das funcionalidades que marcam, na CMC, os rituais nas trocas conversacionais. Mais uma vez, lembramos que os exemplos que utilizamos foram coletados do Facebook, justamente por ser o espaço onde as “indiretas” que pretendemos trabalhar circulam. Reconhecemos os tantos outros rituais que se desenrolam na rede, mas optamos por trabalhar exclusivamente com o site de rede social Facebook, que veremos nesse capítulo, por considerar que é um ambiente que dispõe de todos os elementos que precisamos para esta pesquisa, além de ser um espaço em que a prática da ameaça à face (GOFFMAN, 2012) do outro a partir de discursos “não-ditos” (DUCROT, 1987) circula naturalmente. É válido lembrar que na CMC existem outros rituais que marcam presença e ausência. Recuero (2012) explica que há rituais que envolvem a troca dos falantes, o formato da fala e linguagem que depende exclusivamente do contexto onde se institui a conversação.

São considerados rituais porque seu sentido está focado na demarcação e negociação da conversação. Assim, por exemplo, os rituais de conversação são diferentes de acordo com a situação. Uma entrevista não tem o mesmo ritual de um debate e nem mesmo de um diálogo informal (RECUERO, 2012, p.74)

Desta forma, são conversas dinâmicas e que mudam conforme a necessidade e a ferramenta de conversação, assim como acontece presencialmente. Assim como frequentemente adotamos determinados comportamentos diante de situações e indivíduos específicos, quando estamos em uma comunicação face a face, é preciso ajustar e negociar os contextos na CMC. Uma das principais diferenças entre a comunicação face a face e a CMC é a ausência e o anonimato que caracterizam, fundamentalmente, a segunda. É preciso negociar a situação de interação e rituais usados para isso. Frequentemente os rituais de marcação são elementos que guiam a conversação na rede. Podem ajudar a criar e manter uma conversa, apontar a direção, a troca de turnos e, especialmente o contexto, dinâmico e complexo como a própria conversação. Por serem elementos fundamentalmente apropriados na mediação do computador, Recuero (2012) também compreende o mecanismo de marcação como um ritual presente na CMC.

Ou seja, constituem-se em elementos que são apropriados, modificados e utilizados de acordo com normatizações estabelecidas pelos grupos. Eles vão constituir o contexto da conversação e guiar o andamento e a negociação da mesma. De certa forma, eles são responsáveis por reproduzir o ambiente da conversação, guiando os atores com relação à cultura estabelecida e às normas (RECUERO, 2012, p.78).

A Figura 19⁷⁷, por exemplo, apresenta uma conversação paralela à tratada na postagem, diretamente ligada ao contexto e a sua manutenção. Os seguidores se mostram interessados em saber o motivo da ausência do administrador da página, ignorando o conteúdo postado pelo mesmo. Enquanto um utilizou o espaço de comentários para salientar que havia notado a ausência do usuário, outros se apropriaram do mesmo espaço para discutir essa nova conversação, dessa vez originada de um comentário de um comentário. A apropriação dos usuários fica clara e o contexto estabelecido deixa de ser o da postagem em si e passa a ser a saudade dos seguidores do administrador.

⁷⁷ A postagem pode ser vista em: Disponível em: <<https://www.facebook.com/socialistadeiphone/photos/a.637970912989751.1073741829.637896092997233/825824100871097/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 set. 2015.

[...] essas conversações online passaram a criar novos impactos, espalhando-se pelas conexões estabelecidas nessas ferramentas e, através delas, sendo amplificadas para outros grupos. São centenas, milhares de novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos. São conversações em rede. (RECUERO, 2012, p.121)

Isso só acontece porque, como discutimos com boyd (2007), a CMC permite a recuperação a partir da permanência dos conteúdos. É uma comunicação com memória e que, independente de acontecer de forma síncrona ou assíncrona (REID, 1991), possui características rastreáveis, determinando a presença ou ausência dos sujeitos na rede.



Figura 19: Comentário retirado de página “Socialista de iPhone”, no Facebook

A Figura 19 pode ser usada como ilustração para o que Recuero (2012) afirmou sobre o fato das conversações em rede circularem por diferentes redes sociais, podendo receber interferências de usuários que podem nem ser os mesmos que iniciaram a interação. É uma interação que “nasce de conversações entre pequenos grupos que vão sendo amplificadas pelas conexões dos atores, adquirindo novos contornos e, por vezes, novos contextos” (p.123). A autora também indica que sem os elementos não verbais dos quais já falamos antes, a conversação no espaço online poderia ficar extremamente “ruidosa”. Trazemos um

exemplo de ruído na conversação na Figura 20⁷⁸, onde a mensagem da postagem não foi claramente interpretada, deixando margem para interpretações contraditórias, que podem confundir os seguidores.



Figura 20: Comentário retirado de postagem da página “Apenas Homens 3.0”, no Facebook.

A criação do contexto é um dos elementos determinantes na CMC, pois é ele que dá o tom e negocia os outros tantos suportes offline que não se pode contar no ciberespaço. O contexto está diretamente ligado aos discursos subentendidos (DUCROT, 1987), às “indiretas” que são postadas frequentemente no Facebook. Entretanto, antes de apresentarmos o micro e o macroconexo (RECUERO, 2012) veremos como se dá a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), isto é, compreenderemos como a face se encontra em constante ameaça e construção na internet, justamente por estar determinada por todos os elementos da CMC que consideramos até agora. As estratégias discursivas apropriadas para a representação dos espetáculos sociais nesse tipo de comunicação mediada serão discutidas no próximo tópico a partir de Goffman (2012; 2013) e Brown e Levinson (1987).

3.5 REPRESENTAÇÃO ONLINE DO *SELF* E ATOS DE AMEAÇA À FACE NA CMC

A CMC impõe um novo espaço para estabelecer relações e, da mesma maneira que os rituais de abertura e fechamento, os indicadores de assunto e os marcadores temporais exigiram uma apropriação dos sujeitos para que conseguissem organizar e desenhar o contexto de suas redes, que agora está mediado pela tecnologia, a manutenção das faces também se torna dependente do apoderamento dos sujeitos inseridos nas diferentes ferramentas. Partimos da concepção dramatúrgica de Goffman (2013) para observar como as

⁷⁸ A postagem pode ser vista em: Disponível em: <https://www.facebook.com/1438287829759355/photos/a.1438289493092522.1073741828.1438287829759355/1659223184332484/?type=3&theater> Acesso em: 27 set. 2015.

“indiretas” no Facebook podem auxiliar na representação dos indivíduos na rede, ao mesmo tempo em que delimitam determinados espaços, fronteiras entre um sujeito e outro, que, no jogo de manutenção de faces e de egos, transformam atos comunicativos em atos morais (GOFFMAN, 2012), perpetuando, desta forma, a violência simbólica em forma de palavras. Aqui, procuraremos evidências nas CMC que serão utilizadas e analisadas sob a perspectiva da violência simbólica de Bourdieu (1930).

Na verdade, trata-se de entender cada sujeito como ator de um espetáculo próprio, utilizando a sociedade como palco para apresentar suas simulações que, segundo Goffman(2013), podem expor coisas reais e bem ensaiadas. Ao redor do ator há a plateia, constituída por outros atores, cada um com seu próprio drama, dividindo o mesmo espaço de representação. Esse espetáculo respeita uma fachada (GOFFMAN, 2013), e é parte de um conjunto maior que “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”(GOFFMAN, 2013, p.34). Isto quer dizer que a apresentação do sujeito não pode ser completamente manipulada por ele mesmo, em seu próprio teatro, diante de uma plateia que é constituída de outros atores, outras representações. Há também o que o autor chama de região de fundos, o que seria uma espécie de bastidores onde o sujeito poderia libertar-se das amarras dos papéis e exigências sociais para se representar da maneira como realmente deseja. Não convém deixar a plateia ter conhecimento dos bastidores, isso poderia comprometer o espetáculo.

Como a comunicação não verbal expressa elementos chaves para a conversação como discutimos antes, há uma parcela da informação recebida pela plateia que o ator não tem acesso ou controle. São significações que são atribuídas à fachada do ator mesmo com seu minucioso cuidado para eliminar e dominar a imagem que está passando aos demais. Nesse sentido, Goffman (2013) argumenta:

Quer um ator honesto deseje transmitir a verdade ou quer um desonesto deseje transmitir uma falsidade, ambos devem tomar cuidado para animar seus desempenhos com expressões apropriadas, excluir as expressões que possam desacreditar a impressão que está sendo alimentada e tomar cuidado para evitar que a plateia atribua significados não premeditados (GOFFMAN, 2013, p.79)

Há uma espécie de cooperação entre os indivíduos que buscam sempre eliminar os conflitos enquanto mantém sua representação ideal, assegurando a autoimagem de todas as representações também envolvidas na conversação. Goffman (2012) explica que os indivíduos costumam externar certas linhas de condutas que englobam um conjunto de atos – verbais e

não verbais – integrantes das situações sociais que vão além dos que o sujeito que fala deseja ou imagina emitir. É necessário que essas impressões sejam reparadas, legitimadas ou não pelos demais indivíduos envolvidos na interação em questão, uma vez que “os outros podem usar os aspectos considerados não governáveis do comportamento expressivo do indivíduo como uma prova de validade do que é transmitido pelos aspectos governáveis” (GOFFMAN, 2013, p.19) e isso, muitas vezes, pode significar uma ameaça à representação de determinado ator.

A ideia, então, é evitar uma possível ameaça à face – fachada - ao mesmo tempo em que apresenta o espetáculo. Brown e Levinson (1987) utilizam o conceito de face e de território proposto por Goffman (2012) para montar sua própria concepção de face. Segundo os autores:

Nossa noção de “face” deriva de Goffman e do termo folclórico em inglês que liga a face às noções de estar constrangido ou humilhado, ou “perdendo a face”. Assim, a face é algo em que há investimento emocional, e que pode ser perdida, mantida ou intensificada, e que tem que ser constantemente cuidada numa interação. Em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação dos outros) na manutenção da face na interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face. Isto é, normalmente, a face de qualquer um depende da manutenção da face de todos os outros e, como se pode esperar que as pessoas defendam suas faces quando ameaçadas, e, defendendo suas próprias faces, elas ameaçam a face dos outros, geralmente é de interesse de cada participante manter a face do outro, isto é, agir de forma a assegurar aos outros participantes que o agente está atento às pressuposições relativas à face ameaçada (BROWN, LEVINSON, 1987, p.61)

Desta forma, percebe-se que a participação dos outros na representação alheia é necessária para que determinados valores sustentados por um indivíduo sejam reforçados e vistos como verdadeiros por outros. Qualquer ato de fala, assim, pode ser entendido como uma ameaça à face em potencial. Esses atos são chamados de *face-threatening acts* (atos de ameaça à face) (BROWN e LEVINSON, 1987), que buscaremos identificar a partir da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) manifestada em “indiretas” no Facebook. De acordo com Brown e Levinson, (1987), todo ser humano tem duas faces: a face negativa e a face positiva. A primeira é ligada aos “territórios do eu”, como Goffman (2012) discute, enquanto a segunda, grosso modo, corresponde ao narcisismo e aos elementos “valorizantes” que os indivíduos constroem de si mesmos, tentando impor sua representação na conversação. Tal imposição, muitas vezes, pode acabar ameaçando a representação de outro ator, como é o caso das “indiretas” que ameaçam a face alheia enquanto enaltecem os atributos positivos do sujeito emissor.

É interessante pensar, contudo, que o cenário de representação da face foi extremamente modificado com o contexto mediado pelo computador. A presença imediata discutida por Goffman (2012), por exemplo, é transformada e demanda recursos diferentes para guiar a conversação, uma vez que ela pode ser assíncrona (REID, 1991), se alargar no tempo (RECUERO, 2012) e perpetuar-se das mais diversas formas e apropriações.

Além disso, na vida cotidiana é em geral possível para o ator criar propositadamente quase todos os tipos de falsa impressão sem se colocar na posição indefensável de ter dito uma flagrante mentira. As técnicas de comunicação, tais como a insinuação, a ambiguidade estratégica e omissões essenciais permitem ao informante enganador aproveitar-se da mentira sem tecnicamente dizer nenhuma (GOFFMAN, 2013, p.75)

Na internet, o jogo com a língua fica ainda mais evidente, pois está limitado, como já discutimos, pelas características da CMC (RECUERO, 2012) dos públicos em rede (BOYD, 2010) e do próprio Facebook (RECUERO, 2014), com seus botões de curtir, comentar e compartilhar o discurso, amplificando a possibilidade de constranger ou literalmente ameaçar a face (GOFFMAN, 2012) de outros usuários. Ao contrário da comunicação imediata que Goffman (2013) se refere, a CMC facilita muito a sustentação de tais discursos, além de não conseguir validar instantaneamente como na comunicação face a face, se os elementos representados pelo sujeito fazem jus à representação e ao papel social assumido por ele diante dos demais. Como dissemos, não há como saber o momento exato em que as informações serão acessadas pelo público ou quando um indivíduo poderá retomar determinada conversação dando margem para que haja algum tipo de intimidação da face. Por isso, assim como Goffman (2013, p.151), concordamos que os atores tendem a construir cada espetáculo e/ou não “contradizer a impressão, de que o papel desempenhado no momento é seu papel mais importante, e que os atributos pretendidos por eles ou a eles imputados são seus atributos mais essenciais e característicos”. Assim, espera-se que o indivíduo apresente sempre o seu melhor em sua interação com os outros.

Considerando que se trata de um palco virtual, onde não se tem o domínio sobre as condições em que cada ator se manifestará e qual será seu posicionamento, na internet o show parece precisar estar permanentemente armado. Não se sabe quando a plateia – que é invisível (BOYD, 2010) – desejará assistir o espetáculo e nem mesmo se ela comparecerá ao “evento” construído a fim de representar e sustentar uma posição específica. É isso que Goffman (2013, p.245) chama de “preparar-se de antemão para todas as contingências expressivas possíveis”, uma espécie de antecipação. A partir disso, entendemos que uma vez não sabendo quem

constitui o público, nem a hora, o dia, o momento, o contexto (micro e macro, como veremos a seguir) em que cada discurso é acessado, torna-se necessário prever e preparar o cenário de representação – nesse trabalho entendemos esse cenário como o mural, a página pessoal e a representação de cada usuário no Facebook. Desta forma, as “indiretas” podem ser alternativas estratégicas para defender sua face (BROWN e LEVINSON, 1987), valorizando atributos considerados positivos e apontando os negativos.

Lembramos que a face pode ser entendida como “uma espécie de imagem geralmente digna de crédito, que o indivíduo no palco e como personagem efetivamente tenta induzir os outros a terem a seu respeito”(GOFFMAN, 2013, p.271). Tudo isso exige um ajuste na comunicação às normas sociais (RECUERO, 2012) do ciberespaço, apropriando-se das ferramentas e construindo novos significados para representações individuais e/ou coletivas. Essas representações, por sua vez, são dinâmicas e necessitam de negociações para serem legitimadas pelos outros atores que também não têm interesse de pôr em risco a sua própria representação de face, gerando uma rede de apoio e cooperação entre os indivíduos. Assim, nesse jogo de manutenção de faces e de controle de impressões, emergem elementos essenciais para identificar a situação de interação, ou seja, o contexto, que veremos a seguir. São redes nas quais a vida cotidiana encontra-se enredada, em linhas morais de discriminação (GOFFMAN, 2013) que ganham respaldo e ampliam as divergências através da CMC.

3.6 CONTEXTO NA CMC: MICROCONTEXTO E MACROCONTEXTO

O contexto é um dos elementos mais importantes na CMC. É ele que permite que as informações ganhem sentido e coerência dentro de determinado espaço ou agrupamento. Por ser um espaço fundamentalmente anônimo, os usuários precisam apropriar-se do contexto da conversação para atingir o objetivo da interação, isto é:

O objetivo da interação reflete aquilo que os participantes desejam atingir, que também é negociado pelas suas expectativas com relação ao processo. Finalmente, os próprios participantes com suas ações, expectativas e experiências anteriores também compõem o contexto. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006 *apud* RECUERO, 2012, p.93)

Percebe-se que a CMC precisou ser apropriada em vários dos seus aspectos para conseguir dar conta – com suas próprias limitações – dos suportes conversacionais da

comunicação face a face. A própria maneira de representar a face é modificada e faz com que os atores precisem dominar não só a linguagem e os sinais não verbais presentes numa comunicação presencial, mas um novo contexto que não se desvela de imediato. É a dimensão técnica e simbólica que Lemos (2002) se refere quando define a apropriação como a essência da cibercultura.

É preciso entender o contexto para saber do que se trata e isso vale para qualquer tipo de troca social, seja realizada no ambiente online ou no offline. De acordo com Recuero (2012, p.95), “todo ator envolvido em uma conversação precisa ser capaz de negociar, construir e recuperar o contexto, que vai formar o pano de fundo sobre o qual as conversações acontecem”, caso contrário, pode frustrar sua comunicação devido aos ruídos e confusões que não são esclarecidas por falta de conhecimento do contexto. E esse contexto, quando mediado pelo computador, pode ser construído da própria linguagem comum. Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta três elementos constitutivos do contexto da conversação: a delimitação do lugar em que a conversação acontece, o objetivo da interação e os participantes dela. Segundo Recuero (2012):

Essa decodificação desses processos faz parte da estrutura da participação dos interagentes. Assim, sempre que está na presença de outros indivíduos, cada ator precisa identificar as informações existentes sobre o contexto, isto é, as informações a respeito daquilo que é esperado dele e do que ele pode esperar dos demais (RECUERO, 2012, p.97)

A construção do contexto na CMC parece estar fortemente associada aos rituais e às representações de que já falamos, de forma que a própria construção do contexto esteja embasada em impressões que os sujeitos criam – e querem dar - uns dos outros. Isto quer dizer que, segundo a autora, “a própria interação entre os participantes engajados na situação determina o andamento desta situação. O contexto, assim, é construído e reconstruído a cada ação comunicativa dos participantes” (RECUERO, 2012, p.103), deixando rastros na rede que podem ser resgatados a qualquer momento. São “pistas” que ajudam os usuários a compreender o ambiente e as circunstâncias em que a conversação está acontecendo.

Discutiremos o contexto a partir das perspectivas que Recuero (2012) denominou de microcontexto, e macrocontexto. São duas visões interdependentes onde a visão do microcontexto é composta pelo momento da interação e das trocas negociadas ali, pelos participantes da conversação e suas intenções, etc. Já o macrocontexto, segundo a autora, é referente a um contexto muito mais amplo e que compreende a situação histórica, social e

cultural, assim como as experiências angariadas em conversações anteriores. Basicamente, o microcontexto é referente ao evento das trocas observadas e o macrocontexto é o histórico das interações do grupo. Para Recuero (2012):

O ponto fundamental, portanto, quando falamos no contexto da mediação do computador é compreender sua função dentro do ambiente de representações dos atores. Escolhemos, neste trabalho, observar o contexto através do micro e do macrocontexto como elementos que auxiliam a delimitar a perspectiva de rede. Primeiro porque muitas informações com relação ao microcontexto são muito dinâmicas e, por vezes, assíncronas. Um determinado evento comunicativo, assim, pode fazer referência direta a conversas anteriores e a um contexto muito mais amplo de sentidos que são divididos por um determinado grupo. Ao mesmo tempo, o macrocontexto depende de uma sensibilidade que necessita ser desenvolvida pelos interagentes, seja através da construção de backgrounds coletivos e culturalmente compartilhados pelos atores. (RECUERO, 2012, p.100-101)

Utilizaremos as Figura 21 e Figura 22 como exemplo de micro e macrocontexto. Na Figura 21, o usuário publica uma atualização de status⁷⁹ em que se refere a um contexto em que não está presente, embora não diga claramente de onde está “falando”. A ferramenta, no entanto, organiza a conversação e a localiza geograficamente, identificando a publicação como vinda de um usuário na Austrália.

Segundo Recuero (2012, p.102), “o macrocontexto(histórico das interações do grupo) possui um papel muito relevante na negociação do microcontexto, e nem sempre se consegue compreender a dimensão do que está sendo dito sem fazer parte dos grupos envolvidos”. Assim, na Figura 22 percebe-se que um usuário, ao participar da conversação, utiliza expressões específicas de um macrocontexto no qual o usuário da Figura 21 não está inserido, nesse caso, manifestando um tema abordado na novela que circulava apenas em território brasileiro no momento da postagem.



Figura 21: Atualização de status de Facebook de usuário.

⁷⁹ A atualização de status é um dos recursos textuais oferecidos pelo Facebook para que o usuário possa expressar seus sentimentos em determinada situação.

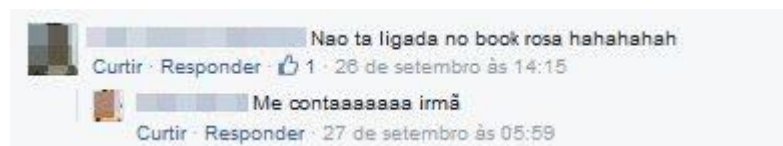


Figura 22: Comentário da atualização de status de usuário no Facebook.

Ainda na Figura 22, podemos ver que há um macrocontexto que também é negociado entre os interagentes, que demonstram manter um histórico de relações anteriores ao microcontexto, isto é, da atualização de status que sucedeu o comentário em questão. Recuero (2012) explica que o microcontexto é influenciado pelas interações anteriores, que são gravadas pela ferramenta, possibilitando, assim, que se estabeleça uma conversação assíncrona (Figura 22) a partir da organização e apropriação dos usuários.

Desta forma, “o desenvolvimento do diálogo necessita de um contexto que seja provido de forma permanente e que esse contexto, portanto, possa ser recuperado”(RECUERO, 2012, p.113). Os sites de redes sociais, nesse sentido, podem ser instrumentos muito úteis no que diz respeito ao armazenamento e viabilização da CMC, facilitando o acesso às pistas que auxiliam a construir os contextos entre os usuários. Discutiremos isso a seguir, enfatizando o Facebook e finalmente observando como a CMC pode ser um instrumento tão letal e violento como a violência física, explícita, ao mesmo tempo em que usa a sutileza do “não dito” (DUCROT, 1987) para impor faces e papéis sociais (GOFFMAN, 2013), “forjando rituais” (KOCH e BENTES, 2008, p.25) em meio a práticas sociais. Isso, por sua vez, é capaz de apresentar CMC construídas, amplificadas e potencializadas pela internet, propagando uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que circula livremente entre as interações na rede.

Assim, observamos que os elementos contextuais que criam o micro e o macrocontexto e que podem aparecer em diferentes momentos (RECUERO, 2012, p.117), direcionando o andamento e transformando as conversações. Isso tudo acontece através da apropriação das ferramentas como espaços para revelar novas formas de expressão e valores coletivos que são manifestados e armazenados pelos instrumentos de CMC, no caso desse trabalho, o site de rede social Facebook.

3.7 CMC EM SITES DE REDES SOCIAIS

Os sites de redes sociais possuem as características da CMC, além de suas próprias particularidades. Segundo Recuero (2009), esses sites não podem ser entendidos como as redes sociais propriamente ditas, e sim como espaços em que os usuários podem se apropriar e ali estabelecer sua própria rede social. Já discutimos como a CMC transformou as relações entre os sujeitos. Há hoje outra maneira de interação (PRIMO, 2006) e novos tipos de circulação de informação (RECUERO e ZAGO, 2009) que foram criados para dar manutenção às relações e representações que não possuem mais o suporte físico e não verbal, sendo firmadas somente a partir da mediação do computador. Essa nova forma conversacional é chamada de conversação em rede (RECUERO, 2012) e é característica dessas ferramentas digitais.

Também abordamos as características de públicos em rede e da CMC propostas por boyd(2007;2010) - persistência, buscabilidade, escalabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade -, onde a autora afirma que os conteúdos que circulam pelas diferentes redes podem sofrer interferência, justamente por serem públicos, basta ter acesso à ferramenta, nesse caso o site de rede social. A partir das possibilidades oferecidas, os sujeitos que fazem uso desses sites se apoderam dos instrumentos da internet e constroem elementos individuais que representem parte de sua personalidade. Trata-se de uma representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) que tende a deixar visíveis os valores dos usuários na rede. Para Recuero (2009b), os quatro atributos especificados acima são desta maneira porque a própria internet, enquanto mediação, viabiliza o armazenamento de informações, assim como a sua buscabilidade e replicabilidade. São conteúdos que, quando divulgados, demonstram os valores relevantes, manifestados por cada agrupamento destes sites e mais, se mostram essenciais para a construção e representação da face (GOFFMAN, 2012) dos atores sociais.

Assim, são essas redes que vão reproduzir e sustentar as informações consideradas importantes para cada sujeito e grupo social (RECUERO, 2012). Isto quer dizer que, mesmo que sem intenção, enquanto se comunica com outros usuários a partir dos sites de rede social, o ator deixa vir à tona detalhes importantes de sua face (GOFFMAN, 2012) para os demais, dos valores que defende e das manifestações por ele emitidas. De acordo com Recuero (2014):

Esses sites são compreendidos como aqueles que permitem (i) que os atores sociais criem perfis individualizados, que vão funcionar como representações de si; (ii) que suas redes sociais sejam publicizadas pelas ferramentas (boyd e Ellison, 2007); e (iii) que esses atores possam ainda utilizar esses sites como plataformas de conversação e interação uns com os outros. (RECUERO, 2014, p.115)

Exemplos desses sites de redes sociais podem ser o Twitter⁸⁰, o Instagram⁸¹, o MySpace⁸², Tumblr⁸³ e o próprio Facebook, que é o espaço onde nossa investigação para esse trabalho acontece. O fato é que os sites de redes sociais impactaram, e muito, as trocas comunicacionais entre os sujeitos. Agora, não apenas se dão em um ambiente digital, mas tem o potencial de (re)construir os mais diversos contextos, além de ampliar o alcance das conexões, diminuindo a distância de pessoas afastadas geograficamente. Recuero(2014) chama essa nova forma de conversação criada e mantida pelos sites de redes sociais de fenômeno da hiperconexão das redes sociais online. Trata-se de um processo de construção e negociação constante, gerando, necessariamente, novas convenções (RECUERO, 2014) capazes de delinear o usuário e sua representação de face a partir da apropriação dos elementos disponíveis tanto pela CMC, quanto pelo site escolhido para desenrolar tais interações, como discutiremos a seguir com o Facebook.

3.8 FACEBOOK

Atualmente no Brasil, oito em cada dez internautas estão conectados ao Facebook⁸⁴. São 107,7 milhões de pessoas que acessam a plataforma através da mediação computador, criando e propagando valores e ideologias historicamente legitimadas na sociedade, mesmo sem se dar conta disso. Assim, consideramos o Facebook relevante para a pesquisa por seu caráter múltiplo, além da "permissão" da ferramenta para que se crie práticas sociais em seu interior e que os sujeitos se apropriem delas para se representarem na rede. O Facebook é um site de rede social em que qualquer indivíduo pode se inserir. Além desse acesso livre, o espaço permite que o usuário construa uma 'sinopse' de sua própria vida através de ferramentas como personalização do perfil – e isso inclui a possibilidade de escolher uma foto principal, representando o avatar daquele sujeito. Também é possível escolher

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.twitter.com>> Acesso em: 30 set. 2015.

⁸¹ Disponível em: <<http://www.instagram.com>> Acesso em: 30 set. 2015

⁸² Disponível em: <<http://www.myspace.com>> Acesso em: 30 set. 2015

⁸³ Disponível em: <<http://www.tumblr.com>>. Acesso em: 30 set. 2015

⁸⁴ Disponível em: <<http://http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/08/22/Facebook-tem-89-milhoes-de-usuarios-no-Brasil.html>>. Acesso em: 30 set. 2015

uma capa para o perfil, ou seja, além da foto estilizada, há uma opção para que o indivíduo escolha o que mais lhe parece semelhante (Figura 23).

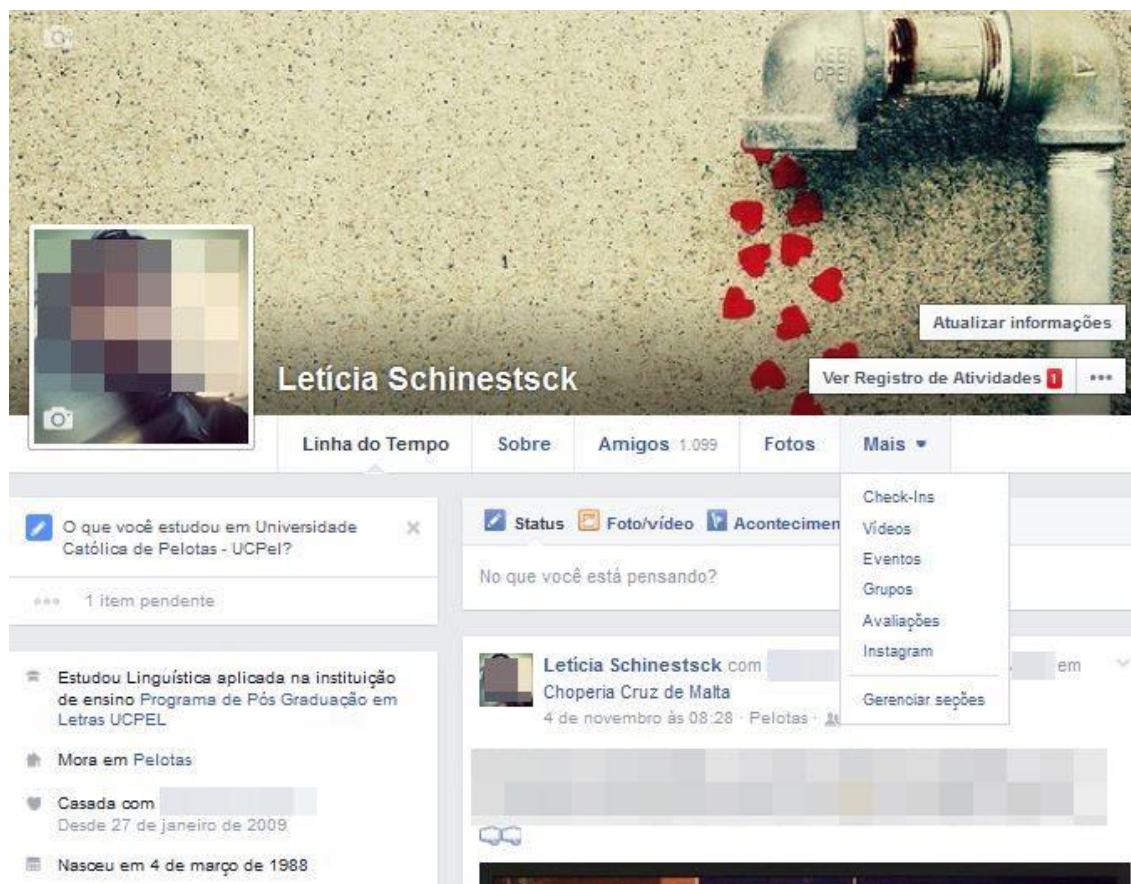


Figura 23: Exemplo de *timeline* do Facebook e opções de perfil.

Após o cadastro, com foto e capa personalizadas do sujeito, o Facebook também sugere o preenchimento de itens como instituição de ensino, local de trabalho, cidade de nascimento, acontecimentos e etc. Cada usuário tem suas atividades registradas em uma *timeline*⁸⁵, ou seja, uma linha do tempo em que ficam dispostas, em ordem cronológica, as movimentações daquele ator no site. Assim, na medida em que o indivíduo publica fotos, vídeos, comenta uma postagem, curte uma *fanpage*⁸⁶ e adiciona qualquer elemento ao seu perfil, a *timeline* organiza, no lado direito da tela, a ordem do acontecimento dos fatos.

No que diz respeito aos botões “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, Recuero(2014) descreve legitimações com pesos diferentes. Isso porque se trata de tipos de investimentos de capital social diferentes, dependendo do grau de envolvimento, por exemplo, que o sujeito pretende demonstrar naquele momento e/ou determinada publicação. Um dos recursos mais

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/about/timeline>>. Acesso em: 30 set. 2015

⁸⁶ No Facebook, uma fan page é uma interface específica para a divulgação de uma empresa, marca, banda, etc. Ao realizar a criação é permitido que o indivíduo especifique o objetivo dela e direcione, desta forma, o público com o qual deseja se relacionar.

populares e utilizados do Facebook é o botão "curtir". A ideia central do "curtir" parece ser a legitimação. Ao curtir, o sujeito demonstra que está presente na conversação, mesmo que não tenha formulado e manifestado um discurso dirigido especialmente para aquela situação. Para a autora, isso sugere uma forma de tomar parte na conversação sem precisar se manifestar, efetivamente. Para ela:

Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida. Além disso, ao “curtir” algum enunciado, os atores passam a ter seu nome vinculado a ele e tornam público a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida” (RECUERO, 2014, p.119)

Assim, o botão "curtir" pode ser entendido como o tipo de envolvimento onde se necessita de menor investimento do que os demais. Ao contrário do "curtir", o comentário demonstra total engajamento com a conversação, podendo dar início, inclusive, a novos diálogos que não precisam ter, necessariamente, nada em comum com a publicação original. É a prática conversacional mais clara, segundo Recuero:

Trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original, é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas, atores que “curtam” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais. É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação (RECUERO, 2014, p.120)

Além da opção de comentar, o Facebook também permite que a informação seja compartilhada. Aí, a contribuição encontra-se principalmente no potencial de replicação e amplificação do acesso ao conteúdo. Ao compartilhar, o usuário se apropria da postagem e pode incluir, ou não, um discurso próprio que pode legitimar ou tentar desconstruir a mensagem original. O compartilhamento pode servir como legitimação, também, porque auxilia a moldar o papel social (GOFFMAN, 2013) e o espetáculo online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) de acordo com os interesses do usuário, contribuindo para a reputação do sujeito (RECUERO, 2014), uma vez que valoriza o conteúdo primeiramente publicado.

As apropriações são dinâmicas e surgem a cada momento. A própria característica do Twitter de utilizar *hashtags*⁸⁷ como elemento de contexto já foi adotada pelos usuários do Facebook e de outros sites de redes sociais, como o Instagram, por exemplo.

Assim, por exemplo, referências feitas a um determinado arcabouço cultural podem ser esvaziadas quando atores pertencentes a grupos sociais diferentes têm acesso ao que foi dito. Com isso, novas convenções precisam surgir. É o caso, por exemplo, do uso de *hashtags* como âncoras contextuais no Twitter (HONEYCUTT e HERRING, 2009 *apud* RECUERO, 2014, p.118)

Não restam dúvidas que a CMC influencia, e muito, na construção das relações sociais e transforma, por sua liberdade, os indivíduos que através dela se comunicam. A internet, por sua vez, amplia estas possibilidades e complexifica as trocas sociais, ao mesmo tempo em que as facilita por seu caráter de não-lugar. Sabemos que a CMC é mutante e necessita de apropriação dos espaços oferecidos pelas ferramentas para acontecer. Tal ambiente exige negociação de contextos (RECUERO, 2012) e manutenção das faces (GOFFMAN, 2012), gerando uma cooperação na interação que seja capaz de potencializar a “indireta” como violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e dominação entre desiguais, ao mesmo tempo em que utiliza o discurso “não-dito” (DUCROT, 1987) para reproduzir sua face “ideal”. A seguir apresentaremos os conceitos da Pragmática Semântica de Ducrot (1987), embasando nosso conceito de “indireta” a partir de seu estudo sobre o componente retórico e o componente linguístico, ou seja, ao subentendido e ao pressuposto, respectivamente.

⁸⁷Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>>. Acesso em: 30 set. 2015

4 COMPONENTES LINGÜÍSTICOS PARA DUCROT E A CULTURA DAS “INDIRETAS”

A ideia deste capítulo é apresentar a noção de pressuposto e subentendido desenvolvida por Ducrot (1985), isto é, dois tipos de implícitos que atuam sobre um mesmo enunciado, porém de formas e em momentos diferentes. Enquanto o pressuposto seria associado ao componente linguístico, o subentendido diria respeito ao componente retórico. O primeiro seria ligado ao ato ilocutório e o segundo ao ato perlocutório. São diferenciações relevantes para o entendimento dos compartimentos que fazem parte da descrição linguística do autor e que constitui a base de que partiremos para a nossa discussão sobre as “indiretas” no Facebook.

O percurso de Ducrot (1987) é dinâmico, fazendo o autor contradizer, sem muito constrangimento, as suas próprias teorias, apesar de se preocupar em detalhar e explicar cada modificação. O conceito de pressupostos e subentendidos, que nos dispusemos a trabalhar, é uma das primeiras concepções discutidas pelo francês. Mesmo assim, consideramos válida uma breve e necessariamente superficial retomada dos principais estudos desenvolvidos por Ducrot, tentando facilitar o entendimento do leitor a partir de uma organização cronológica do texto. Feito isso, entraremos na questão dos implícitos, seguido de atos ilocutórios e especificando os dois componentes responsáveis pelos pressupostos e subentendidos. Por fim, com o olhar direcionado para tais mecanismos implícitos na linguagem, trataremos de abordar as “indiretas” dentro da mesma perspectiva de Ducrot (1987). A seguir, um pouco da trajetória do autor.

4.1 ESTUDOS DE DUCROT

Organizando o texto de acordo com o tempo em que Ducrot se debruçou em suas pesquisas, temos a noção de que a pressuposição seria um ato ilocutório particular inscrito no conteúdo semântico dos enunciados que foi discutida por Ducrot no artigo “*Le roi de France est sage*”: *implication logique et présupposition linguistique*”, em 1966. A hipótese de uma teoria semântica aparece pela primeira vez nos trabalhos de Ducrot em um artigo publicado na revista *Langue Française* em 1969. Logo, em 1972, o autor lança o livro *Dire et ne pas dire*,

ou Dizer e não dizer, com um estudo mais aprofundado sobre sua descrição de pressuposição que está fundamentada na noção de ato de linguagem, isto é, de ato ilocutório.

Percebendo a confiança cega na linguagem que envolve o ato ilocutório, em 1977 Ducrot revisa sua proposta de semântica linguística e contraria toda a sua concepção desenvolvida a cerca dos pressupostos e subentendidos desde 1969, quando publicou o primeiro artigo abordando o assunto. Segundo o próprio autor:

Para resumir em algumas palavras a origem destas contradições, diria que elas se devem a uma progressiva reviravolta na minha atitude diante da filosofia da linguagem anglo-americana. Tendo partido de Strawson, Austin e Searle, cuja leitura foi a base de todas as minhas pesquisas, e de quem eu unicamente contava aplicar as ideias em linguística, fui levado a abandonar a maioria de suas teses. (DUCROT, 1987, p.8)

Esta infidelidade – termo empregado pelo próprio autor tanto em relação a ele mesmo quanto em relação aos teóricos que embasaram suas pesquisas durante tanto tempo – refere-se a uma inquietação pessoal que visa explicar algumas lacunas deixadas na concepção anterior. Em 1979, Ducrot publica na revista *Langue Française* o artigo “*Les lois du discours*”, onde as funções do componente linguístico e do componente retórico são novamente discutidas e, em 1980, no primeiro capítulo de “*Les mots du discours*”, surge a primeira versão da teoria polifônica da enunciação por meio da qual, segundo explica Bocchese(1993), extinguem a noção de um sujeito único na enunciação que até o momento era muito sólida na linguística. A grande oposição seria a de dar à alteridade um valor “constitutivo”. Para Ducrot (1987) esta teoria entende que o sentido de um enunciado é capaz de descrever a enunciação como um diálogo transparente em que diversas vozes se entrecrocavam. Quanto a esta noção, Ducrot ressalta que busca:

descobrir no sentido dos enunciados um comentário da enunciação muito mais fundamental que aquele que se expressa na realização dos atos ilocutórios: estes aparecem como um fenômeno segundo, derivado a partir de uma realidade mais profunda, a saber, a descrição do dizer como uma representação teatral, como uma polifonia (DUCROT, 1987, p.8)

A enunciação, assim, passa a ser vista a partir de um jogo de vozes que, concomitantemente, estão se representando. Também se reconhece a existência de um ser empírico produtor do enunciado e os diferentes seres de discurso, ou seja, o locutor e o enunciadador. Em 1981, Ducrot publica o artigo “*L’argumentation par autorité*”, sugerindo

uma “autoridade polifônica”, que estaria inscrita na língua e seria coextensiva a toda argumentação como um jeito de revelar a verdade de enunciados somente pelo fato de eles serem a asserção de uma asserção.

Mas foi em 1984, no artigo “*Esquisse d’une théorie polyphonique de l’énonciation*”, publicado no livro *Le dire et le dir* (1984) que Ducrot mostra uma nova reelaboração de sua concepção polifônica, apresentando uma visão dinâmica e funcional da língua e linguagem – também entendidas como uma forma de ação. Segundo Carlos Voght, autor que também utiliza esta teoria polifônica: “[...] falar é, antes de mais nada, constituir seu próprio pensamento obrigando outrem a nos enviar dele um reflexo, e [...] a língua tem por função primordial permitir este jogo de fala”. (VOGHT, 1977, *apud* BOCCHESI, 1993, p.19)

Finalmente, em 1988, Ducrot faz intervir a concepção de polifonia em seu conceito de argumentação da língua, onde a argumentação está na própria língua, avançando e sugerindo uma nova hipótese situada na origem de um *topos*⁸⁸. Treze anos mais tarde, o autor retoma sua discussão sobre a polifonia, mas, desta vez, o foco é na distinção de um enunciador e diversos pontos de vista. Esta teoria, desenvolvida em colaboração com sua esposa, Marion Carel, chamou-se de Teoria dos Blocos Semânticos (DUCROT e CAREL, 2001).

Esta dissertação, no entanto, irá se restringir à concepção inicial de Ducrot, isto é, buscará entender como a violência simbólica pode ser manifestada através do dito e do “não-dito”(DUCROT, 1987) perpetuando um *habitus* (BOURDIEU, 1930) historicamente naturalizado pelos usuários apoiando-se, para isso, na proposta dos subentendidos e pressupostos – componente retórico e componente linguístico. Diante de tantas hipóteses, formulações e reformulações de conceitos, acreditamos que será esta a mais relevante para buscar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) nas “indiretas” no Facebook. A partir de agora, passaremos a pensar a linguagem no campo do implícito de acordo com Ducrot (1987) em sua primeira concepção de pressupostos. Logo, entraremos mais fundo no que diz respeito aos atos ilocutórios e em seguida, abordaremos as especificidades de cada componente, chegando, finalmente, em nossa proposta de “indireta” a partir dessa mesma concepção.

⁸⁸ *Topos* é o princípio argumentativo que constitui o enunciado e é o responsável por direcionar e orientar o enunciado à conclusão. Seria uma espécie de intermediário entre o argumento e a conclusão. Ver: Ducrot (1989) *Argumentação e ‘topoi’* argumentativos. In: Guimarães, Eduardo (Org.). *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. (Tradução de Eduardo Guimarães) e Ducrot (1999) *Os “topoi” na teoria da argumentação na língua*. In: *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, UFSCar, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999. (Tradução de Rosa Attié Figueira)

4.2 IMPLÍCITOS NA LINGUAGEM

Há discurso também nas entrelinhas. Há discurso mesmo sem palavras. Muito mais do que uma combinação linguística coerente que pretende comunicar algo, um discurso se mostra parte fundamental da construção de um sujeito que pode adotar formas distintas de representação perante outros atores em vários cenários sociais. Vale lembrar que inicialmente a língua era vista somente como um código, um sistema lógico a fim de expressar o pensamento dos indivíduos. Em um momento posterior, o uso da língua passa a ter sua função principal reconhecida na comunicação, já que só realizamos um ato de fala quando desejamos comunicar algo ao outro. Esse outro, o destinatário, começa a ser levado em consideração no processo e a língua apresenta-se como um espaço eficaz para construir relações sociais, interações entre os sujeitos.

Ducrot nunca concordou muito com as teses que buscam explicar as linguagens⁸⁹ naturais de uma maneira extremamente lógica. Para ele, muito além da simples informação, a linguagem teria a capacidade de instituir relações (DUCROT, 1973) de diversos fins (colaboração, luta, dominação, etc.) entre os indivíduos. Enquanto pode ser percebida como um objeto atestado e transparente, a língua é capaz de se constituir, também, em um campo desconhecido, configurado por ocultamentos, camuflagens e até mesmo enfrentamentos. O implícito na linguagem teria a função de dar a entender informações que não nos interessam reproduzir explicitamente em determinado enunciado. Nos termos de Ducrot (1987), seria deixar “não-expressa” uma afirmação essencial para a coerência do enunciado em questão (o pressuposto). O implícito fundado na enunciação (subentendido) entende, por outro lado, que não se toma a palavra por nada, mas para algum fim específico.

Segundo Zandwais (1990), a presença dos implícitos na linguagem também pode estar ligada a mecanismos de juízos e valores, como a polidez, por exemplo. Assim, buscando evitar o atrito e/ou estabelecer confrontos específicos, muitas vezes pode parecer mais vantajoso elaborar um enunciado em que certas informações sejam resguardadas do que expô-las às eventualidades da língua e à interpretação do destinatário. Deste modo,

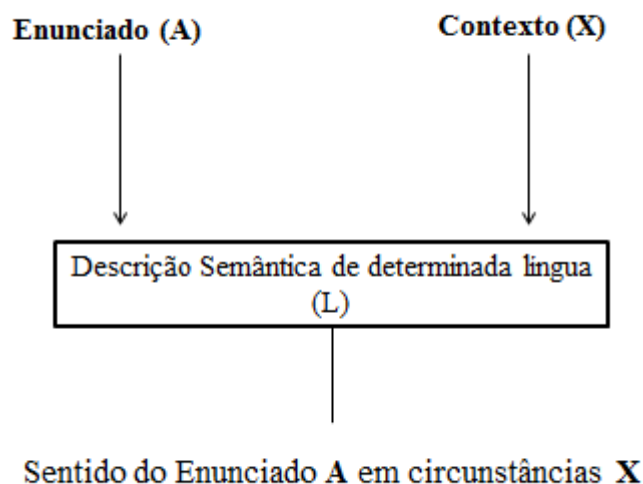
⁸⁹ A noção de língua, neste caso, vai além do conceito saussureano, ou, como explica Ducrot: “[...] somos levados a admitir que as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação, tomada no sentido estrito, isto é, à troca de conhecimentos: ao contrário, introduz-se entre elas uma grande variedade de relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra. A língua, então, não é mais apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe, também, a esse encontro, formas bem determinadas. Não é mais somente uma condição da vida social, mas um modo de vida social.” (DUCROT, 1972, p.12)

quando se diz de forma implícita aquilo que se pensa, acredita ou deseja, garante-se, pelo menos, maior isenção de responsabilidades sobre os conteúdos das falas proferidas, pois, afinal, somente aquilo que é dito pode ser contradito (ZANDWAIS, 1990, p.12)

Fazer uso desses mecanismos implícitos pode parecer interessante em determinadas situações, então, já que é possível sempre se retirar do enunciado e esconder-se por detrás das palavras: “Eu não disse isso”, “Não foi bem assim que eu falei.”, etc. Se não foi dito, não faz sentido ser contradito, como Zandwais (1990) bem colocou. É justamente aí que a proposta de Ducrot (1987), apesar das alterações e deslocamentos sofridos no decorrer de suas pesquisas, nos despertou interesse, pois “trata-se sempre do que, no sentido de um enunciado (no “dito”), diz respeito à aparição deste enunciado (seu “dizer”)” (DUCROT, 1987, p.7). A seguir indicaremos elementos específicos da Pragmática Semântica de Ducrot, distinguiremos componente retórico e componente linguístico para então discutirmos sobre como este modelo está relacionado com o mecanismo das “indiretas” no Facebook.

4.3 A PRAGMÁTICA SEMÂNTICA DE DUCROT

A Pragmática Semântica de Ducrot (1987) apresenta uma hipótese que se preocupa com a ação humana, como a pragmática, mas situa sua investigação nas ações realizadas pela linguagem, o que configura seu lado semântico, linguístico. Tomando como base a linguagem, esta pragmática tenta entender como determinadas palavras, empregadas em certas circunstâncias, são capazes de exercer uma influência como se estivessem revestidas de eficácia. Segundo Ducrot(1987), a descrição semântica de determinada língua – chamaremos de língua L – pode ser considerada como “um conjunto de conhecimentos que permitem prever, frente a um enunciado A de L, produzido em circunstâncias X, o sentido que esta ocorrência de A tomou nesse contexto” (DUCROT, 1987, p.14). É o que o Esquema 1 apresenta:



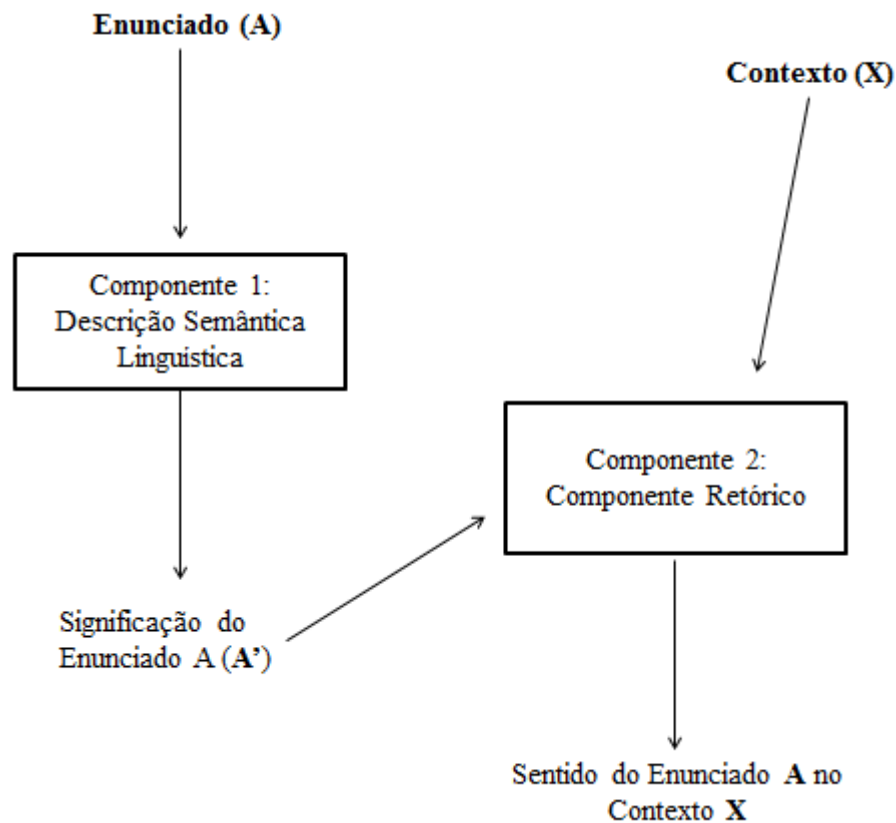
Esquema 1: Descrição Semântica de uma língua L

Fonte: (DUCROT, 1987, p.14)

Levando em consideração o Esquema 1, a ordem da descrição semântica de uma língua ficaria aberta para as infinitas possibilidades passíveis de surgir a partir de um enunciado qualquer. Considerar uma descrição semântica a partir deste esquema poderia ser um trabalho constante e interminável, pois “[...] seria preciso prever, para cada enunciado, a infinidade de significações decorrentes da infinidade de contextos possíveis...” (DUCROT, 1987, p.15). Esta análise, então, teria de envolver conhecimentos linguísticos e leis de ordens e disciplinas diversas, assim como avaliar os hábitos linguísticos da coletividade que fala a língua L e, somente a partir da retomada dessas informações, tentar identificar os diversos tipos possíveis de utilização da linguagem para fins diferentes. Para o autor:

Caso contrário, como dar conta do fato de que, em certas circunstâncias, o enunciado *Que tempo bom!* possa ser dotado de um valor aproximadamente equivalente a *Que tempo feio!*, e, em outras circunstâncias, ser compreendido como *Não temos muita coisa a dizer um ao outro e etc.*” (DUCROT, 1987, p.15)

Apoiando-se nas lacunas deixadas por essa descrição semântica, Ducrot (1987) propõe uma nova hipótese que transforma o retângulo do Esquema 1 em dois compartimentos chamados de componente linguístico e componente retórico (Esquema 2). Esta é sua hipótese de Pragmática Semântica.



Esquema 2: Nova proposta de Descrição Semântica

Fonte: Ducrot (1987,p.16)

A partir da distinção desses dois conjuntos de conhecimentos é que Ducrot (1987) acredita ser o caminho para conseguir explicar, de fato, os efeitos de sentido constatados em uma frase. Exemplificando com as palavras do próprio autor: “A A corresponde a significação A’. Caberia ao segundo componente (o componente retórico), considerando a significação A’ ligada a A e as circunstâncias X nas quais A é produzido, prever a significação efetiva de A na situação X”. (DUCROT, 1987, p.15)

Desta maneira, o componente linguístico daria conta do pressuposto enquanto o componente retórico situaria o discurso subentendido. Daí o nosso interesse pelos efeitos implícitos, pois este trabalho busca identificar rastros de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) deixados em discursos reproduzidos em conversações retiradas do Facebook, mas de uma maneira velada, quase imperceptível. É dos efeitos da enunciação⁹⁰ que a Pragmática

⁹⁰Ducrot(1987) diferencia enunciado, frase e enunciação. Para ele, o enunciado seria um fragmento de discurso, uma ocorrência particular imediata da frase ou, como Ducrot especifica, uma manifestação *hic et nunc* (aqui e agora). Ao contrário do enunciado, que pertence ao domínio do observável, a frase consistiria em um objeto teórico e não observável. De frase ainda é preciso distinguir a enunciação. Assim como acontece com os termos precedentes, Ducrot (1987) admite a existência de outras visões sobre a enunciação, mas delimita bem a qual está filiando sua pesquisa, ou seja, a compreensão de enunciação como um acontecimento derivado do aparecimento de um enunciado. É uma situação histórica e irrepetível, isto é, “é dada existência a alguma coisa

Semântica de Ducrot (1987) pretende dar conta. O autor justifica sua pragmática na medida em que também considera que o sujeito falante realiza atos, mas o ato que veicula ao interlocutor um saber sobre a sua própria enunciação.

Desta forma, interpretar uma produção linguística consiste, para Ducrot, “entre outras coisas, em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido⁹¹” (1987, p.173). Esses atos de fala são classificados como ilocutórios por Austin (1990) e possuem sua força ilocucional imersa na própria enunciação (DUCROT, 1987), delimitada por um poder jurídico. A força ilocutória de um enunciado se destaca quando Ducrot (1987) utiliza o exemplo do centurião do Evangelho⁹², que reconhece o poder da palavra de Jesus quando diz a seu criado “venha!”, e o criado vai. Mais do que isso:

Não se trata mais do que se faz quando se fala, mas do que se considera que a fala, segundo o próprio enunciado, faz. Utilizando um enunciado interrogativo, pretende-se obrigar, pela própria fala, a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, o de responder e, do mesmo modo, pretende-se incitá-lo a agir de uma certa maneira, se se recorre a um imperativo, etc. O ponto importante, ao meu ver, é que esta incitação para agir ou esta obrigação de responder são dadas como efeitos da enunciação (DUCROT, 1987, p.163)

Esses são atos que se realizam na linguagem e pela linguagem, o que lhes confere características ilocutórias, conforme abordaremos a seguir.

4.4 ATOS ILOCUTÓRIOS

Antes de abordarmos as características dos atos ilocutórios especificamente, consideramos relevante indicar, rapidamente, o que Ducrot (1987) entende por ação, ação jurídica, ato jurídico e, finalmente, ato ilocutório. Compreende-se por ação toda atividade resultante do sujeito e caracterizada de acordo com as modificações que ela traz – ou deseja trazer – ao mundo. Aí se encontram as transformações trazidas à situação física e/ou social do sujeito que age. Quando ocorre uma modificação referente às relações legais que existem em

que não existia antes de falar e que não existirá mais depois” (Ducrot, 1987, p.168). Trata-se de uma aparição instantânea e efêmera. O próprio enunciado é parte da enunciação.

⁹¹ É chamado de sentido o conjunto de indicações sobre a enunciação. Trata-se de uma qualificação que é capaz de atribuir à enunciação certos poderes e consequências (Ducrot, 1987) e que se comunica ao interlocutor.

⁹² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus_curando_o_servo_do_centuriao>. Acesso em: 11 jun. 2015

torno dos indivíduos, como o ato de autoridade, por exemplo, que impõe o reconhecimento de uma obrigação aos demais indivíduos, há o que se chama de ação jurídica.

O ato jurídico, por sua vez, é um caso particular de ação jurídica. Esta encara as transformações nas relações legais como efeito primeiro do ato e não como a consequência de um efeito logicamente anterior. Ducrot (1977) explica que através desses atos os indivíduos conseguem se impor deveres uns aos outros e que a modificação mesmo se dá no que diz respeito aos direitos e deveres existentes na sociedade. Por fim, o ato ilocucional é um caso particular de ato jurídico, isto é, seria um ato jurídico realizado pela fala.

Para Austin (*apud* DUCROT, 2001), ao se enunciar uma frase – qualquer que seja – realizam-se três atos simultâneos. São eles: o ato locutório, o ato ilocutório e o ato perlocutório. O ato locutório – que posteriormente foi criticado por Searle (2001 *apud* DUCROT) – compreenderia as articulações e combinações de sons, assim como as relações sintáticas sustentadas pelas palavras. O ato ilocutório onde se situa o pressuposto, seria caracterizado quando uma certa transformação das relações entre os interlocutores acontece, isto é, na medida em que a enunciação da frase se mostra, ela mesma, como um ato (DUCROT *apud* AUSTIN, 2001). São atos como o de prometer, quando se diz “Prometo...”, o de fazer com que o destinatário crie uma hipótese quando sugere “Se...”, o de questionar, dizendo “Será que...?”. Austin pontua três critérios para avaliar os atos ilocutórios. Primeiramente, é um ato que se realiza na própria fala, isto é, não se trata apenas de uma consequência da fala. O segundo critério é que o ato ilocutório pode sempre ser explicitado por uma formula performativa, como por exemplo, “Eu te pergunto se...”, “Eu te aconselho a...”. Em terceiro lugar, um ato ilocutório é, para Austin, sempre convencional. Ducrot simplifica:

Austin quer dizer, sobretudo, que o ato ilocutório não é a consequência, lógica ou psicológica, do conteúdo intelectual expresso na frase pronunciada, e que ele só se realiza pela existência de uma espécie de cerimonia social, que atribui a tal fórmula, empregada por tal pessoa, em tais circunstâncias, um valor particular (DUCROT *apud* AUSTIN 2001, p.304)

Então independentemente do contexto, cada ato ilocutório já conteria um valor particular ao ser enunciado e que, como veremos, é através deste componente linguístico, o pressuposto, um segundo conjunto poderá entrar em ação, trata-se do componente retórico, o subentendido.

Finalmente há o ato perlocutório, onde apesar de ter domínio e esclarecimento suficiente sobre determinada língua, o interlocutor pode se atrapalhar e não conseguir entender o que estava querendo ser passado pelo locutor. O subentendido estaria situado nos atos perlocutórios. Já falamos que, ao interrogar um sujeito, impõe-se sobre o enunciado um valor particular. Entretanto, é preciso levar em conta as situações de enunciação para efetivamente compreender o que o indivíduo queria dizer quando o interrogou. Quer dizer que mesmo estando explícito o ato de questionar, o contexto em que esse ato foi realizado é que será capaz de evidenciar se o objetivo era perguntar para embaraçar, reforçar o valor da opinião ou até mesmo prestar algum tipo de serviço ao destinatário.

Enquanto o ato de fala perlocucionário diz respeito ao componente retórico, ao subentendido, o ato ilocutório é referente ao pressuposto. Este, diferentemente do anterior, não se realiza na linguagem, mas sim pela linguagem. Simplificando essa noção, Tavares (2009) diz:

O perlocucionário é o resultado do ato de fala ilocucionário e depende do contexto de enunciação para conseguir o efeito desejado pelo locutor. Ele também é o efeito dos outros dois atos de fala. No ato perlocucional, a fala é um instrumento que implica provocar algum efeito como consequência do enunciado no interlocutor (TAVARES, 2009, p.11)

Um exemplo poderia ser o enunciado “Vou chamar a polícia!”, onde existe a possibilidade de o interlocutor entender algum tipo de intimidação, já que se trata de uma possível intervenção de um órgão de segurança que deve ser acionado em caso de necessidade, trazendo consequências mais claras e diretas para o ato – jurídico - em questão. É justamente nesse tipo de ato de fala que o locutor pode obter efeitos terceiros que não correspondem apenas ao simples entendimento do enunciado pelo interlocutor. E é no interior desse componente que acreditamos que iremos encontrar evidências de violência simbólica (BOURDIEU, 1930).

Tendo em vista, então, que a descrição semântica de uma língua é o que Ducrot (1987, p.56/57) chamou de “uma máquina suscetível de fazer corresponder a cada enunciação (isto é, a cada emprego de um enunciado em uma situação) o sentido que os sujeitos falantes, de fato, atribuem-lhe”, seguimos a ideia de que a produção de sentido seria realizada em dois momentos diferentes. Primeiramente, o componente que Ducrot denominou de componente linguístico faria com que o enunciado fosse correspondente à determinada significação. Posteriormente, outro componente, o retórico, se apoiaria na significação do enunciado e em

elementos situacionais na tentativa de atribuir um sentido para a enunciação. É o que veremos a seguir.

4.5 COMPONENTE LINGUÍSTICO: OS PRESSUPOSTOS

O componente linguístico atua como um decodificador na semântica de Ducrot (1987). Vê a língua como um sistema lógico que vai da frase à significação, isto é, independentemente de qualquer contexto cada enunciado recebe determinada descrição (a significação). A ideia é de que neste componente estariam presentes elementos fundamentais para a compreensão do enunciado, de forma que não seria possível seu entendimento caso alguma dessas informações fosse retirada ou reprimida. O componente linguístico deve apresentar, por assim dizer, um poder explicativo. Segundo Ducrot (1987):

A hipótese incorporada a este esquema pressupõe que as circunstâncias da enunciação são mobilizadas para explicar o sentido real de uma ocorrência particular de um enunciado, somente depois que uma significação tenha sido atribuída ao próprio enunciado, independentemente de qualquer recurso ao contexto. (DUCROT, 1987, p.16)

Esta primeira significação atribuída ao enunciado é, para o autor, marcada na língua e diz respeito ao conteúdo posto e ao pressuposto. É necessário observar que a descoberta dos pressupostos é incumbência do componente linguístico, são contribuições próprias do enunciado. São as pressuposições, segundo Zandwais (1990) que norteiam as direções da conversação, de forma que ela tenha uma progressão lógica. É preciso entender que “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que já soubesse” (DUCROT, 1972, p.77). Um enunciado, assim, perderia toda a sua significação se seu pressuposto não fosse admitido.

Segundo Ducrot, “dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X.” (DUCROT, 1987, p.42). É o exemplo “Pedro deu pouco vinho a Jaques”, onde, necessariamente há de se admitir que Pedro deu vinho a Jaques para que consiga efetivamente se entender o enunciado no que diz respeito a quantidade de vinho

indicada pelo uso de “um pouco”⁹³. Isto é, só poderemos prosseguir um diálogo se o fato de Jaques tomar vinho estiver acordado entre as duas partes. Outro exemplo utilizado pelo autor é “Se Pedro vier, Jaques partirá”, onde é perfeitamente aceitável pensar, diante de “Pedro não veio”, que Jaques não partiu. Ducrot (1987, p.85/86) descreve a pressuposição, inclusive, “como um tipo particular de ato de fala ilocutório, como um certo modo de propor regras para o discurso posterior”, já que é através dele que determina-se as possibilidades de fala do interlocutor.

Por isso, para um ouvinte diante de uma situação enunciativa, é razoável questionar se o locutor estava autorizado a falar como falou e quais seriam as suas intenções com este ato. Há uma abertura para provocação causada pelas escolhas das palavras por parte do locutor para impor-se continuamente uma forma de dar sequência ao discurso. Estas normas estipuladas à enunciação são chamadas de leis de discurso. Cada lei do discurso, segundo o autor, é correspondente a um tipo particular de subentendido que daria a entender que, uma vez acionado, cumpriu todas as exigências impostas por essa lei. Trataremos disso junto com o componente retórico que veremos na sequência.

4.6 COMPONENTE RETÓRICO: OS SUBENTENDIDOS

O componente retórico trabalha com as significações onde o componente linguístico já tenha distinguido os postos e os pressupostos. Ao contrário do componente linguístico, marcado na língua, o componente retórico surge como se fosse uma informação ausente no enunciado que é acrescentada após a realização do discurso. Este caracteriza a maneira pela qual a significação do componente linguístico é introduzida ao sentido. Desta forma:

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes da comunicação. (DUCROT, 1987, p.20)

Um dos principais contrastes entre os dois componentes em questão é que um – o componente linguístico – observa o enunciado sem levar em conta as suas condições de

⁹³ Ducrot(1987) reserva um espaço específico para tratar a questão do uso de “pouco” e “um pouco” na página 27.

ocorrências, enquanto o outro – o componente retórico – é o responsável por ativar esse processo de raciocínio que levará ao descobrimento do subentendido. O componente retórico, então, vai da significação ao sentido e é caracterizado por considerar as situações de discurso, procurando nelas, elementos que possam preencher os vazios inscritos na significação da frase (DUCROT, 1987). É através deste componente que se coloca em funcionamento as leis de discurso, que também apontaremos mais adiante.

Zandwais (1990) explica que o componente retórico vai além das significações implícitas veiculadas pelo próprio léxico, mas que esses efeitos de sentido investigam especificamente os contextos situacionais específicos nos quais cada enunciado é produzido. A ideia é conseguir cercar determinado contexto em que o falante se situa para perceber o que ele pretendia dizer com o que disse, ou seja, na perspectiva de concluir atos de fala inconclusos, de acordo com o contexto em que são proferidas. Rapidamente apresentaremos exemplos, primeiro utilizando o sistema dos pronomes e depois observando os aspectos temporais, para entender como atuam os três termos recém empregados.

Segundo Ducrot (1987), poderíamos afirmar que o pressuposto, levando em conta os pronomes, se apresenta como pertencendo ao “nós”, de forma que o posto é atribuído pelo “eu” e o subentendido designado ao “tu”. Da mesma maneira, usando os recursos temporais é possível dizer que o posto se anuncia simultaneamente no ato da conversação, isto é, no momento da realização do ato. O subentendido, inversamente, é apresentado em um momento posterior a esse enunciado, como se fosse uma informação nova acrescentada a partir da percepção do ouvinte. Já o pressuposto “mesmo que, de fato, nunca tenha sido introduzido anteriormente ao ato de enunciação [...], ele procura sempre situar-se em um passado do conhecimento, e, eventualmente fictício, ao qual o locutor parece referir-se” (DUCROT, 1987, p.20). Grosso modo, podemos, então, associar o posto ao presente, o pressuposto ao passado e o subentendido ao futuro, por ocorrer necessariamente após o ato ilocutório.

Para Ducrot (1987), o subentendido passa a adquirir seu valor particular quando se opõe a um sentido literal do qual ele mesmo se exclui. É por isso que dissemos que para cada enunciado subentendido, há, por trás, um sentido literal em que os subentendidos não estão contidos. Utilizando o mesmo exemplo de “Pedro parou de fumar”. Ao falar que Pedro parou de fumar a algum fumante, por exemplo, o enunciado pode ultrapassar as determinações do componente linguístico e acionar o outro conjunto de conhecimentos chamado de componente retórico, no nível da enunciação, a fim de realizar uma reflexão posterior ao ato posto e pressuposto. Um fumante, por exemplo, ao escutar “Pedro parou de fumar” pode encarar isso como uma crítica velada, um desafio e/ou no mínimo, uma comparação entre os dois sujeitos.

Isto porque, para Ducrot (1987), nenhum ato de fala é realizado sem finalidade, pois está determinado por leis de discurso, responsáveis por efeitos diversos que abordaremos agora.

4.7 LEIS DE DISCURSO

As leis de discurso são definidas por Ducrot (1987) como normas impostas à situação, à produção de enunciados. Segundo o autor, há valor no fato de um enunciado ser produzido de certa maneira e não de outra e isso tem a ver com as circunstâncias e momento específicos em que o ato de fala é realizado. De uma maneira geral, há um raciocínio que leva em conta uma fórmula do tipo “se alguém julga que é adequado dizer-me isso é, sem dúvida, porque pensa aquilo” (DUCROT, 1987, p.21/22). Isto porque falar é reclamar atenção de alguém e não parece coerente falar com os outros senão daquilo que se sabe que eles consideram relevante.

Há diversas normas sutis impostas aos enunciados. Uma delas é chamada de Lei da Exaustividade e sugere que quando o locutor produz determinado ato de fala, ele o realiza utilizando os elementos mais fortes de que dispõe. De acordo com Ducrot:

[...] admite-se que, ao menos na sociedade moderna ocidental, é necessário, quando se pretende fornecer informações a um destinatário sobre um determinado assunto, dar-lhe, entre as informações de que se dispõe, aquelas que se creem as mais importantes para o destinatário; em todo caso, não se pode sonegar-lhe uma informação mais importante do que aquelas que lhes são fornecidas, exceto se uma outra lei interdite dar esta informação mais importante. (DUCROT, 1987, p.93/94)

Além de apresentar um enunciado com as informações mais fortes de que se tem conhecimento, há, também, uma Lei de Economia, outro tipo de lei de discurso. Essa lei é simples. Diz respeito ao fato de que o ouvinte tende a supor como úteis todos os elementos contidos no enunciado, isto é, tende a imaginar que tudo o que foi dito só foi dito por que havia necessidade disso, senão não teria necessidade de indicá-lo em seu discurso. Utilizando o exemplo de Ducrot:

Se é afirmado, a propósito de uma pessoa, que ela gosta de romances policiais, o ouvinte inclina-se a concluir, para justificar a precisão trazida pela palavra “policiais”, que ela gosta pouco, ou menos, de outros romances, qual seria a utilidade em acrescentar essa determinação, considerando que seu interesse por romances policiais se deduziria, a título de caso particular, de seu interesse geral pelos romances (1987, p.23)

Da mesma maneira é dizer, por exemplo, “Como você está engraçado esta manhã”, onde fica implícito que o mesmo não acontece no restante do dia, podendo sugerir, inclusive, que o ouvinte é mal humorado a maior parte do dia. Outra lei de discurso que se utiliza frequentemente é a lítotes⁹⁴, uma figura de linguagem que se caracteriza pela negação do contrário. Não são raras as situações em que se diz “Até que ele não foi mal” só pra não admitir que o outro “foi bem”. Ou, para não magoar um amigo, dizer que é “pouco inteligente”, simplesmente porque seria ofensivo e poderia comprometer até mesmo a amizade se se dissesse que o sujeito, na verdade, é “burro”.

É uma maneira de suavizar um enunciado que não seria bem interpretado se fosse dito de modo explícito, estaria sujeito a repressões ou simplesmente se se mostrasse inconveniente naquele momento específico. Trata-se de afirmação pela negação do contrário. Ducrot (1987, p.22) afirma que é por esse tipo de efeito de linguagem que tendemos a tornar expressões do tipo “Jacques não despreza vinho” como equivalentes a “Jacques gosta muito de vinho”.

A ironia é outro tipo de uso na produção dos implícitos. O autor lembra que comumente a ironia é vista como um tipo de antífrase⁹⁵: “diz-se A para levar a entender Não-A” (DUCROT, 1987, p.197). Modifica-se um sentido literal (primitivo) para obter um sentido derivado. Também há o uso do “se”, que força o ouvinte a elaborar uma hipótese imaginária para, efetivamente, apreender o enunciado. O que se diz, para Ducrot (1987), está delimitado por esses efeitos de sentido diversos que circundam o enunciado e permitem que um interpretante suponha:

[...] para compreender um enunciado, que o locutor está, na medida do possível, cumprindo, quando realiza sua enunciação, as leis que regulamentam a tomada da palavra na coletividade linguística a que pertence. Já que os atos indicados no “sentido literal” do enunciado são sempre dados como realizados no momento de sua enunciação, o interpretante suporá, então, que o locutor tinha o direito de realizar estes atos (DUCROT, 1987, p.94)

⁹⁴ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/litotes>> Acesso em: 17 jun. 2015.

⁹⁵ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/antifrase>> Acesso em: 17 jun. 2015.

O autor retoma Récanati (1978) para demonstrar que esse “deixar entender” dos enunciados leva a uma associação instantânea de que todas as normas impostas ao discurso foram cumpridas corretamente, que “estão satisfeitas as condições de o tornar legítimo, mas isto não significa ainda que o locutor “dê a entender intencionalmente” (RÉCANATI, 1978, p.95) ou que deseje compartilhar sua intenção diretamente.

Acreditamos que a violência simbólica de Bourdieu (1930) pode ser identificada em deslizos deste tipo na linguagem, ainda mais quando pensada no contexto mediado pelo computador, justamente por estar submetida aos fenômenos sociais, situacionais, físicos e psicológicos daquele que o produz. É esta, então, a grande diferença entre os pressupostos e subentendidos: enquanto o posto e pressuposto se encontram limitados apenas pelos fatos de língua, o subentendido aparece como um “acréscimo”, um raciocínio posterior à enunciação e que depende, necessariamente, do contexto e dos fatores individuais de cada interpretante.

4.8 “INDIRETAS” DENTRO DA PERSPECTIVA DE DUCROT

Nesse trabalho entendemos a “indireta” como um tipo particular de não dito, o subentendido de Ducrot (1987). Assim como o autor, concordamos que todo o dizer comporta um outro dizer e que isso é diretamente relacionado ao contexto em que ocorre a realização do ato ilocutório de fala. Entretanto, a “indireta” aparenta ter sempre um “alvo”, um destino – ou mais de um -, mas necessariamente possui uma direção. Essa direção não é clara e, por ser “indireta”, é capaz de disseminar muito mais facilmente *habitus* (BOURDIEU, 1930) culturalmente aceitos e naturalizados.

Cabe lembrar que a “indireta” é tão dinâmica quanto a CMC, dependendo sempre do sujeito e do arcabouço cultural (ZANDWAIS, 1990) que dará – ou não – subsídios para a compreensão do sentido do enunciado em questão. Isso faz da “indireta” um efeito de sentido derivado do subentendido que também é extremamente contextual. Por isso a relevância de entender o micro e macrocontextos (RECUERO, 2012) em que acontecem as interações, pois serão eles que identificarão e elevarão o subentendido ao posto de “indireta”.

A “indireta” se dá no momento em que o componente linguístico (pressupostos) já tenha atribuído um sentido a determinado discurso, abrindo espaço para que o componente retórico (subentendidos) possa dar início ao raciocínio posterior à enunciação, Isto quer dizer que a “indireta” acontece no mesmo nível em que o subentendido é descoberto, mas constitui

um efeito de sentido fundamentalmente caracterizado pela violência simbólica (BOURDIEU, 1930), manifestada na linguagem.

O princípio da “indireta” aparenta ser atingir o outro. Isso pode acontecer através da valorização da face (GOFFMAN, 2012) positiva do usuário emissor da “indireta” ao mesmo tempo em que ocorre uma ameaça clara à face de seu receptor. Assim, ao publicar uma “indireta” o sujeito tende a realizar um duplo processo. Enquanto utiliza os recursos da CMC e do Facebook para ajustar sua representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) a fim de proteger sua face (GOFFMAN, 2012), criando contextos em que dispõe seus recortes estratégicos de *self*, ele também ameaça a face do outro. Tudo isso em uma única publicação. Esta, para nós, é uma das grandes diferenças do subentendido de Ducrot (1987) e das “indiretas”.



Figura 24: Exemplo de "não-dito" retirado da página "Sarcasmo Feminino", no Facebook.

A postagem da Figura 24⁹⁶ revela um clássico subentendido sob a perspectiva de Ducrot (1987). Na imagem, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, cumprimenta a chanceler da Alemanha, Angela Merkel⁹⁷. Esta é uma foto de 2011 em um dos encontros do g20, mas a partir do enunciado “Desculpa, Dilma, mas eu paguei em Euro” e do contexto – a postagem foi feita em 8 de julho de 2014, dia em que a Seleção Brasileira perdeu um jogo decisivo de

⁹⁶ Link para postagem: Disponível em:

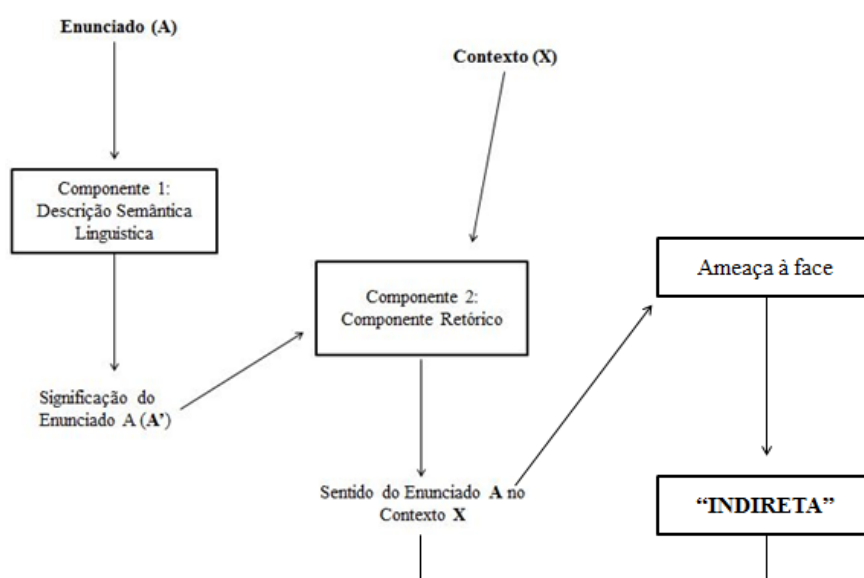
<<https://www.facebook.com/224674890957904/photos/pb.224674890957904.-2207520000.1417032578./656313754460680/?type=1&theater>>. Acesso em: 07 out. 2015.

⁹⁷ Disponível em:

<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/11/dilma-se-reune-com-angela-merkel-primeira-ministra-da-alemanha.html>> Acesso em: 07 out. 2015.

7x1 para a Alemanha⁹⁸ – leva-nos a entender que a Copa do Mundo foi comprada. No entanto, essa postagem não pode ser entendida como uma “indireta”, pois não há nenhum tipo de “não-dito” que, de fato, ameace a face (GOFFMAN, 2012) do outro, não há violência simbólica (BOURDIEU, 1930) manifestada contra e direcionada ao outro.

Desta forma, entendemos como “indireta” o ato que for destinado a outros indivíduos com caráter limitador e categorizador do sujeito. Acreditamos que a cultura das “indiretas” dá um passo além do processamento retórico que Ducrot (1987) descreve em sua *Semântica Linguística*. A “indireta” deriva do mesmo conjunto retórico que determina o subentendido, mas ela vai além deste sentido e busca efeitos de linguagem estratégicos para ferir o outro – sua face –, enquanto o mesmo discurso é capaz de atuar legitimando os pressupostos que valorizam a face daquele que “manda” a “indireta”. Seguindo os esquemas propostos por Ducrot (1987), teríamos uma continuação mais ou menos como sugerimos no Esquema 3.



Esquema 3: Proposta de tipo específico de subentendido: a "indireta"

Em nosso ponto de vista, portanto, para ser uma “indireta”, é preciso que o não-dito exerça algum tipo de violência e/ou ameaça à face do(s) outro(s). A “indireta” atinge ao mesmo tempo em que protege. A ameaça à face do outro, no entanto, é fundamentalmente gerada e mantida a partir da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que se encontra entrelaçada na linguagem e dá amparo a uma relação entre usuários que se estabelecem sobre os outros (ELIAS, 2000), determinando seus subordinados (ODÁLIA, 1985) através desse tipo de “não-dito” (DUCROT, 1987).

⁹⁸ Disponível em:

<<http://esportes.terra.com.br/alemanha/alemanha-da-maior-surra-no-brasil-e-estracalha-sonho-do-hexa,73a0abb3c9717410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 07 out. 2015

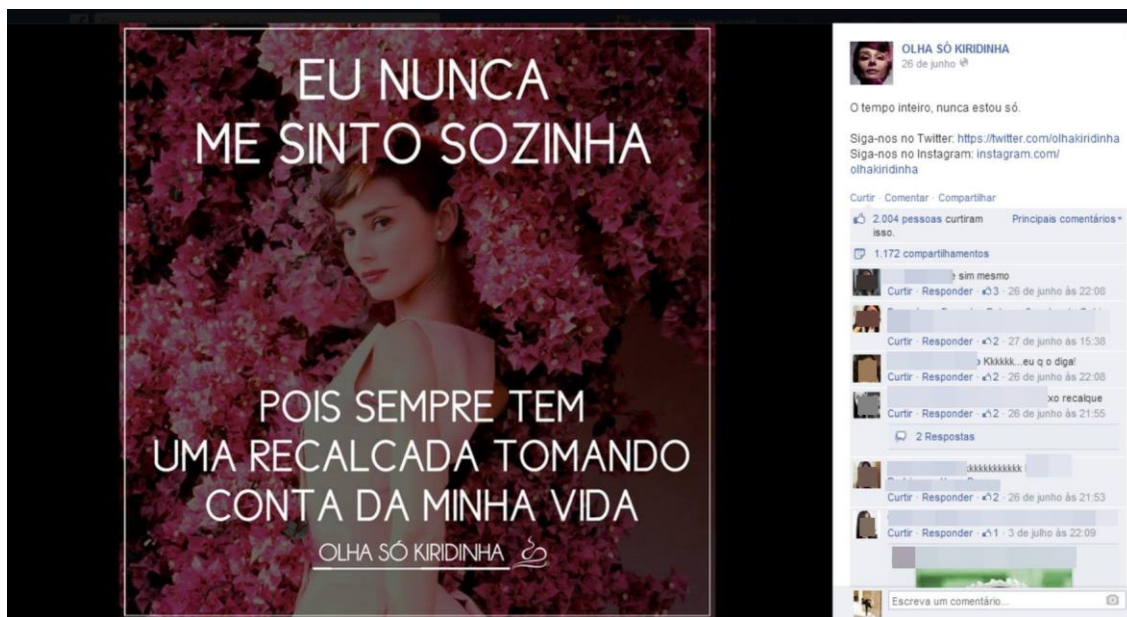


Figura 25: Exemplo de "indireta" retirada da página "Olha só Kiridinha", no Facebook.

A Figura 25⁹⁹, por sua vez, pode ser compreendida como “indireta”, pois ao mesmo tempo em que valoriza a face do usuário emissor – ao falar que tem uma “recalcada¹⁰⁰” tomando conta da sua vida, o emissor ajusta uma imagem de inveja à sua face, valorizando sua face (GOFFMAN, 2012) e moldando sua representação a alguém que desperta inveja. Tudo isso, por sua vez, caracteriza a violência simbólica (BOURDIEU, 1930). A “recalcada” seria uma pessoa reprimida pelas qualidades desse emissor que instaura uma relação de superioridade e, conseqüentemente, ameaça à face deste receptor. Feita a “indireta”, há a possibilidade da potencialização da violência se o receptor tomar para si as informações e atestar o consentimento para que tal dominação aconteça, dando manutenção a um *habitus* (BOURDIEU, 1930) culturalmente aceito e perpetuado.

A “indireta” pode servir também como uma espécie de garantia do anonimato, já que é possível dizer sem ter dito (DUCROT, 1987). A ideia parece ser atingir alguém sem nomeá-lo publicamente. É como o subentendido (DUCROT, 1987), que permite utilizar as palavras para dizer sem dizer, sendo sempre fácil para o sujeito retirar-se do enunciado. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) da “indireta” é permanente e presa à linguagem. Essa violência simbólica (BOURDIEU, 1930) é potencializada pelas características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2010) que auxiliam na manutenção e perpetuação dos valores naturalizados, ao mesmo tempo em que expõem a mensagem a um número expressivo de

⁹⁹Disponível em:

<<https://www.facebook.com/OlhaKiridinha/photos/pb.140244729452626.-2207520000.1447197402./476995372444225/?type=3&theater>> Acesso em: 08 out. 2015

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.significados.com.br/recalcado/>> Acesso em: 08 out. 2015.

indivíduos, aumentando as chances de haver algum tipo de identificação com o discurso subentendido em questão, “vestindo a carapuça” e se tornando refém, por consentimento próprio (BOURDIEU, 1930) dos próprios estigmas nos quais se sente enquadrado, por mais que não se dê conta disso. Há uma violência velada do indivíduo contra ele mesmo, pois é preciso reconhecer e tomar para si as palavras “não-ditas” (DUCROT, 1987) para que a “indireta” seja caracterizada.

Finalmente, cabe salientar também que a “indireta” muitas vezes pode ser apropriada em termos de conversação mesmo, fazendo dos próprios memes os suportes para que a comunicação aconteça. Há, portanto, uma possibilidade de utilizar o próprio discurso subentendido como meio de conversação, onde uma “indireta” é respondida com outra e assim por diante, mas sempre se desfazendo da responsabilidade, pois faz parte de um jogo de palavras estrategicamente pensado para que o indivíduo mantenha-se sempre distante do enunciado.

O “alvo” também pode não se enquadrar na “indireta”, tirando qualquer efeito de ameaça à sua face. Desta forma, permanece a valorização da face do emissor e a ameaça fica permanentemente à procura de outros usuários que possam legitimar a “indireta”, como é o caso da Figura 26¹⁰¹ e Figura 27¹⁰².



Figura 26: Exemplo de "indireta" retirada da página "Me odeia entra na fila", do Facebook

¹⁰¹ A postagem pode ser vista em:

<https://www.facebook.com/AdoroCertasCoisasQuePostam/posts/743800432399433> (Acesso em 08/10/2015)

¹⁰² A postagem pode ser vista em:

<https://www.facebook.com/OlhaKiridinha/photos/a.140246992785733.41001.140244729452626/750582475085512/?type=3&theater> (Acesso em 08/10/2015)



Figura 27: Exemplo de "indireta" retirada da página "Olha só Kiridinha", no Facebook

A partir da Figura 28 podemos perceber que as "indiretas" no Facebook não se dão somente através de memes, elas também podem ser puramente textuais. Também há as "indiretas" que utilizam imagens (Figura 28¹⁰³), mas essas igualmente são formadas apenas por texto.

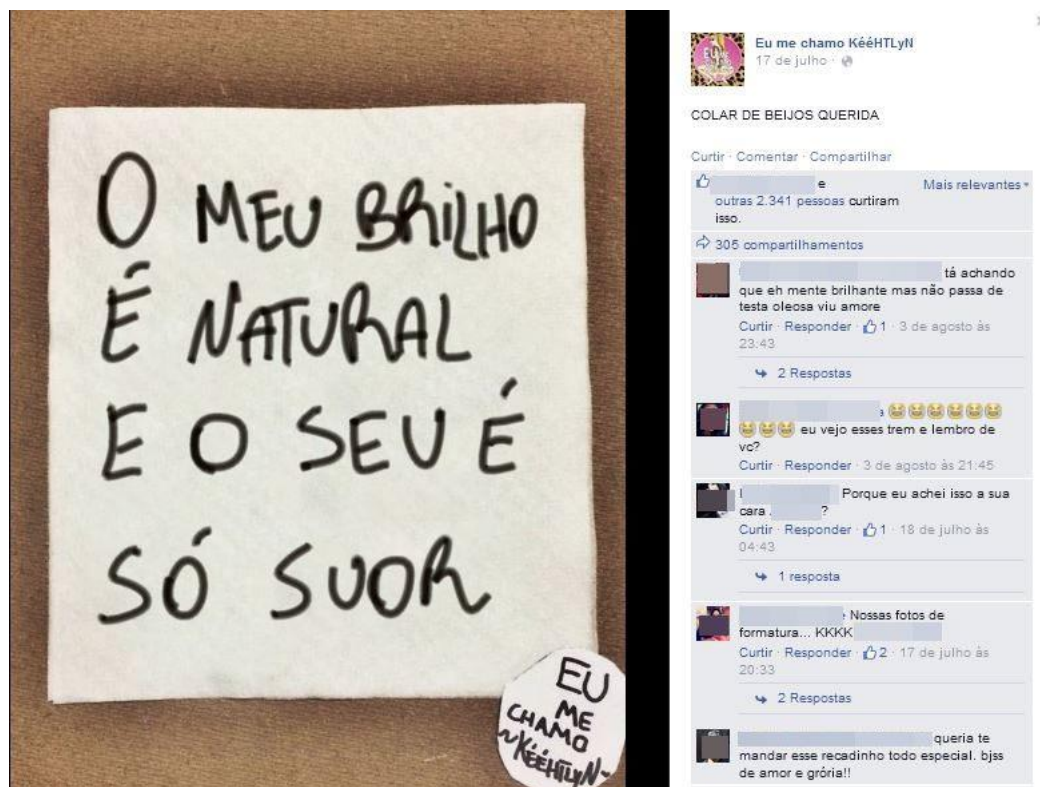


Figura 28: Exemplo de "indireta" retirada da página "Eu me chamo Kééhtlyn", no Facebook

¹⁰³ A postagem pode ser vista em:

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/photos/a.514747698637430.1073741829.501477309964469/717996218312576/?type=3&theater>>. Acesso em: 08 out. 2015

Por fim, entendemos que o discurso subentendido (DUCROT, 1987) carrega uma violência que minimiza os qualificativos do outro (TAUSSIG, 1993) ao mesmo tempo em que estabelece a “indireta” que potencializará tal agressão, mesmo que veladamente, na medida em que surgirem indivíduos que se identifiquem com o que foi dito e enquadrem sua representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), legitimando o *habitus* (BOURDIEU, 1930) dominante.

5 ESTUDO DE CASO DAS PÁGINAS “OLHA SÓ KIRIDINHA”, “FÉLIX BICHA MÁ” E “DICAS DOLLYNHO”

Até agora, vimos que o “não-dito” de Ducrot (1987) pode caracterizar uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e um *habitus* historicamente assimilado e legitimado como natural. São comportamentos culturais que vão sendo disseminados ao longo do tempo sem ao menos que seus portadores estejam plenamente cientes disso e que se tornam mais visíveis na CMC. Entretanto, há também aqueles indivíduos que intencionalmente utilizam as palavras para criar determinados efeitos de sentido (DUCROT, 1987) em suas conversações. São construções escorregadias, pois o locutor é capaz de se distanciar e proteger-se de qualquer possível responsabilização (ZANDWAIS, 1990), ao mesmo tempo em que valoriza sua própria face (GOFFMAN, 2012) e ameaça a representação online do *self* do outro (BOYD e ELLISON, 2007). Nesse trabalho, chamamos esse tipo de subentendido (DUCROT, 1987) de “indireta”, uma prática comum e corriqueira na internet que nos propomos a identificar no Facebook, através das características dos públicos em rede e da CMC (BOYD, 2007;2010), das apropriações, convenções e rituais utilizados pelos usuários na hora de integrar-se ao coletivo e assegurar sua representação no ambiente online, configurando, em sua essência, a violência simbólica (BOURDIEU, 1930).

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Optamos por trabalhar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e os pressupostos e subentendidos (DUCROT, 1987) no interior de três páginas do Facebook. É esse site de rede social que constitui nosso objeto, pois é uma ferramenta que agrega vários recursos de interação e representação em um só ambiente, além fazer parte do dia a dia de milhões de internautas brasileiros. Depois de usar o mecanismo de busca do Facebook para encontrar páginas com conteúdos que pudessem se enquadrar em nossa proposta de “indiretas”, selecionamos três páginas cuja violência simbólica se manifesta junto a estratégias do discurso associadas ao sarcasmo, a ironia e ao deboche. Além do conteúdo, levamos em consideração o número de curtidas das páginas – todas com mais de 300 mil seguidores -, assim como a atividade e influência da mesma e as legitimações de usuários nas respectivas postagens. Escolhemos três páginas que emitissem seus conteúdos a partir da narrativa de

uma persona¹⁰⁴ permanente, a fim de observar como o locutor utiliza a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) ao mesmo tempo em que retira a sua responsabilidade do discurso, falando através de alguém específico. Com base na atividade e frequência de posts, assim como nas interações dos membros e engajamento com o agrupamento optamos por analisar as seguintes páginas do Facebook: “Olha Só Kiridinha”¹⁰⁵, “Félix Bicha Má”¹⁰⁶ e “Dicas Dollynho”¹⁰⁷.

As “indiretas” da página “Olha Só Kiridinha” são feitas através da imagem de Audrey Hepburn¹⁰⁸, atriz mundialmente conhecida por interpretar “Bonequinha de Luxo”¹⁰⁹. Na página “Félix Bicha Má”, por outro lado, as “indiretas” são produzidas a partir da narrativa¹¹⁰ do personagem vilão de uma novela chamado Félix que permanece ativo no Facebook mesmo após o término da história televisiva. Já “Dicas Dollynho” fala através da representação do mascote da marca Dolly Refrigerantes¹¹¹ que é uma garrafa pet que nos comerciais costuma ser amiga e dar dicas positivas para as crianças.

São três personagens capazes de produzir discursos carregados de violência simbólica (BOURDIEU, 1930), apropriados do contexto offline e transformados em novos discursos adaptados à “cultura das indiretas” do Facebook. “Olha Só Kiridinha” possui 2.128.635¹¹² seguidores, “Félix Bicha Má” totaliza 3.386.820¹¹³ e “Dicas Dollynho” tem 388.607 curtidas¹¹⁴. Observamos nas três páginas todas as postagens realizadas de 01 de julho e 22 de outubro de 2015, dia em que coletamos os dados para análise. A partir do conteúdo, mensuramos quantos posts se enquadravam em nossa proposta de “indireta” e, deles, selecionamos duas publicações com base na popularidade que consideramos representativas para o estudo. De cada post, trouxemos como exemplo os três principais comentários classificados como mais relevantes pelo próprio Facebook, além de ilustrar a pesquisa com outras interações retiradas do mesmo espaço. Antes do estudo de caso reservamos um espaço para discutir brevemente e de maneira geral cada página selecionada e as principais informações encontradas antes da análise.

¹⁰⁴ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Persona_\(teatro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Persona_(teatro))> Acesso em: 08 nov. 2015.

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://www.facebook.com/OlhaKiridinha>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.facebook.com/FelixBichaMa>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://www.facebook.com/DicasDoDollynho>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Audrey_Hepburn>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Breakfast_at_Tiffany's>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹¹⁰ Utilizamos narrativa e discurso como sinônimos, já que ambos representam a materialização de determinada informação através da linguagem.

¹¹¹ Disponível em: <<http://www.dolly.com.br/>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

¹¹² Até o momento da coleta em 28/10/2015

¹¹³ Os dados foram coletados em 22/10/2015.

¹¹⁴ Até o momento da coleta: 02/10/2015

Por se tratar de relações que precisam ser negociadas e com características peculiares, entendemos que a abordagem metodológica, quanto mais específica for para o ambiente online, mais completos serão os resultados apresentados na pesquisa, uma vez que é levado em conta o contexto em que elas ocorrem. Por isso, optamos por trabalhar com o método proposto pela linguista Susan Herring (2004), onde o objetivo é pensar trocas conversacionais que são mediadas pelo computador para compreender como elas significam. Essa técnica foi chamada de “*Computer Mediated Discourse Analysis*” (CMDA), ou, em português, “Análise do Discurso Mediado por Computador”. No tópico a seguir discutiremos a CMDA e seus principais elementos e conceitos a fim de utilizá-los posteriormente para embasarmos as análises.

5.2 COMPUTER MEDIATED DISCOURSE ANALYSIS - CMDA

Herring (2001) define o discurso mediado por computador como a comunicação produzida quando humanos interagem entre si através da transmissão de mensagens via rede de computadores¹¹⁵. É um tipo de comunicação de natureza multimodal, isto é, constituído pela coexistência de diferentes tipos e formatos de mensagens (texto, vídeo, áudio, gráficos, etc.). A CMDA é um método diferente de outras análises do discurso, pois, por se tratar de uma observação descritiva e interpretativa (JOHNSON, 2010), a CMDA (HERRING, 2004) considera sempre as capacidades tecnológicas dos sistemas de CMC que, como já vimos, apresenta atributos bem diferentes da conversação face a face. Na verdade, é preciso entender que “o discurso mediado por computador não se apresenta como mera digitalização de práticas sociais, embora carreguem muitos de seus traços, mas sim como uma construção de práticas sociais em um novo ambiente” (VOLCAN, 2014, p.634). Muito mais que isso, a proposta de Herring (2004) abrange um método capaz de apreender elementos específicos do ambiente online e abordá-los a partir da linguística.

A CMDA observa o discurso social, histórico e culturalmente instaurado especialmente nesse ambiente, o que torna o método de Herring (2004) relevante para este trabalho, uma vez que nos interessa identificar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que circula através de discursos “não-ditos” (DUCROT, 1987) presentes no Facebook. Há uma busca permanente de um “alvo” que se identifique com o que foi dito de tal modo que seja

¹¹⁵ Tradução da autora para “computer-mediated discourse is the communication produced when human beings interact with another one by transmitting messages via networked computers”. (HERRING, 2001, p.612)

capaz de assimilá-lo como uma ameaça à sua face (GOFFMAN, 2012) e representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), aceitando sua subordinação (ODÁLIA, 1985) e potencializando ainda mais a dominação simbólica que se eleva ao posto de “indireta”. A partir da ideia de Herring (2004), Johnson (2010) explica que:

A CMDA compartilha com outras formas de análise do discurso a premissa teórica que a escolha da palavra e expressão é potencialmente significativa, além das exigências de léxico e gramática. Ela procura identificar padrões na estrutura e uso da linguagem que podem ser produzidos inconscientemente, porém lança luzes em fenômenos mais amplos tais como a tomada de decisão, ideologia de gênero, identidade cultural e construção do conhecimento (JOHNSON, 2010 p.126)

Desta forma, a CMDA (HERRING, 2004) parte do princípio de que toda e qualquer palavra e expressão utilizada pelos indivíduos é dotada de um significado, instaurando-se além da construção léxica e gramatical. São discursos que nem sempre são atos conscientes de seus emissores e, segundo a autora, pode se constituir de maneira inconsciente e tomar forma, isto é, tornar-se visível em contextos diversos, como na reprodução de ideologias, sustentação de identidades, valores e conhecimentos. Herring (2004) estipula quatro níveis da CMDA, são eles: a estrutura, o sentido, a organização da interação e o comportamento social.

A ideia da estrutura é observar os aspectos relacionados à formação de frases, ortografia, características orais e de gênero que podem ser identificadas nas conversações mediadas por computador. Trata de como a estrutura do discurso é construída linguisticamente e textualmente. O sentido é associado aos conceitos da Semântica e da Pragmática. É onde se deve descrever a intenção do que é comunicado e para quais significados o discurso do sujeito em questão aponta. A interação leva em conta os turnos de fala, a coerência da construção da interação, o espaço de tempo no qual se desenrolam tais relações. O item chamado de comportamento social observa as dinâmicas sociais que envolvem os indivíduos tanto no ambiente online quanto no offline. É o espaço onde se analisa as influências, a reprodução de valores e incentivo ao conflito entre os sujeitos (Tabela 1)

Tabela 1: Quatro níveis da CMDA

Nível	Questões	Fenômeno	Métodos
Estrutura	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero e etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística etc.
Sentido	Qual é a intenção O que é comunicado O que é	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc.	Semântica e pragmática.
Interação	Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas e etc.	Análise da Conversação e etnometodologia.
Comportamento Social	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais e etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.

Fonte: (HERRING, 2004)

Em 2012 a autora publicou uma atualização da CMDA proposta por ela em 2004 que inclui um quinto elemento que abrange a multimodalidade (Tabela 2) dos discursos presentes na rede. Percebe-se que a comunicação multimodal é apresentada como um novo item. Entretanto, acreditamos que esse quinto nível de análise também pode ser identificado nas demais categorias. Isso não significa que a multimodalidade seja desnecessária à análise. Ao contrário, os componentes multimodais são tão presentes e constantes em todos os níveis da CMDA (Herring, 2004) que poderia até se tornar repetitivo aos olhos do leitor. Nossa ideia, então, é manter a análise dos quatro pontos da CMDA (HERRING, 2004) e indicar a existência – em maior ou menor grau - da multimodalidade toda vez que necessário, ou seja, demonstrar quando for vista a combinação de imagem, texto, componentes audiovisuais, *gifs*, *links* e etc.

Tabela 2: Inclusão do quinto nível da CMDA

Comunicação Multimodal	Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia e etc.	Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, <i>deixis</i> e posição espacial e temporal, etc.	Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc.
------------------------	--	--	---

Fonte: (HERRING, 2004; 2012)

A partir disso, entendemos a CMDA como um instrumento chave para a compreensão dos discursos produzidos na CMC. Trata-se de uma investigação que busca identificar os padrões recorrentes do discurso mediado pelo computador. A ideia, segundo Herring (2004; 2012; 2013), é perceber não só o óbvio e evidente, mas ir um pouco mais fundo e buscar esses padrões a fim de compreender como a CMC pode ser moldada pelas características tecnológicas.

Com base nisso, seguiremos para a análise das seis postagens de “indiretas” deste trabalho. Para facilitar a visualização fizemos uma pequena sistematização com os principais dados da publicação, como as curtidas, os comentários, os compartilhamentos e, por fim, abordaremos os níveis da CMDA (HERRING, 2004; 2012). Abaixo apresentaremos as três páginas escolhidas seguidas pelo estudo de caso das seis postagens deste estudo. Assim, acreditamos contextualizar de forma mais precisa o ambiente em que a negociação de interações acontece e o “material” que abastece a relação desigual entre os usuários do Facebook. Veremos isso a seguir.

5.3 A PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”

A página Olha só Kiridinha¹¹⁶ existe desde 2012. Marcos Mars¹¹⁷, estudante de comunicação, idealizou a página para brincar, em tom de ironia e sarcasmo, com comportamentos cotidianos relacionados às mulheres. Nem o próprio criador acreditava que o conteúdo faria sucesso. A ideia da página parece ser a de postar conteúdos ácidos e agressivos, direcionado às mulheres ou relacionado ao universo feminino. As postagens costumam ter um padrão, isto é, geralmente todos os posts são feitos com a imagem de

¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.facebook.com/OlhaKiridinha>> Acesso em: 10 dez. 2015.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.facebook.com/MarcosMars>> Acesso em: 10 dez. 2015.

Audrey Hepburn¹¹⁸, seguido de duas frases dispostas no lado inferior e superior da publicação.



Figura 29: Print da página inicial de "Olha Só Kiridinha", no Facebook.

Escolhemos esta página pelo número expressivo de seguidores – 2.128.635¹¹⁹ (Figura 29) e pelo humor direcionado ao especialmente ao público feminino. O uso de termos como “kirida”, “miga”, “amiga” e etc., são exemplos que consideramos relevantes, uma vez que essa estratégia discursiva parece ser uma forma de demonstrar um tom de deboche, o que queremos validar – ou não – com a análise da Postagem 1 e Postagem 2. Esta é uma página ativa, geralmente publica mais de uma vez ao dia e costuma chamar seus seguidores para interagir nas postagens, o que também nos desperta interesse, pois trata da relação coletiva estabelecida entre os sujeitos em um mesmo ambiente.

Na página, observamos todas as postagens realizadas de 01 de julho a 22 de outubro de 2015, dia em que coletamos os dados para análise. Durante o período foram publicados 57 posts, sendo 18 deles caracterizados como “indiretas” a partir de nossa proposta desenvolvida através dos pressupostos e subentendidos de Ducrot (1987) e de face (GOFFMAN, 2012), tendo como base a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que caracteriza tais “indiretas”.

¹¹⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Audrey_Hepburn>. Acesso em: 10 dez. 2015.

¹¹⁹ Até o momento da coleta em 28/10/2015

5.4 A PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”

“Félix Bicha Má” é uma página de humor no Facebook embasada no personagem Félix, interpretado pelo ator Mateus Solano na novela “Amor à Vida¹²⁰”, exibida no horário nobre da Rede Globo em 2013-2014. Havia uma expectativa de repercussão em torno da trama antes mesmo de a novela ir ao ar, uma vez que prometia um vilão gay e um casal de homens lutando para aumentar a família. Este vilão embasa grande parte das postagens, que utilizam a ironia e o sarcasmo para compor as publicações. Sabe-se, no entanto, que existem diversas páginas dedicadas ao mesmo personagem, como a “Félix Amargo¹²¹”, “Félix Irônico¹²²”, “Félix Indelicado¹²³”, etc. Optamos por analisar a página “Félix Bicha Má” por ser a mais curtida dentre todas as pesquisadas, totalizando 3.386.820 de curtidas até o momento da coleta¹²⁴, o que evidencia uma relevância para os usuários que se tornaram seguidores e se interessam pelo conteúdo publicado.



Figura 30: Print da página inicial de "Félix Bicha Má", no Facebook

Também justificamos nossa escolha por ser esta uma página ativa (mais de uma postagem ao dia, geralmente) com um número expressivo de seguidores (Figura 30) que dão manutenção às suas faces, embasados em cima da narrativa do personagem. Na página, observamos todas as postagens realizadas de 01 de julho a 22 de outubro de 2015, dia em que coletamos os dados. Foram 107 publicações durante o período. Dessas, 82 se enquadraram em nossa proposta de “indiretas” – o equivalente 73% do total analisado.

¹²⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_a_Vida> Acesso em: 10 nov. 2015.

¹²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/felixamargooficial>> Acesso em: 10 nov. 2015.

¹²² Disponível em: <<https://www.facebook.com/FELIX-Ironico>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

¹²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/oficialfelixindelicado>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

¹²⁴ Os dados foram coletados em 22/10/2015.

5.5 A PÁGINA “DICAS DO DOLLYNHO”

A Postagem 5 e Postagem 6 foram recortadas da da página “Dicas Dollynho”¹²⁵. A página tem 388.607 curtidas¹²⁶ e existe desde 2013. A descrição é breve: “Dicas do Dollynho pra você vencer na vida. Twitter/Instagram: @DicasdoDollynho; Grupo OFICIAL¹²⁷: Trata-se de uma comunidade ativa, com postagens frequentes – geralmente com mais três posts/dia. Os conteúdos são contribuições dos próprios seguidores e são visivelmente agressivos, violentos, embora em formato de dicas. É uma ameaça clara à representação online do *self* (BOYD, ELLISON, 2007) e à face (GOFFMAN, 2012) do indivíduo. “Dicas Dollynho” é uma apropriação da imagem do mascote da marca Dolly Refrigerantes¹²⁸, uma garrafa pet que ficou conhecida através dos comerciais de televisão onde o boneco dá dicas para as crianças¹²⁹. Dicas como “Não jogue lixo no chão” são apropriados para a mesma linguagem utilizada pelo mascote para conteúdos como “Jogar lixo no chão pode sim amiguinho”, etc.



Figura 31: Print da página inicial de "Dicas Dollynho", no Facebook.

A página oficial de Dolly no Facebook¹³⁰ tem um número consideravelmente menor de seguidores (9.316¹³¹) do que a comunidade de humor. Desta forma justificamos a escolha da página “Dicas Dollynho” (Figura 31) pela influência visível que a mesma parece exercer

¹²⁵ <https://www.facebook.com/DicasDoDollynho> (Acesso em 02/10/2015)

¹²⁶ Até o momento da coleta: 02/10/2015

¹²⁷ <https://www.facebook.com/groups/1478439082482554/> (Acesso em 02/10/2015)

¹²⁸ Site oficial da marca: www.dolly.com.br (Acesso em 02/10/2015)

¹²⁹ Os vídeos oficiais das propagandas do refrigerante, assim como as dicas, estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/user/GarotaDolly/videos> (Acesso em 02/10/2015)

¹³⁰ <https://www.facebook.com/DollyRefrigerantesOficial> (Acesso em 03/10/2015)

¹³¹ Até o dia da coleta (29/10/2015)

sobre os seus seguidores, pela constante atividade da página e interação entre os membros, facilitando a observação dos rituais (RECUERO, 2012) de manutenção da face (GOFFMAN, 2012) estabelecidos tanto nas publicações quanto nas conversações constituídas em seu interior. Observamos as postagens da página de 01 de julho a 22 de outubro de 2015. Durante esse período foram feitos 93 posts, sendo 48 deles enquadrados em nossa proposta de “indireta” – o equivalente a 51% do total - como um tipo de subentendido (DUCROT, 1987) que ameaça à face do “alvo” ao mesmo tempo em que valoriza a do emissor através de algo que pertence ao nível do “não-dito”(DUCROT, 1987).

6 ANÁLISES

Com base nas três páginas, a seguir apresentaremos as duas publicações selecionadas de cada, respeitando a ordem na qual abordamos as páginas anteriormente. Assim, teremos a análise da Postagem 1 e Postagem 2, retiradas da página "Olha Só Kiridinha", seguida da Postagem 3 e Postagem 4, de "Félix Bicha Má" e por fim os dois posts recortados da página "Dicas Dollynho". A seguir apresentaremos a Postagem 1 junto a uma pequena tabela com informações básicas e importantes da publicação, como número de curtidas, comentários, compartilhamentos, etc., visando facilitar a visualização dos dados coletados. Faremos esta mesma sistematização nas demais postagens.

6.1 ANÁLISE DA POSTAGEM 1: "OLHA SÓ KIRIDINHA"



Figura 32: Print da Postagem 1, retirada da página "Olha Só Kiridinha".

Tabela 3: Sistematização dos dados da Postagem 1.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 1	28/09/2015	“Fica feio pra você!”	Enunciado 1: “Kirida, ou você fala mal da pessoa” Enunciado 2: “Ou você posta foto com ela, as duas coisas fica feio.”	28.498	1.041	17.252

a) Estrutura

Assim como a maioria das publicações da página, a Postagem 1 é composta por uma imagem ao fundo e duas frases, uma no lado inferior e outra no lado superior do post, sugerindo uma espécie de espaço de respiro para o observador, o que auxilia na compreensão da mensagem. A imagem é colorida, com tons suaves. Nela, aparece Audrey Hepburn falando ao telefone e olhando para algum lugar à sua frente, mas que o observador não tem acesso. O telefone, a foto preta e branca ao fundo, o vestido e o penteado de Audrey também sugerem um ar “retrô”¹³², pois são característicos dos anos 1950. A expressão da atriz não é de felicidade, mas sim de perplexidade, como se estivesse recebendo uma notícia ou algo do tipo pela ligação.

No lado esquerdo da imagem há a marca/logo da página Olha Só Kiridinha, sugerindo algum tipo de estratégia da página quanto às apropriações e direitos autorais. Parece ser uma espécie de marcação (RECUERO, 2012) de identidade, isto é, um ritual de presença que vai associar a publicação com página, por mais que o post seja apropriado pelos usuários e utilizado em outros contextos. Como se pode perceber, é um lugar estratégico, pois, se a marca for cortada, condenará a mensagem também. Tudo isso, é claro, se o usuário não pretende ou não faz questão de utilizar as ferramentas de edição, que permitem retirar, acrescentar e modificar qualquer coisa. A ideia, aqui, é perceber o cuidado com a face (GOFFMAN, 2012) e o conteúdo da página em questão como um ritual (RECUERO, 2012) de presença mesmo, marcando e reforçando a atividade da página no Facebook.

A estrutura da Postagem 1 apresenta, no lado direito da tela, alguns dos recursos disponibilizados pelo próprio Facebook, determinando as características e limitações da

¹³² <https://pt.wikipedia.org/wiki/Retrô> (Acesso em 28/10/2015)

ferramenta (RECUERO, 2012). As opções fixas são “curtir”, “comentar” e “compartilhar” o conteúdo. Optamos por considerar esses elementos por serem específicos da CMC, enquadrando-se na proposta multimodal de Herring (2012) e demonstrando o nível de legitimação a partir de cada botão do Facebook (RECUERO, 2014), além do tipo de ritual de valorização e ameaça às faces (GOFFMAN, 2012), instaurados e negociados usuários (RECUERO, 2012). Temos na estrutura da Postagem 1 uma conjunção coordenativa que pode designar alternância ou incompatibilidade – é o caso de “ou”. São as condições impostas pela fala que Ducrot (1987) trabalha nas leis do discurso. É dada uma situação e, a partir dela, duas opções – postar foto e falar mal da pessoa – que parecem não poder ocorrer ao mesmo tempo. É uma opção ou outra. Parece, então, que a Postagem 1 é direcionada a uma pessoa específica, uma vez que o sujeito é “você”, isto é, um pronome pessoal reto. A palavra “kirida” indica um tipo de deboche relacionado a esse “você”, é um vocativo. “Mal” é o objeto direto da frase, enquanto o “da pessoa” configura o objeto indireto. “Posta” e “foto” são os verbos estruturados no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. Já a narrativa, é montada para expressar a relação deste “você” com a terceira pessoa do singular, a saber, “ela”. O discurso, assim, é feito por um falante que não aparece no enunciado.

b) Sentido

Uma vez que o discurso realizado por um emissor que não é explicitado no texto, a possibilidade de responsabilização ou conflito derivada do discurso é evitada (ZANDWAIS, 1990), garantindo a integridade da face (GOFFMAN, 2012) do usuário que constata esta incompatibilidade de ações relacionadas a outros dois indivíduos. A Postagem 1 parece ser um conselho de alguém que, por se localizar em um plano “superior” ou simplesmente externo ao ocorrido, indica, a partir de seu julgamento ser a origem do mal, do errado (MINAYO, 1990), o que literalmente é classificado como “inferior”. Isto não está dito na Postagem 1, mas não deixa de ser um sentido associado ao estabelecimento de uns sobre os outros (ELIAS, 2000). Então, há uma ameaça à face (GOFFMAN, 2012) na Postagem 1, esta, disfarçada de “amiga”, aquela capaz de comentar e “ajudar” a outra a se comportar. Aí já se identifica a violência simbólica (BOURDIEU, 1930). Esse sentido é reforçado na legenda que diz “Fica feio pra você!”. Isto quer dizer que o emissor se coloca em uma posição superior e inatingível, uma vez que fica feio “pra você” e não para quem postou a “indireta”. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) é muito sutil, mas não deixa de perpetuar a dominação e subordinação (ODÁLIA, 1985) de um *habitus* que mantém a opressão entre

mulheres, que alimenta a disputa entre as faces (GOFFMAN, 2012) e é reproduzido no Facebook essencialmente baseado na representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007).

Assim, a Postagem 1 aponta a contradição das faces (GOFFMAN, 2012) percebida pelo emissor e que, por sua vez, acaba pondo o espetáculo (GOFFMAN, 2013) do ator “alvo” em risco. Ao mesmo tempo em que diz que é feio “pra você”, a legenda sugere a valorização do usuário que publica a Postagem 1, já que é uma ameaça “pra você” e não “pra mim”. Caracteriza-se, aí, a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que envolve o sentido da “indireta” na Postagem 1. O sujeito que posta aparenta não fazer parte da situação, embora seja um ato ilocutório (DUCROT, 1987) o emprego do “posta” e “fala”. São os atos que se realizam na linguagem e pela linguagem. Destacamos que o próprio uso da legenda é uma característica multimodal da CMDA (HERRING, 2013), uma vez que se apropria da imagem e texto que compõem o meme e direciona o sentido desejado a partir da legenda que é proporcionada pelos recursos do Facebook.

Primeiramente, a partir da Postagem 1, se pressupõe (DUCROT, 1987) a existência de alguém cujo tratamento tem características irônicas (“kirida”). Esse alguém, então, é subordinado a duas alternativas impostas – não negociadas – no próprio enunciado por um indivíduo exterior à situação e, por isso, necessariamente superior. Trata-se da condição exigida para que haja coerência no discurso (DUCROT, 1987), isto é, se não for admitido que existe uma “kirida” que posta foto com a mesma pessoa que fala mal, não será possível entender que a co-ocorrência desses dois atos é vista como negativa sob as regras morais do coletivo.

Pressupõe-se (DUCROT, 1987), a partir da Postagem 1, que o emissor não realiza este tipo de ato, o que lhe confere uma aparente “imunidade” para inferiorizar e categorizar (TAUSSIG, 1993) as ações de outrem. Desta forma, há um “não-dito” (DUCROT, 1987) que afirma que o “alvo” é uma pessoa falsa, devido ao comportamento que não está adaptado às normas (RECUERO, 2012) deste novo contexto virtual que se negocia e que leva-nos a divisa de fronteiras, dando origem a novas formas de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000). Ao mesmo tempo em que o emissor tem sua face (GOFFMAN, 2012) enaltecida por assumir uma posição confortável no jogo das faces, as interações mostram indivíduos que tem orgulho de dizer que realizam esse tipo de ato. Veremos isso a seguir.

c) Interação

A Postagem 1 é uma das publicações mais legitimadas dentre as que analisamos neste trabalho. Foram 1.041 comentários, indicando alto nível de engajamento (RECUERO, 2014) dos atores a partir das conversações estabelecidas no espaço dos comentários. A legitimação da Postagem 1 não foi concentrada nos espaços da página, como nos comentários e curtidas (28.498), manifestações que ocorrem dentro dos agrupamentos que geralmente têm valores semelhantes, evitando conflito (ZANDWAIS, 1990). Falando em números, pois sabemos que as pessoas que curtiram a Postagem 1 podem não ser – e provavelmente não são – as mesmas que compartilharam, mais da metade julgou necessário compartilhar (17.252) com sua própria rede a postagem. Na verdade seria o equivalente a 60% tendo como base o total das curtidas. Como dissemos, levamos apenas os números em conta, sabendo que não necessariamente são referentes aos mesmos usuários. Fizemos isso na tentativa de demonstrar a relevância da legitimação da Postagem 1 para a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), geralmente construída cuidadosamente para não contradizer o espetáculo do ator (GOFFMAN, 2013), que carrega a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e as dissemina através das palavras.

Como explicamos na metodologia, trouxemos à análise as três principais interações retiradas dos comentários de cada publicação. A Figura 33, Figura 34 e Figura 35 representam os principais comentários da Postagem 1. A prioridade dos comentários é estabelecida pelo próprio Facebook, de acordo com a legitimação do comentário.



Figura 33: Comentário retirado da Postagem 1.

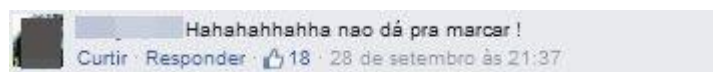


Figura 34: Comentário retirado da Postagem 1.

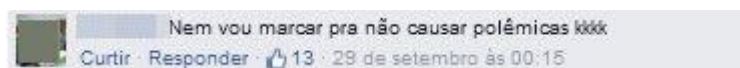


Figura 35: Comentário retirado da Postagem 1.

O comentário da Figura 33 teve 43 curtidas, sendo disposto como a interação mais relevante da Postagem 1. O discurso faz referência a um histórico anterior, o macrocontexto (RECUERO, 2012) em que o termo “falsiane” é utilizado. Dos 1.041 comentários da Postagem 1, 61 utilizavam a palavra. Não se sabe muito bem a origem do termo, mas

podemos afirmar que a expressão tomou grande proporção tanto no espaço offline como no online. Tudo parece ter começado com uma conversa da atriz Camila Pitanga¹³³ com um usuário do Twitter, o que acabou rendendo milhares de apropriações em diferentes cenários sociais, como na novela “I love Paraisópolis¹³⁴”, transmitida atualmente pela Rede Globo onde a relação de amizade falsa é retratada com o uso de termo “falsiane”. Tudo isso é puramente multimodal (HERRING, 2012;2013), pois vem de apropriações e construções elaboradas em conjunto com os mais diversos recursos disponíveis (ex: texto, imagem, link, etc.).

A apropriação do termo gerou outras “espécies¹³⁵” de “falsianes”, tipos de comportamentos comumente encontrados na internet, especialmente no Facebook. De um modo geral, “falsiane” é a palavra utilizada para definir uma pessoa que se finge de amiga, mas que na verdade é falsa. A “kirida”, da Postagem 1, então, é categorizada como “falsiane” pelos usuários que interagiram no espaço de comentários e nos compartilhamentos também. Assim, ao dizer que alguém é “falsiane”, pressupõe-se que os atos realizados pela mesma não condizem com o comportamento moral e coletivo negociado pelas faces (GOFFMAN, 2012) em suas atuações (GOFFMAN, 2013) especialmente no ambiente online, uma vez que diz respeito ao ato de “postar”, isto é, publicar algo. A palavra é extremamente contextual e pode ser empregada em diferentes formas, mas como Ducrot (1987) afirmou, seria necessário refletir sobre todas as ocorrências possíveis da palavra para entender o enunciado, o que não é viável. Por isso, a partir do microcontexto (Recuero, 2012) observado, acreditamos se tratar de uma ameaça à face (GOFFMAN, 2012) do “alvo”, enquadrando-se nas descrições da expressão “falsiane” que recém discutimos.

Os outros dois comentários classificados como principais (Figura 34 e Figura 35) reproduzem basicamente o mesmo discurso. Há identificação com a Postagem 1, entretanto, essa não é suficiente para que o recurso da marcação seja utilizado. A vontade, então, é expressa no espaço de interação da própria página, arrecadando legitimação de outros usuários que também se encontram na mesma situação ou identificam-se com o conteúdo de alguma forma. As curtidas nos dois comentários (Figura 34 com 18 curtidas e Figura 35 com 13) refletem a participação de outros usuários (RECUERO, 2014) que, apesar de não

¹³³ <http://www.buzzfeed.com/manuelabarem/camila-pitanga-esta-obcecada-pela-expressao-falsiane#.bfpr0ll4X> (Acesso em 28/10/2015)

¹³⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/I_Love_Paraisopolis (Acesso em 28/10/2015)

¹³⁵ <http://www.buzzfeed.com/gasparjose/a-falsiane-e-outras-9-especies-que-voce-conhece-muito-bem#.ioqAV33XJ> (Acesso em 28/10/2015)

participarem ativamente da conversação, reforçam com sua própria representação o conteúdo das interações.

Por algum motivo, os dois últimos comentários manifestaram a vontade de marcar o “alvo”, porém dizendo que não poderia. O motivo, é claro, não foi dado, mas sugerimos algum tipo de polidez relacionado à manutenção da face (KERBRAT-ORECCHIONI 2006; GOFFMAN, 2012), provavelmente para tentar evitar o conflito (ZANDWAIS, 1990; DUCROT, 1987) entre os sujeitos.



Figura 36:Comentário retirado da Postagem 1.



Figura 37: Compartilhamento retirado da Postagem 1.

Enquanto a Figura 36 apresenta um usuário incentivando um conflito e a ameaça de faces (GOFFMAN, 2012), dizendo querer ver sangue e pedir para que sejam ditos os nomes, torcendo pelo conflito, a Figura 37 explica o motivo de não expor diretamente o nome da pessoa. A constatação parte da conversação instaurada no espaço de comentários do compartilhamento da Postagem 1 pelo usuário da Figura 37. Inicialmente é usado um fotocomentário¹³⁶, recurso característico do Facebook e que diz respeito à comunicação multimodal da CMDA (HERRING, 2004;2012;2013). As duas figuras realizam uma conversação assíncrona (REID, 1991) que em determinados momentos é apropriada de forma síncrona (BARON, 2002) e novamente adquire características assíncronas. Nele, mais um macrocontexto (RECUERO, 2012) é identificado. O fotocomentário da Figura 37 é uma

¹³⁶ “Fotocomentário” é um recurso do Facebook que permite inserir imagens no espaço de comentários de uma postagem.

espécie de ritual (RECUERO, 2012) de categorização do sujeito como “falsiane”. O nome, inclusive, é “Selo Falsiane; amiga deixa de ser falsiane”. Reparamos também que a imagem utilizada para compor o selo é a das cantoras Ivete Sangalo e Claudia Leitte, cuja relação há muito tempo desperta dúvidas sobre a (in)compatibilidade das duas¹³⁷. Esta talvez seja a fronteira das amigas e das “falsianes”, tão sutil que fica difícil distinguir quem pertence a qual lado.

Após o fotocomentário há uma legitimação por riso, isto é, a conversação não apresenta nenhum tipo de contribuição, embora faça questão de se mostrar presente na interação. É um tipo de ritual de marcação de presença (RECUERO, 2012). Abaixo desse turno há uma conversação que talvez esclareça algum dos possíveis motivos desse “cinismo” presente nas trocas do Facebook. Observa-se que os usuários falam em “política de boa vizinhança”, isto é, um esforço para manter a harmonia entre todas as faces (GOFFMAN, 2012) a partir de atos cordiais e gentis, adaptados às trocas. Mas, como o usuário seguinte aponta, “tem gente que exagera na política da boa vizinhança”, justificando a replicação da Postagem 1 em sua própria representação. São legitimações que garantem a manutenção do *habitus* (BOURDIEU, 1930) e do estabelecimento de uns sobre outros (ELIAS, 2000) e ganham incentivo em publicações com a Postagem 1. Assim, há um estímulo para que a agressão e disputa de faces (GOFFMAN, 2012) aconteçam. Há plateia (GOFFMAN, 2013) para isso, o que acaba por gerar comportamentos específicos e/ou coletivos como abordaremos a seguir.

d) Comportamento Social

A individualidade (BAUMAN, 2007) e a capacidade de julgar os outros sempre estiveram na moda, embora atualmente ganhe destaque nas relações cotidianas. Na CMC não é diferente e, inclusive, essa violência simbólica (BOURDIEU, 1930) ou não, é capaz de dar origem a outros tipos de dominação e subordinação (ODÁLIA, 1985) entre os sujeitos. Isso porque é essencialmente dependente das características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2010), configurando uma ameaça permanente às faces (GOFFMAN, 2012), uma vez que pode ser recuperada a qualquer momento e negociada com outros agrupamentos que não precisam mais estar próximos geograficamente. O fato é que essa distância atua como uma facilitadora nessa disseminação de violência, o que é capaz de potencializar ainda mais a relação de dominação e estabelecimento (ELIAS, 2000) entre os indivíduos.

¹³⁷ <http://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/mdemulher/ivete-sangalo-x-claudia-leitte-amigas-ou-rivais-compare-carreira-das-cantoras> (Acesso em 28/10/2015)



Figura 38: Comentário retirado da Postagem 1.

Percebe-se (Figura 38) como a relação de cinismo entre os indivíduos é legitimada como um valor conveniente, demonstrando a superioridade e capacidade de dominação. O próprio usuário da Figura 38 se encaixa no perfil de pessoa falsa e admite isso sem problema algum. Já na Figura 39, a ameaça (GOFFMAN, 2012) é feita explicitamente e sem constrangimento ou “não-ditos”. Destaca-se aí a tentativa de ambos os usuários estabelecerem o outro como seu *outsider* (ELIAS, 2000).



Figura 39: Comentário retirado da Postagem 1.

Não há garantias de que essa seja uma conversação na qual realmente ocorre a ameaça explícita à face (GOFFMAN, 2012) do “alvo”, que é claramente identificado e marcado na própria postagem. A Figura 39 também apresenta a abreviação (HERRING, 2001) com a simplificação da palavra “você” para “vc”, além da oralização da escrita (HILGERT, 2006) com “To cansada” ao invés de “estou cansada”, contração comumente utilizada na CFF. Trata-se de um comportamento agressivo que, devido à permanência (BOYD, 2007;2010) dos rastros das interações, fica visível e fixo no ambiente para quem quiser ver.

A Postagem 1 é apropriada e utilizada como parte da representação do espetáculo de cada indivíduo que compartilha a publicação. Há ajustes (RECUERO, 2012) no conteúdo (Figura 40), valorização da face (GOFFMAN, 2012) e minimização do outro como “tipo” (TAUSSIG, 1993) de gente cuja função é garantir a perpetuação do *habitus* (Bourdieu, 1930), dando manutenção à violência entre os estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000) a partir do posicionamento estratégico dos papéis sociais (GOFFMAN, 2013), como é o caso da Figura 41.



Figura 40: Compartilhamento retirado da Postagem 1.

A Figura 40 mostra um ajuste como forma de direcionamento (RECUERO, 2012) da conversação e, ao mesmo tempo, assegurando a face das representações femininas de sua rede e evitando, por sua vez, que algum equívoco possa acontecer e ameaçar a sua própria face (GOFFMAN, 2012), colocando o espetáculo em risco (GOFFMAN, 2013). Essa correção é fundamental para que se descarte determinados “alvos” possíveis e se enquadre outros, já que a Postagem 1 fala para alguém que chama de “kirida”, como uma mulher.



Figura 41: Compartilhamento retirado da Postagem 1.



Figura 42: Compartilhamento retirado da Postagem 1.

Tanto a Figura 41 quanto a Figura 42 são construídas embasadas no “não-dito” (DUCROT, 1987), isto é, por mais que se pressuponha quem é o “alvo”, em nenhum momento ele foi citado, como na Figura 39. Isso garante a isenção da face (GOFFMAN, 2012) e de qualquer outro possível julgamento que possa vir a se voltar contra o emissor. A Figura 41 não especifica que “tipo de coisa” se refere e a Figura 42 abre espaço para que a “carapuça” seja enquadrada em alguma face (GOFFMAN, 2012), que não se sabe bem qual é.

Porém, os indícios do discurso da Figura 42 sugerem que o “alvo” é feminino, pois especifica que quem for “esperta” entenderá a “indireta”. Isso depende exclusivamente dos códigos disponibilizados no discurso e que só poderá ser realmente compreendido se o pressuposto – componente linguístico – oferecer as pistas necessárias para decifra-lo (DUCROT, 1987).

Observamos o quanto o ritual (RECUERO, 2012) de marcação de outros usuários, seja nos comentários ou nos compartilhamentos, parece ser fundamental para a legitimação da face (GOFFMAN, 2012). De 1.041 comentários, 476 faziam uso do recurso de marcação, ou seja, o equivalente a 46% do total das interações. Outros usos também chamaram atenção no que diz respeito aos ajustes de contexto, entonação e sentimento expressado em cada conversação. A simulação do riso como elemento contextual é intensa. Dentre os 1.041 comentários, 444 utilizaram a risada junto ao texto, configurando 43% do total de comentários. Já 66 das interações continham apenas a simulação de riso. Na verdade, parece que os usuários suavizam o dito (DUCROT, 1987) com esses elementos como *emoticons*, por exemplo, que foram empregados 216 vezes, o que compreende 21% dos comentários.

6.2 PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”: ANÁLISE DA POSTAGEM 2



Figura 43: Print da Postagem 2 retirado da página "Olha Só Kiridinha".

Tabela 4: Sistematização dos dados da Postagem 2.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 2	15/09/2015	“Estaria Ryca”	Enunciado 1: “Por um mundo onde a sua inveja” Enunciado 2: “Me renda dinheiro”	3.647	43	865

a) Estrutura

Como comentamos, a página tem um padrão, e a Postagem 2 não foge à regra. Assim como a maioria, a Postagem 2 é composta por uma imagem ao fundo e duas frases, uma no lado inferior e outra no lado superior do post, sugerindo o mesmo espaço de respiro que discutimos antes. Há um “ar” *vintage* que sugere elegância e remete ao contexto da década de 1950, sendo reforçado pela foto de Audrey com o penteado da época. A imagem fica destacada, pois a publicação é toda em preto e branco, sendo as letras do Enunciado 1 e Enunciado 2, escritas de branco. Lembrando que o Enunciado 2 é escrito com uma letra ainda maior do que o outro. Na imagem, a atriz aparece olhando fixamente para frente, como se estivesse “falando” diretamente com quem lê a Postagem 2. Isso por si só, já pode ser caracterizado como uma ameaça à face (GOFFMAN, 2012), pois é capaz de intimidar, com um sorriso sarcástico, o receptor da “indireta”.

Na altura das orelhas de Audrey há a marca/logo da página Olha Só Kiridinha, sugerindo algum tipo de estratégia da página quanto às apropriações e direitos autorais. Parece ser uma espécie de ritual de marcação (RECUERO, 2012) de identidade que vai associar a publicação com página, por mais que o post seja apropriado pelos usuários e utilizado em outros contextos – o que evidencia a multimodalidade da CMDA (HERRING, 2004;2012). Como se pode perceber, é um lugar estratégico, pois, se a marca for cortada, condenará a mensagem também. Tudo isso, é claro, se o usuário não pretende ou não faz questão de utilizar as ferramentas de edição, que permitem retirar, acrescentar e modificar qualquer coisa. A ideia, aqui, é perceber o cuidado com a face (GOFFMAN, 2012) e o conteúdo da página em questão como um ritual (RECUERO, 2012) de presença mesmo, marcando e reforçando a atividade da página no Facebook.

Ao lado direito da tela, estão dispostos os mesmos elementos que já discutimos na Postagem 1, isto é, a legenda, a data e os espaços para curtir, comentar, compartilhar, cada um com seu nível particular de envolvimento (RECUERO, 2014), como veremos nos próximos itens. Na legenda está escrito: “Estaria RYCA”, impondo um sentido próprio na Postagem 2. A Postagem 2 se sujeita ao mesmo tipo de limitações e oferece os mesmos recursos no que diz respeito ao componente multimodal (HERRING, 2012; 2013) e às características da CMC (BOYD, 2007), pois está inserida na mesma ferramenta e sob as mesmas condições de produção e reprodução de apropriações e conversações entre os usuários.

Assim como a Postagem 1, esse post não tem coerência sem o Enunciado 2, que completa o anterior. Trata-se de uma frase conclusiva, realizada no presente do indicativo, sem deixar margem para dúvidas: “que a SUA inveja ME renda dinheiro”. Instaura-se aí a relação de dominação e estabelecimento de um sobre outro (ELIAS, 2000), de forma a perpetuarem hierarquias fixadas nos *habitus* (BOURDIEU, 1930) culturalmente aceitos e interiorizados. No caso da Postagem 2, os elementos multimodais encontrados foram apenas imagem e texto, assim como a apropriação do botão de compartilhamento para inserção de novos discursos, configurando uma característica multimodal também. Todas as características só podem ser observadas porque estão enquadradas no que boyd (2007; 2010) chamou de públicos em rede, que apresenta quatro características próprias da CMC, a buscabilidade, a permanência, a replicabilidade e as audiências invisíveis, plateia para o qual todo o espetáculo (GOFFMAN, 2013) online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) está armado.

b) Sentido

O sentido da Postagem 2 parece estar amarrado à imagem de Audrey. Por meio da imagem de Audrey, considerada a mulher mais bonita da história de Hollywood em 2009¹³⁸ pela revista Rolling Stone, são construídos discursos direcionados a um sujeito específico, este(a), em forma de inimigo. Percebe-se que a locutora não é qualquer mulher e sim uma jovem com a beleza acima das demais e que estabelece, através de enunciados frios e cruéis direcionados aos outros, uma relação de dominação entre desiguais (BOURDIEU, 1930). A partir da perspectiva de Elias (2000), por exemplo, teríamos os estabelecidos do lado da locutora e os *outsiders* no outro lado da fronteira. Esta “indireta”, desta forma, também caracteriza uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930).

¹³⁸ <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/audrey-hepburn-eleita-a-mais-bonita-da-historia-de-hollywood/> (Acesso em 08/11/2015)

Neste caso, a locutora fala para alguém que ela acredita que a inveja muito, tanto que, se pudesse ser revertida em dinheiro, tal inveja a deixaria rica. A hierarquia é clara, enquanto a Postagem 2 separa subordinado e subordinador (ODÁLIA, 1985) através de uma ameaça à face alheia, a posição confortável para a perpetuação da violência e fixação de valor humano inferior (ELIAS, 2000) atua como valorizadora dos qualificativos de quem publica a Postagem 2. Torna-se uma “indireta”, assim, por contemplar em um só ato, o destaque de seus atributos positivos e a minimização da face (GOFFMAN, 2012) do outro.

Seguindo o componente linguístico de Ducrot (1987), a Postagem 2 apresenta o pressuposto de que existe uma pessoa específica que inveja a outra. E, a partir do sorriso da imagem, parece que esse tipo de sentimento não incomoda a locutora. É como se fosse algo bom mostrar que alguém possui inveja de outro. A ideia aparenta ser, então, mostrar aos demais usuários do Facebook como se sente invejada, deixando espaço para que o subentendido (DUCROT, 1987) seja interpretado já direcionado à valorização da face de um, uma vez que só se tem inveja quando se almeja algo que é de outrem. Assim, as leis de discurso (DUCROT, 1987) são colocadas em prática. Se alguém fala “por um mundo onde a sua inveja...”, pressupõe-se que, para que a inveja possa ser transformada em dinheiro e, dessa forma, enriquecer a pessoa, é necessário admitir que a inveja existe e realmente atua entre os sujeitos da Postagem 2. Essa decodificação imposta precisa contar com a legitimação do outro que há, em comum acordo, alguém que inveja e, somente depois, pensar a legenda da publicação “Estaria RYCA”, em termos de quantidade.

Antes de partirmos para os sentidos da legenda da Postagem 2, é válido ressaltar o direcionamento explícito da publicação. Entende-se, a partir da junção de Enunciado 1 e Enunciado 2, que há uma pessoa específica constituindo o “alvo”. Observa-se isso com o uso de “sua”. Assim, a ameaça não se aplicaria a “minha” inveja, a inveja “dele”, “nossa” ou a inveja que a própria pessoa que compartilhou o post pode ter de outro, mas de apenas um indivíduo que está determinado no Enunciado 1. O ato ilocutório (DUCROT, 1987) seria destinado a um sujeito e “repassado” – no caso do dinheiro – a outro, caracterizando a “indireta”. Na Figura 44, por exemplo, percebe-se que não há incômodo em ser invejada, inclusive parece ser até bom.



Figura 44: Comentário retirado da Postagem 2.

No que diz respeito ao uso da frase “Estaria RYCA”, somos remetidos a um macrocontexto (RECUERO, 2012), isto é, a um ambiente maior do que a CMC estabelecida

nos espaços de interação da Postagem 2 – que seria o microcontexto. Esse cenário diz respeito a uma novela chamada “Beleza Pura¹³⁹”, transmitida em 2008, mas ainda em evidência. Isso devido às múltiplas apropriações dos usuários especialmente da expressão “Eu sou rica”, reproduzida pela atriz Carolina Ferraz¹⁴⁰ que, em sua interpretação, gritava em alto e bom tom: “Eu não vou ser, eu não vou ser presa. Sabe por quê? Eu sou rica! Eu sou rica! Rica”. Tal cena foi suficiente para eternizar a personagem altamente sincera e dar origem a diversos tipos de apropriações, como o perfil do Twitter¹⁴¹ e do Facebook¹⁴², onde parece ter sido inserido a letra “y” como algo característico dos perfis, eternizando o uso do “Ryca”, que pode ser empregado mesmo sem o conhecimento de sua origem em qualquer microcontexto (RECUERO, 2012) que se queira estabelecer a sensação de superioridade e abono financeiro. Tudo isso proporcionado, limitado e potencializado pelas características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2007;2010). Percebe-se que o próprio sentido da Postagem 2 é potencializado pela apropriação dos usuários, como é o caso da Figura 45.



Figura 45: Compartilhamento retirado da Postagem 2.

Novamente, o *habitus* (BOURDIEU, 1930) da dominação entre os sujeitos ganha manutenção e, novos contornos e legitimações da violência simbólica, sendo fixado no perfil do usuário que julgou pertinente manter esse tipo de ameaça à face (GOFFMAN, 2012) permanentemente em seu mural. Aparentemente, houve aceitação por parte de alguns contatos (18 pessoas que curtiram e mais duas que comentaram a Figura 45) do usuário, sugerindo legitimação. A face, nesse sentido, parece ser valorizada pelo próprio indivíduo que utiliza recortes estratégicos para construir o *self* ideal, condizente com as percepções que esse

¹³⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Beleza_Pura (Acesso em 13/10/2015)

¹⁴⁰ A própria atriz comentou sobre as apropriações que fazem sucesso na internet em: <http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2012/11/eu-sou-rica-carolina-ferraz-comenta-video-que-virou-hit-na-web-morro-de-rir.html> (Acesso em 13/10/2015)

¹⁴¹ <https://twitter.com/eusouryca> (Acesso em 13/10/2015)

¹⁴² <https://www.facebook.com/eusouryca> (Acesso em 13/10/2015)

mesmo sujeito deseja transmitir aos outros. Trata-se de assumir um papel social (GOFFMAN, 2012) de invejada e ter isso reconhecido como verdadeiro por parte de seus contatos que por sua vez geraram outros microcontextos (RECUERO, 2012) a serem negociados.

c) Interação

As interações da Postagem 2 demonstram bem o sentimento de superioridade manifestado pelos usuários. Tanto no espaço de comentários – que demanda maior envolvimento na conversação (RECUERO, 2014) –, quanto no botão de compartilhar, percebe-se claramente o esforço para exacerbar suas próprias categorizações do *self* (BOYD e ELLISON, 2007). Observamos conversações no espaço de comentários que sugerem busca por legitimação (Figura, 46), no momento em que o usuário marca outro para reforçar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) já manifestada pelo conteúdo da Postagem 2.



Figura 46: Comentário retirado da Postagem 2.

A cooperação entre os usuários de que Brown e Levinson (1987) se referem pode ser apontada na Figura 46. Na verdade, não bastaria apenas o ator se categorizar como um ser invejado, criando a fronteira que separa os estabelecidos e os *outsiders* (ELIAS, 2000). Sem a legitimação (RECUERO, 2012) alheia, parece não surtir o mesmo efeito de validação do que com a participação de seu contato. Nesse caso, percebe-se que nada de novo foi acrescentado pelo ator que foi marcado nos comentários da Postagem 2, apenas a legitimação através de uma resposta afirmativa – “com certeza” – e de uma risada. Pode ser que este contato também “sirva a carapuça” da Postagem 2 e se sinta invejado, mas é bem possível também que a interação tenha sido feita somente para auxiliar na manutenção da face (GOFFMAN, 2012) e da representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) do amigo. Tal participação, mesmo que não genuína da parte do segundo ator, poderá garantir uma futura situação onde a sua própria face precise de legitimação, deixando aberto o espaço para que o usuário acione e outro para assegurar sua própria face. Então, há um ritual, uma imposição simbólica que é negociada e aceita pelos dois usuários da Figura 46 como verdadeira.

A interação da Figura 47 também apresenta a cooperação do outro para a manutenção e valorização da face do ator que compartilhou o post, enquanto participa da imposição da fronteira entre os invejados e os que invejam. É a violência simbólica que

Bourdieu (1930) se refere ao dizer que são significações naturalizadas como verdades absolutas e que, por não passarem por nenhum tipo de reflexão, auxiliam na ofensa ao outro de forma velada. Se o usuário da Figura 47 também concorda que estaria “ryca”, pressupomos, de acordo com Ducrot (1987), que ele apresentou todos os qualificativos necessários para ser considerado assim. Então, percebe-se a instauração de mais uma violência simbólica que envolve outros membros. Se, de acordo com as leis de discurso (DUCROT, 1987), o sujeito possui os atributos para tornar-se invejado pelos outros, novamente lembramos da fronteira dos estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000), que coloca este indivíduo que começou a fazer parte da interação em uma posição confortável e que “autoriza” a minimização dos que ele considera inferiores ao seu papel social (GOFFMAN, 2013).



Figura 47: Compartilhamento retirado da Postagem 2.

Fazendo referência às características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2010), temos uma conversa (Figura 47) que só pôde ser iniciada pelos recursos assíncronos (REID, 1991) da rede e das possibilidades do próprio Facebook. Assim, a Postagem 2 foi publicada no dia 15 de setembro e compartilhada no mural do usuário no dia 16 de setembro às 21:34. Entretanto, o indivíduo marcado e acionado para a conversa a partir do compartilhamento, só responde aproximadamente uma hora depois. A partir de então, o espaço é apropriado de forma síncrona (BARON, 2002) e passa a organizar os turnos da conversa instaurada. Podemos observar que três dos quatro comentários foram publicados na mesma hora, mas dispostos de acordo com a limitação e sistematização do Facebook.

Também se percebe o envolvimento dos atores na interação. Enquanto cinco usuários curtiram o compartilhamento da Postagem 2, apenas dois engajaram-se de forma intensa na conversação. Assim, cinco pessoas legitimaram o compartilhamento, mas apenas uma – exceto o usuário que compartilhou – demonstrou cooperação explícita com o que está proposto. Mais uma vez, o Facebook apresenta o nível de envolvimento dos usuários através dos seus botões, como afirmou Recuero (2014). A apropriação do “kkkk” também é identificada como participação apenas com risadas dos usuários. Lembrando que há outras formas de interação (curtir, comentar e compartilhar), sugerindo que o ator que comentou “kkkk” realmente se sentiu motivado a expressar seu riso e não apenas legitimá-lo através da curtida. Isso, por sua vez, pode ser entendido como um ritual de marcação (RECUERO, 2012) de presença nesse espaço.

d) Comportamento Social

O comportamento adotado pelos sujeitos que interagiram de alguma forma com a Postagem 2 é de superioridade. O imaginário coletivo que visa à dominação (BOURDIEU, 1930) é imposto em um posto confortável para rebaixar os qualificativos do outro (TAUSSIG, 1993) e, com isso, enfraquece-lo e desarmá-lo (ELIAS, 2000), como se pode ver na Figura 48, caracterizando a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) através do compartilhamento da Postagem 2.



Figura 48: Compartilhamento retirado da Postagem 2.

Podemos ver uma usuária de representação feminina tentando oprimir outra que, a partir da apropriação da *hashtag* #feiainfelizemalamada, parece estar direcionando a mensagem para outra. Todos os qualificativos utilizados demonstram bem o *habitus* no qual a sociedade contemporânea tende a reforçar. A desqualificação do outro (TAUSSIG, 1993) e a atribuição do mal a determinado tipo de pessoa (MINAYO, 1990) é clara. Entretanto, o compartilhamento vai além da subordinação (ODÁLIA, 1985) e dominação explícita, ele se estende ao “não-dito” (DUCROT, 1987) que identifica a violência simbólica (BOURDIEU, 1930). Cientes da violência mais explícita, podemos citar algumas camuflagens. Em nenhum

momento se diz que há uma espécie de naturalização dos valores da mulher necessariamente associados à beleza, felicidade e, por consequência, relacionamento amoroso. Na verdade, esses parecem ser atributos fundamentais para que se consiga ameaçar a face de uma mulher. Talvez, se ao invés de feia, o “alvo” da “indireta” fosse chamado de “burra”, o efeito não seria tão eficaz quanto o termo “feia”.

Temos um “não-dito” (DUCROT, 1987) que encontra respaldo no *habitus* (BOURDIEU, 1930) de uma cultura patriarcal, onde a valorização da figura feminina tende a estar, nas suas mais diferentes formas, relacionada aos atributos estéticos, como a beleza, por exemplo. Entretanto, essa beleza parece estar sempre a serviço dos homens, ou seja, há uma representação da mulher que é diretamente voltada para o homem. É uma dominação historicamente perpetuada e, como discutimos em Bourdieu (1930), portadora de uma ideologia que é tão natural que potencializa a violência simbólica, por ser exercida sem necessitar da consciência do indivíduo. Então, na Figura 38 temos um ato de ameaça à face (GOFFMAN, 2012) alheia ao mesmo tempo em que observamos a valorização online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) do usuário replicador da Postagem 2.

A Figura 48 também apresenta a escrita (re)oralizada (HILGERT, 2006) e o que Koch e Oesterreicher (1994,1990, 1985) apontaram como referentes à manifestação fônica X manifestação gráfica de uma expressão. É o caso do termo “zóião”, que designa uma fala comumente utilizada para manifestar que alguém tem olhos grandes. O comportamento social que o *emoticon* utilizado pelo usuário da Figura 48 sugere é de sarcasmo. Lembrando os atos ilocutórios de Ducrot (1987), seria como se o sujeito, após ter minimizado e inferiorizado o outro (TAUSSIG, 1993) literalmente beijasse o receptor da mensagem. Finalmente, a Figura 48 apresenta o macrocontexto (RECUERO, 2012) que é a crise, isto é, enquanto o microcontexto relaciona a crise atual com o suposto dinheiro resultante da inveja, o momento em que esta publicação foi feita condiz com o difícil período que o Brasil tem passado nos mais diferentes aspectos¹⁴³, culturais, econômicos e etc.

Vale lembrar que o comportamento social dos usuários participantes das conversações da Postagem 2 aparenta ser altamente narcisista e modesto (Figura 49, Figura 50)

¹⁴³ <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/37881-a-crise-no-brasil-pelos-jornais> (Acesso em 19/10/2015)



Figura 49: Comentário retirado da Postagem 2.

Observa-se que mesmo que a “indireta” por si só corresponda a uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que ameaça a face alheia, e potencializa a autovalorização da sua própria representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), os usuários parecem fazer questão de complementar a Postagem 2. Na verdade, a construção dos sujeitos ainda se sobrepõe à superioridade da postagem, ou seja, quando coloca a legenda “Estaria RYCA!”, temos um “não-dito” (DUCROT, 1987) associado à personagem rica de Carolina Ferraz, como já discutimos. Desta forma, o dinheiro em questão parece ser a moeda brasileira, o real. No entanto, ao colocar “Em Euros” “Ou libras! Haha”, os interagentes também estabelecem uma fronteira com a mulher da Postagem 2, a saber, Audrey Hepburn. Euro, por sua vez, é uma moeda que vale mais do que o real, enquanto libras é uma moeda ainda mais valorizada do que a anterior.



Figura 50: Compartilhamento retirado da Postagem 2.

O mesmo se percebe no compartilhamento da Figura 50. Lembrando, neste caso, que o mural é uma espécie de palco onde o ator demonstra suas principais habilidades e papéis (GOFFMAN, 2012) para o público, altamente complexo porque agora é em rede (BOYD, 2010).

6.3 PÁGINA “OLHA SÓ KIRIDINHA”: ANÁLISE DA POSTAGEM 1 E POSTAGEM 2

As “indiretas” da página carregam a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) em um tipo de “não-dito” (DUCROT, 1987) essencialmente construído através da ironia e do cinismo. As postagens normalmente são direcionadas a alguém específico, que comumente é chamado de “kirida”, enfatizando o tom de deboche com que a mensagem deve ser decifrada.

Assim, não se trata de uma expressão que demonstra intimidade entre as faces (GOFFMAN, 2012), mas justamente o contrário. O uso de termos como “kirida” – Postagem 1 – e imagens que parecem dialogar diretamente com o observador – Postagem 2 – são recursos característicos da página e que frequentemente indicam falsidade. Desta forma, a dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) dos estabelecidos sobre seus *outsiders* (ELIAS, 2000) circula livremente através do sarcasmo da página. A página costuma utilizar publicações que fazem de Audrey Hepburn a narradora da “indireta”, atribuindo à própria imagem uma superioridade. Como dissemos, não se trata de qualquer mulher enunciando as postagens e sim da que foi considerada a mais bela de Hollywood, segundo a revista Rolling Stone¹⁴⁴, deixando nomes como Grace Kelly¹⁴⁵ e Marilyn Monroe¹⁴⁶. Assim, há um estabelecimento de fronteira (ELIAS, 2000) sugerido pela composição da imagem. Lembrando que poderia ser qualquer mulher a narrar as postagens para a “kiridinha”, porém o fato de escolher Audrey nos leva a interpretar a página como a representação de um sujeito superior que, por estar em um lugar confortável (ELIAS, 2000) e acima dos demais, sente-se no direito de indicar defeitos e apontar o desprezo que tem por aqueles que a veneram. As duas postagens foram feitas de modo a não acarretar nenhum tipo de prejuízo à face (GOFFMAN, 2012) do emissor, pois nada foi dito e, conforme Zandwais (1990), somente o que é dito pode ser contradito. Assim, não há como responsabilizar o emissor por nada que está contido nas postagens, pois houve o cuidado de acobertar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e a ameaça (GOFFMAN, 2012) nas entrelinhas da “indireta” e do domínio estratégico das leis de discurso (DUCROT, 1987). Cabe ressaltar o sucesso contínuo da página que já ultrapassou as fronteiras do computador e hoje integra os seguidores através de eventos (Figura 51) organizados pelo administrador para ocorrerem offline.

¹⁴⁴ <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/audrey-hepburn-eleita-a-mais-bonita-da-historia-de-hollywood/> (Acesso em 06/11/2015)

¹⁴⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Grace_Kelly (Acesso em 06/11/2015)

¹⁴⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Marilyn_Monroe (Acesso 06/11/2015)



Figura 51: Print de eventos retirados da página "Olha só Kiridinha", no Facebook.

Também há um incentivo para que os usuários sigam os perfis da página em outras redes sociais¹⁴⁷, reforçando a importância e a influência da mesma em espaços distintos do Facebook. A identificação dos seguidores é tanta que “Olha só Kiridinha” tem até uma loja¹⁴⁸ de roupas com estampas semelhantes aos dizeres das postagens (Figura 52) repercutidas na internet.



Figura 52: Exemplo de "indireta" fixada na camiseta da loja da página "Olha só Kiridinha".

Assim, a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) da “indireta” ganha outra dimensão e circula, também, no contexto offline. Exemplo disso foi a realização da festa oficial da página, cujo slogan é “Se não for pra causar eu nem vou”, além de outros tantos

¹⁴⁷ www.twitter.com/olhakiridinha; Instagram: @olhakiridinha, etc.

¹⁴⁸ www.olhasokiridinha.com/loja (Acesso em 10/10/2015)

eventos que são constantemente sugeridos. A ideia é, literalmente, ameaçar a face (GOFFMAN, 2012) do outro através das palavras, caracterizando a violência simbólica presente nas “indiretas” deste ambiente.

Tabela 5: Sistematização da Postagem 1 e Postagem 2 a partir da CMDA

a) Estrutura	Narrativa feita por Audrey Hepburn; legenda como complemento fundamental para o entendimento da “indireta”; construção multimodal; construção <i>vintage</i> ; demarcação de autoria; discurso direcionado a terceira pessoa do singular.
b) Sentido	Constrangimento da face alheia a partir da valorização de seus próprios atributos; destaque à face positiva; construções que utilizam imagens e expressões como “kirida” como ritual de ironia e deboche; isenção da face do emissor.
c) Interação	Identificação com o conteúdo; apropriação dos espaços de interação; referência a macrocontextos; comunicação assíncrona, marcação de usuários, apropriação multimodal; complemento ao conteúdo; apropriação do macro para o microcontexto.
d) Comportamento Social	Uso intenso de <i>emoticons</i> e simulações de riso para demarcar ironia; recortes estratégicos como validação e favorecimento da face; ameaça explícita contra “alvos” específicos; incentivo à violência e dominação simbólica entre faces; busca por cooperação e legitimação de outros usuários; ajustes à representação ideal do <i>self</i> ; recusa ao recurso de marcação do “alvo” devido ao comportamento polido e eliminação de conflito entre os espetáculos; ameaça como valor positivo.

Fonte: (HERRING, 2004 ;2012)

6.4 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: ANÁLISE DA POSTAGEM 3



Figura 53: Print da Postagem 3, retirado da página "Félix Bicha Má".

Tabela 6: Sistematização dos dados da Postagem 3.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 3	01/07/2015	(Sem descrição)	Enunciado 1: “Sou desses que curte uma indireta sabendo que é pra mim” Enunciado 2: “Só pra deixar a pessoa com mais raiva”	16.561	265	7.038

a) Estrutura

Assim como muitas “indiretas” – porém sem generalizá-las -, a Postagem 3 é construída a partir de uma imagem de fundo e dois enunciados, um inferior e outro superior. O pano de fundo dessa postagem é uma cena da novela recortada. Nela, o personagem aparece aparentemente de pijama em uma posição confortável, com uma mão ele segura a cabeça, pois está com o cotovelo apoiado. Também há um copo pela metade com algum líquido, ajudando na composição do contexto da cena. Com a outra mão, Félix segura algo de comer, um aperitivo ou algo semelhante, enquanto olha para o notebook rindo, como se estivesse se divertindo com algo que o observador da postagem não vê.

Ela é o oposto da Postagem 1 e Postagem 2, onde as publicações pareciam ser dirigida àquele que lhe enxerga, como se estivesse olhando para o receptor da mensagem. Na Postagem 3 só se vê a cena, é como se o observador fosse um terceiro elemento que não está sendo “considerado”.

As letras são todas brancas em letra maiúscula de forma, sendo o Enunciado 1 com um tamanho de fonte maior do que o Enunciado 2, destacando a primeira mensagem. Na verdade, a Postagem 3 não tem muitos elementos de distração, concentrando a postagem em torno do personagem e dos dois enunciados em torno do mesmo. Fora isso, assim como na Postagem 2, a página “Félix Bicha Má” utilizou um mecanismo de marcação, o que não deixa de ser um ritual de presença, uma vez que a marca da página é colocada em um lugar estratégico – que desconstruiria a postagem caso fosse retirado. Percebe-se aí as características multimodais discutidas por Herring (2012; 2013) e que, por ser algo fundamentalmente intrínseco na CMC no Facebook, optamos por não analisar esse fenômeno como um item separadamente. Veremos que grande parte das interações e da composição da Postagem 3 é multimodal. Imagem, texto, links, vídeos e marcações são apenas alguns dos elementos, tirando a televisão, devido à novela que abarca o personagem analisado nas Postagem 3 e Postagem 4.

No lado direito há os botões e recursos do Facebook, como o espaço para legendas que não foi utilizado, o de comentários e compartilhamentos, assim como os principais comentários visivelmente dispostos do lado direito também. Finalmente, temos na Postagem 3 uma estrutura criada no presente do indicativo pelo verbo “sou”, caracterizando a primeira pessoa do singular. “Desses” é uma contração da preposição com o pronome demonstrativo “esses”. É uma afirmação, não há dúvidas do que está sendo dito pelo locutor, uma vez que o que ele atesta é uma classificação de si mesmo.

b) Sentido

O sentido da Postagem 3 mostra, literalmente, que a “carapuça serviu” nos usuários que legitimaram de alguma forma a publicação. A ideia parece ser a de alguém que, com um tom de superioridade, aparenta achar que irá incomodar mais o seu “alvo” se curtir uma “indireta” (DUCROT, 1987), que assume como sendo para si, abrindo espaço para que a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) ganhe mais força ainda. Trata-se de uma apropriação da narrativa do personagem que existe fora da rede, como é o caso da novela, e é utilizada

pelos usuários para criar agrupamentos com valores específicos – é o caso da página, que reúne seguidores que se interessam pelo “humor” ácido de Félix.

Na Postagem 3, o vilão nomeado na página de “Bicha Má”, reproduz uma narrativa que é específica do contexto do Facebook. Seria essa pertencente ao macrocontexto (RECUERO, 2012), pois depende de um histórico que diz respeito à novela e às características de Félix na televisão, passando para o microcontexto (RECUERO, 2012) que é o apoderamento da cena que foi recortada e inserida na página com um discurso semelhante ao do Félix da novela, mas sendo complementado com ações presentes no contexto interacional das conversações e, portanto, revelando valores e características próprias da ferramenta, o Facebook. Percebe-se aí, os rituais de interação (RECUERO, 2012), ajudando a construir não só o *self* online (BOYD e ELLISON, 2007) do indivíduo, mas a maneira como os outros devem (pelo menos é o seu desejo) perceber a sua atuação na própria CMC. É isso que veremos no próximo item, a interação.

c) Interação

Como explicamos na metodologia, retiramos os três principais comentários de cada post, sendo as Figuras 54, 55 e 56 referentes à Postagem 3.



Figura 54: Comentário retirado da Postagem 3.



Figura 55: Comentário retirado da Postagem 3.

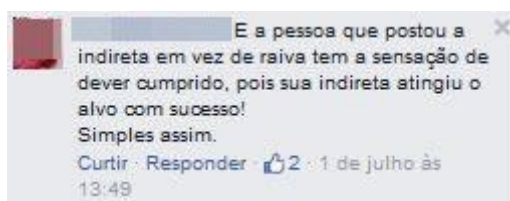


Figura 56: Comentário retirado da Postagem 3.

A Figura 54 demonstra a busca por cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) e legitimação da face (GOFFMAN, 2012), onde o usuário utiliza o ritual (RECUERO, 2012) de marcação para trazer outro sujeito para a conversação, introduzindo-o no microcontexto (RECUERO, 2012) ao qual se refere. Esse comentário é como uma extensão, um

complemento da Postagem 3, continuando a ideia e potencializando o sentido da publicação. Nesse caso, o comentário manifesta tamanho envolvimento com a interação que o indivíduo possui com seu “alvo”. Assim, o usuário legitima o conteúdo – um discurso que é uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e uma ameaça a sua própria face (GOFFMAN, 2012) – através de outro botão que discutimos no Facebook, o “comentar”. “Curtir” um post, segundo Recuero (2014) é a legitimação mais simples e que precisa de menos investimento para acontecer. Isso quer dizer que o “curtir”, que é o elemento proposto pela Postagem 3, aparenta ser pouco para o indivíduo que parece querer se mostrar tão ciente da “indireta” como quem a “manda”. Desta forma, a Postagem 3 é complementada pelos sujeitos que analisamos nesta publicação (Figura 54 e Figura 55), pois o envolvimento sugerido não é suficiente para o nível de legitimação que aparenta querer ser demonstrado pelo outro, aquele que “responde” ou “retruca” a “indireta”. Há o uso do riso que parece demarcar o sarcasmo com “rs rs rs”, o que também pode ser entendido como um ritual.

Ainda sobre a Figura 54, é possível identificar a linguagem abreviada (HERRING, 2001) nos termos “qd”, referente a “quando”, “tb” a também e, por sua vez se vê a escrita oralizada (HILGERT, 2006) e a “manifestação fônica X manifestação gráfica” que Koch e Oesterreicher (1994, 1990, 1985) trabalham na palavra “neh?”. O uso do “né” como uma forma de testar o ouvinte, para buscar confirmação e cooperação na conversação é frequentemente empregado no contexto offline. Ao marcar seu amigo no espaço dos comentários, o usuário utiliza o “h” como sinônimo do acento agudo de “é”, simulando a CFF. Além disso, o uso do “neh?” demonstra que o indivíduo impõe a partir de seu ato ilocutório (DUCROT, 1987) a obrigatoriedade da resposta. Atentamos ao fato de que o comentário da Figura 54 foi curtido por 14 pessoas, que mesmo que indiretamente, se integraram à conversação ao legitimar o comentário. Isso quer dizer que houve uma espécie de identificação com o que foi dito de tal forma que somente a curtida bastou para expressar o pensamento, sem exigir outro tipo de entrosamento do usuário na Postagem 3.

Já na Figura 55 temos outro ritual (RECUERO, 2012) de marcação, mas sem nenhum elemento de apoio como foi o caso do “neh?”. Nesse comentário o usuário também utiliza a abreviação (HERRING, 2001) em “vc” como vc e, é válido ressaltar, que apresenta outro tipo de apropriação, desta vez a substituição da expressão “tamo junto”, que já é uma escrita oralizada (HILGERT, 2006), simplificada de “estamos juntos” e inserida no contexto da CMC, de forma a reduzir ao “tmj”. O uso da palavra “amiga” também mostra o sarcasmo do usuário que se faz de desentendido e ainda ameaça a face (GOFFMAN, 2012) do outro através do cinismo – o uso do “kkkk” também ajuda nessa estruturação do humor -, como se

estivesse na mesma situação do “alvo”, manifestando cooperação e identificação, mas completamente falsos. Isso lembra o que Goffman (2012;2013) discute ao afirmar que é preciso utilizar mecanismos concisos e que não contradigam a face. Isso vale para os atores que desejam desempenhar o seu próprio papel na rede, mas também para os falsos atores, que também precisam ter seu papel acreditado pelos demais. A Figura 55 foi o segundo comentário mais curtido da Postagem 3, com três legitimações.

A Figura 56, por outro lado, manifesta uma posição diferente dos outros dois analisados. Ela não marca nenhum usuário, não utiliza nenhum tipo de riso e nem parece procurar legitimação ou cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) de outros membros do grupo. Também não faz abreviações (HERRING, 2001), o texto é claro e objetivo, uma espécie de “desconstrução” da Postagem 3. O comentário reforça nossa proposta de “não-dito” como violência e dominação (BOURDIEU, 1930) que ocorre através do emprego estratégico de palavras de forma que não possa ser atribuído nenhum tipo de responsabilidade à sua fala (DUCROT, 1987), pois só se pode questionar o que foi “dito” (ZANDWAIS,1990). Apenas duas pessoas curtiram o comentário, mas ele ainda é disposto entre os mais relevantes da Postagem 3. É interessante pensar que o subentendido só assume sua função de “indireta” quando os contextos e os recursos oferecidos pelo componente linguístico (DUCROT, 1987) levam o usuário a se identificar com o conteúdo da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) de tal forma a consentir a ameaça à sua própria face (GOFFMAN, 2012), isto é, ele assume o discurso como sendo direcionado para ele, facilitando a circulação da violência simbólica na CMC.

Ao contrário dos dois comentários precedentes, o usuário da Figura 56 parece achar que ao retribuir uma “indireta”, o sujeito atesta ao outro que foi atingido e é exatamente isso que faz com que o discurso se volte contra o próprio “alvo” de origem, declarando ao emissor inicial o “sucesso” de sua ameaça à face (GOFFMAN, 2012). É o que aparenta ser a eficácia da “indireta”, isto é, a maneira como um usuário dá consentimento, mesmo sem perceber (BOURDIEU, 1930), para que se estabeleça uma relação desigual onde os que ocupam as melhores posições (ELIAS, 2000) são capazes de estigmatizar e derrotar as capacidades simbólicas do outro (TAUSSIG, 1993). A Figura 56, então, parece atentar para essa dominação que é, de certa forma, autorizada pelo indivíduo que se coloca em posição de “alvo” e permite que a sua própria face (GOFFMAN, 2012) seja ameaçada. De 265 comentários na Postagem 3, encontramos 12 (o equivalente a aproximadamente 04% do todo) marcações (Figura 57), 24 comentários com *emoticons* (09%), 27(10%) apenas com alguma risada (Figura 58).



Figura 57: Comentário retirado da Postagem 3.



Figura 58: Comentário retirado da Postagem 3.

Comentários em que o indivíduo se identificava claramente (Figura 59) explicitando a sua concordância foram 51, representando 19% do restante. Por fim, a Figura 60 mostra um exemplo de interação onde o usuário utilizou texto além da risada, diferente da Figura 59 onde se considerou somente as simulações de risos.

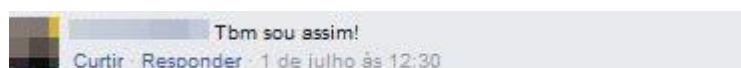


Figura 59: Comentário retirado da Postagem 3.

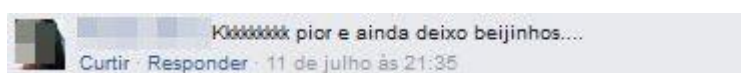


Figura 60: Comentário retirado da Postagem 3.



Figura 61: Comentário retirado da Postagem 3.

Esses 84 comentários seguidos de texto como a Figura 59, são os responsáveis por 32% do total das interações analisadas na Postagem 3. Apenas 5 (Figura 61) comentários buscaram desconstruir a narrativa e deslegitimar os comentários. A maior parte dos usuários legitimou a Postagem 3 a partir das curtidas, que demandam menos investimento do ator (RECUERO, 2014).



Figura 62: Comentário retirado da Postagem 3.

Identificamos algumas pessoas que não participaram da interação, embora utilizassem o espaço de comentários. Neste caso, a Figura 62 mostra um exemplo de um sujeito que a partir dos recursos multimodais que apresentamos por Herring (2004;2012;2013) faz a divulgação da própria página, uma vez que - como vimos em boyd (2007;2010) - são informações delimitadas pela ferramenta e dependentes das características da CMC e dos

públicos em rede para permanecer e se disseminar na rede. Está aí um exemplo de apropriação do espaço conversacional para outros fins, como o uso do *link* – elemento pertencente à categoria da multimodalidade (HERRING, 2012) – para benefício próprio e sem relação com a página em si.

Entretanto, também encontramos indivíduos que fizeram questão de mostrar o quanto estão identificados com a Postagem 3, muitas vezes somente com uma risada (Figura 58) e sem agregar nenhum tipo de informação ao post ou com algum tipo de comentário como os das Figura 59 e Figura 60. Poucos foram os que tentaram deslegitimar o *habitus* (BOURDIEU, 1930) que impõe a dominação simbólica a partir da língua, como na Figura 61. Nesse comentário, percebe-se o uso da palavra “pudor”¹⁴⁹ para definir pessoas que mandam “indiretas”, lembrando que o termo diz respeito a um sentimento de mal-estar, vergonha e timidez causado por qualquer coisa capaz de ferir a decência, a modéstia, a inocência. Em outras palavras, um gesto que tem o potencial de ameaçar a face (GOFFMAN, 2012) dos indivíduos que integram a conversação. É por isso, então, que precisamos estudar como se dá a disputa das faces, como elas se ameaçam e valorizam os indivíduos nas interações, auxiliando nas pistas de suas representações (GOFFMAN, 2013) que ficarão visíveis em sua rede moldando o papel da representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) e direcionando as impressões da plateia (GOFFMAN, 2013) da maneira como achar mais benéfico para si. Tudo isso é fruto do comportamento social, item que abordaremos a seguir.

d) Comportamento Social

Analisaremos como se constrói o comportamento dos indivíduos e que tipo de interferência às faces pode ocorrer no ambiente online e também no offline. Faremos isso principalmente através dos compartilhamentos, botão que também tem uma característica multimodal (HERRING, 2012;2013), uma vez que apropria-se do conteúdo original e lhe atribui novos significados ou reforça os já existentes, de acordo com a necessidade de cada face (GOFFMAN, 2012). Iniciaremos lembrando Brown e Levinson (1987) que afirmaram ser preciso uma manutenção de faces, e isso depende inteiramente dos sujeitos para acontecer e, por isso, precisa ser negociado (Recuero, 2012) na internet. Geralmente é sobre a face positiva (BROWN e LEVINSON, 1987) que a representação é construída, pois valoriza o sujeito e, isso, em redes sociais como o Facebook, é um valor precioso.

¹⁴⁹ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pudor> (Acesso em 23/10/2015)



Figura 63: Compartilhamento retirado da Postagem 3.

Na Figura 63 vemos uma usuária que, ao tentar valorizar e assegurar sua face (GOFFMAN, 2012) a partir da identificação com a Postagem 3, acaba, ela mesmo, por ameaçar sua face, tornando-se refém de sua própria subordinação (ODÁLIA, 1985). É nesse momento que o indivíduo, sendo ou não o “alvo”, decodifica os pressupostos, os subentendidos (DUCROT, 1987) e, com base nas informações que dispõe, conclui que é para ele a mensagem, configurando a “indireta”. Ao falar “acha que sou tão ingênuo”, todos aqueles atributos que minimizam (TAUSSIG, 1993) e amesquinham o homem (BOURDIEU, 1930; ELIAS, 2000) são assumidos como sendo seus, dando manutenção ao comportamento maniqueísta que Minayo (1990) discute e perpetuando o *habitus* (BOURDIEU, 1930) de uma cultura superior manifestada através da violência simbólica dessa “indireta”. Entretanto, nada disso está dito, o que potencializa ainda mais a violência, pois a parte da naturalização do sujeito é composta pelo “não-dito” (DUCROT, 1987) que abordamos aqui.

No mesmo compartilhamento (Figura 63) é possível observar os rituais de presença, abertura e fechamento (RECUERO, 2012) com o uso de “boa noite”, uma espécie de encerramento da conversa. O uso das *hashtags* na Figura 63 pode ser um exemplo do que Primo (2006) apontou como sendo novas formas de interação de uma altamente conectada e que é chamada de sociedade em rede (RECUERO, 2012), uma vez que se percebe como a utilização dela é estratégica para compor a interação, demarcando palavras chave (HONEYCUTT; HERRING, 2009) com *hashtag*, a saber: #alfinetando, #gargalhando, #irônica, #debochada e #sincera. Assim, no momento em que se sente “alfinetada”, a “indireta” surge e a face (GOFFMAN, 2012) é posta em risco, assumindo o papel de inferior, de *outsider* (ELIAS, 2000). Ao dizer que não é ingênuo, na verdade ela deixa vir à tona toda a fragilidade que fez a mesma se enquadrar, vestindo literalmente a “carapuça” e retrucando a “indireta” com outra.

Apontamos (Figura 64) uma “indireta” na qual a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) parecia estar direcionada a um “alvo” específico – “Geysielle” -, mas que na verdade indicou atributos que acabaram por atingir outro contato – Maria. Essa é uma das capacidades da “indireta”, ou seja, mesmo querendo direcionar o conteúdo a alguém, o “não-dito” (DUCROT, 1987) está sempre à espera de interpretação que lhe elevará ou não ao patamar da “indireta”. Com as características da CMC (BOYD, 2007;2010; RECUERO, 2012) e as particularidades dos públicos em rede a Postagem 3 que foi publicada no dia 01 de julho foi apropriada quatro dias depois pela usuária da Figura 64 e gerou uma conversa assíncrona (REID, 1991), de forma que a conversa aconteceu em momentos diferentes e não instantaneamente.

Uma vez que a “indireta” é um tipo de “não-dito” (DUCROT, 1987), há o risco permanente de atingir várias faces, dependendo do nível de identificação de cada indivíduo com o conteúdo subentendido (DUCROT, 1987) a partir dos pressupostos da Postagem 3.



Figura 64: Compartilhamento retirado da Postagem 3.

Foi o que aconteceu na Figura 64. Por ter uma audiência invisível (BOYD, 2007; 2010) e não controlar (GOFFMAN, 2013) os subsídios usados para interpretação de cada pessoa, a Figura 64 mostra a negociação de faces (BROWN e LEVINSON, 1987) que não deu certo, mesmo após o sujeito ressaltar que a “indireta” não era para este contato e sim para outro. Lembrando que a Figura 64 mostra mais um exemplo onde uma representação feminina oprime a outra, enquanto as duas são subordinadas (ODÁLIA, 1985) aos mesmos padrões determinados no macrocontexto (RECUERO, 2012), que privilegiam uma mulher magra e seres humanos individualistas (BAUMAN, 2007).

Assim, apesar da tentativa do emissor de reparar seu relacionamento abalado por uma “indireta” mal interpretada ou, ao menos, interpretada pela pessoa errada, o conflito (ZANDWAIS, 1990) que se buscava evitar parece ter sido instaurado, gerando mais uma troca entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000), onde um está em posição favorável para estigmatizar o outro. Inclusive, percebemos a ironia na conversação com o uso de “amiga” e “querida” ao referir-se ao outro usuário, como se fosse um ar de cinismo e deboche. A tentativa de fazer uso do “não-dito” (DUCROT, 1987) para amenizar o dito, dizer sem dizer e evitar qualquer tipo de apontamento ou responsabilização, tudo para evitar o conflito (ZANDWAIS, 1990) e a ameaça às faces (BROWN e LEVINSON, 1987) parece não ter dado certo. Mais uma disputa simbólica que se instaura a partir das ameaças às faces (GOFFMAN, 2012) potencializando os efeitos da violência, também simbólica (BOURDIEU, 1930), nas “indiretas”.

6.5 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: ANÁLISE DA POSTAGEM 4



Figura 65: Print da Postagem 4 retirado da página "Félix Bicha Má".

Tabela 7: Sistematização dos dados da Postagem 4.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 4	22/07/2015	(Sem descrição)	Enunciado 1: “Quando me sinto feio” Enunciado 2: “Visito o Facebook das inimigas e isso me conforta.”	14.232	442	4.167

a) Estrutura

A Postagem 4 é estruturada da mesma forma que a Postagem 3. Trata-se de uma cena retirada da novela e congelada, sendo apropriada e transferida para o contexto online. Nela, Félix ri de algo que vê no computador, mas que não é acessível ao observador, pois não há como enxergar o motivo pelo qual ele está dando risada. A cena mostra o ator sentado em uma poltrona aparentemente confortável, atrás há uma estante e mais ao fundo, dois abajures ligados. A composição do post não desvia o olhar e dá ênfase ao texto disposto nas partes inferior e superior da imagem. Ainda na imagem há a marca/logo da página com endereço para o Facebook e Instagram “oficial” da “Félix Bicha Má”, o que evidencia os rituais e a circulação de vários modos, exemplificando a co-atividade de mídias que Herring (2004; 2012; 2013) se refere quando fala da comunicação multimodal na CMDA.

As letras são brancas e escritas em caixa alta, isto é, todas em letras maiúsculas. O Enunciado 1, na parte superior do post parece ter uma fonte maior do que o texto disposto do lado inferior da imagem, o que sugere um reforço do Enunciado 1. Finalizando a estrutura, o uso do “quando” refere-se a uma conjunção subordinativa adverbial, o “me” diz respeito ao pronome pessoal oblíquo da primeira pessoa do singular, estruturando a narrativa do personagem falando dele mesmo.

b) Sentido

A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que envolve o sentido geral da “indireta” da Postagem 4 parece ser o de demonstrar um indivíduo que procura uma face (GOFFMAN, 2012) “inferior” e que possa ameaçar ao mesmo tempo em que valoriza sua representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007). Tal face parece ser de uma representação feminina, já que é claro quando fala “das inimigas”. Cabe salientar que a cena retirada da novela faz referência ao macrocontexto, enquanto o microcontexto (RECUERO, 2012) é o que enquadra

o Facebook e, especialmente, a demarcação dos indivíduos nesta ferramenta específica. Na verdade, é basicamente o que Elias (2000) fala quando discute os estabelecidos e os *outsiders*, onde é determinada uma categoria inferior e estabelece-se em cima dela, fazendo surgir uma relação hierarquizada e desigual entre os que pertencem a cada lado da fronteira. Assim, tudo o que é negativo e oposto ao que se deseja transmitir é transferido ao lado *outsider* da fronteira, enquanto valoriza-se o lado opressor, subordinador (ODÁLIA, 1985). Assegura-se a face (GOFFMAN, 2012) que, por mais que assuma a sensação negativa de se sentir feio, faz com que o indivíduo mediante a uma espécie de comparação de faces, saia como privilegiado. É isso que chamamos de “indireta”.

Trazendo os atos ilocutórios (DUCROT, 1987) para discussão, temos a imposição de uma situação que não é permanente. No momento em que emprega “quando”, pressupõe-se que não é sempre que isso acontece e sim em momentos específicos. Há uma obrigação em aceitar que o personagem se sente feio, porque se não admitisse isso, não haveria como decodificar o Enunciado 2. Isto já pode ser considerado um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1930). Somos levados a criar a hipótese dessa situação para entender o que acontece com o sujeito diante dela, resultando em sua reação que está descrita também no ato ilocutório (DUCROT, 1987), mas desta vez associado ao “visitar”. É o ato linguístico que se torna um ato moral (GOFFMAN, 2013). Ele é executado no próprio enunciado (DUCROT, 1987) possibilitando e direcionando as possíveis interpretações vindas de tal sentido produzido.

Admite-se uma situação em que Félix, representando o locutor da Postagem 4, ri da situação alheia ao perceber que há alguém pior do que ele, amenizando o sentimento negativo e enaltecendo a face positiva (BROWN e LEVINSON, 1987) que antes estava ameaçada (GOFFMAN, 2012) pelo próprio emissor da publicação. Assim, há uma espécie de significação de que apesar de todas as ameaças e riscos à sua representação no Facebook, ao olhar para o perfil das “inimigas”, o que já sugere a delimitação e categorização do mal em determinado tipo de pessoa (MINAYO, 1990), o indivíduo volta a assegurar sua face e a valorizar seu espetáculo (GOFFMAN, 2013), pois se “dá conta” de que está em uma condição mais confortável para inferiorizar (ELIAS, 2000) determinado tipo de sujeito. Nesse caso, aqueles considerados feios, determinados, portanto por um *habitus* (BOURDIEU, 1930) que estipula o modelo do que é belo, do que é certo, do que é valorizado e do que pode ser menosprezado. A esses, atribui-se o qualificativo de “inimigo” e a ele inferioriza-se, pois é preciso legitimar e superestimar o lado amigo.

A ideia de manter-se em uma posição confortável (ELIAS, 2000) parece ser o que o indivíduo almeja quando se sente feio e “visita” o Facebook das “inimigas”. Ver que o outro está pior do que eu, então, aparenta ser um dos sentidos propostos pela Postagem 4. É esse sentido que garante o sentimento de superioridade na luta do estabelecimento das faces (GOFFMAN, 2012) em questão. Esse estabelecimento de faces por meio do “não-dito” (DUCROT, 1987) também é percebido nas interações. O “não-dito”, nesse caso, é que as inimigas são mais feias que o autor da Postagem 4, pois é o fato de ter uma pessoa em uma situação pior do que a do emissor é como se fosse garantia de proteção e manutenção da face. Afinal, não é sempre que acontece isso, mas quando acontece basta olhar para o Facebook daqueles que são as “inimigas”, pois já tem suas capacidades simbólicas derrotadas (TAUSSIG, 1993) e reconhecidas como tais, alimentando o *habitus* e dando manutenção a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) pertencentes nas relações.

c) Interação

A interação na Postagem 4 apresenta 442 comentários, sendo as Figura 66, Figura 67 e Figura 68 representantes dos principais comentários, organizados e elencados pelo próprio Facebook.



Figura 66: Comentário retirado da Postagem 4.



Figura 67: Comentário retirado da Postagem 4.



Figura 68: Comentário retirado da Postagem 4.

Os principais comentários são aqueles que receberam mais curtidas. Percebemos, a partir da Figura 66, Figura 67 e Figura 68 como elas representam bem o todo, uma vez que apresentam nos três comentários os elementos mais encontrados nas interações em geral, a saber: o uso da marcação (identificado 212 vezes, configurando o equivalente a 48% do total, a utilização de *emoticons* (116, isto é, 26%) para negociar o microcontexto (RECUERO,

2012) com os outros usuários, deixando claro o tom de deboche no qual ocorrem grande parte das conversações. Outro tipo de comentário bastante encontrado na Postagem 4 foi a identificação de usuários com o personagem Félix Bicha Má (71, representando 16%), ou seja, com o Félix da página e não mais com o Félix transmitido na novela da televisão. O riso em suas mais diversas apropriações, é visível em 62% dos comentários (318) da Postagem 4, demonstrando a relevância desse tipo de recurso para delimitar e direcionar a CMC.

O comentário mais curtido (Figura 66), com 48 *likes*, mostra a categorização do inimigo como proveniente de todo mal (MINAYO, 1990) claramente direcionada à pessoa que atualmente é namorada de seu relacionamento anterior, ou, como o próprio comentário explicita: “A atual do meu EX”. Percebe-se a intenção de deixar em relevo a palavra EX. Foram 48 pessoas que também se enquadraram no comentário da Figura 66, porém se envolveram com o menor esforço de legitimação, através da curtida (RECUERO, 2014). Entretanto, foi o envolvimento – mesmo que indireto – deles que tornou o comentário da Figura 66 um dos principais, deixando-o visível e permanentemente acessível e passível de ser encontrado por qualquer um que tenha acesso à ferramenta (BOYD, 2007; 2010). Lembrando que isso só é possível a partir das características dos públicos em rede e dos recursos oferecidos pelo Facebook.

O que fica “não-dito”(DUCROT, 1987), então, é que a namorada do ex do sujeito que comenta é um “alvo” frequente de comparação que – neste caso – está fundamentalmente ancorada em cima dos padrões de beleza. Novamente o *habitus* (BOURDIEU, 1930) se mostra crucial na subordinação (ODÁLIA, 1985) dos indivíduos aos estereótipos de beleza perpetuados pela sociedade nas trocas sociais que agora tem seu efeito potencializado e deixado à mostra em sites de redes sociais como o Facebook. Já o segundo comentário mais curtido, com 14 *likes* foi o que manifestou a grande simpatia que o público demonstra ter com o personagem (Figura 67). Vale lembrar que esta novela já parou de ser exibida e o personagem ainda permanece – pois foi eternizado pelos usuários no Facebook e outros sites de redes sociais. Finalmente, o terceiro comentário mais curtido teve seis *likes* e representa o uso intenso dos *emoticons* como elemento contextual e diferentes tipos de risos apropriados e publicados no espaço de comentários. A Figura 68, por sua vez, também exemplifica o sentimento de prazer que os usuários manifestaram de ver o Facebook dos outros que tentam dominar e que estão em posição menos confortável que a sua e, portanto, sem o poder de desarmá-lo (ELIAS, 2000) e ao mesmo tempo subordinado (ODÁLIA, 1985) a ele.



Figura 69: Comentário retirado da Postagem 4.

A Figura 69 exemplifica uma conversação em que os usuários já possuem um histórico de relações, o que é considerado o macrocontexto (RECUERO, 2012). Nele, observa-se que os dois atores não mencionaram nomes, embora soubessem de quem se tratasse somente pelo emprego do “*jeans*”. Automaticamente, o pressuposto do comentário foi decodificado e tomado como um subentendido, o que levou à associação do jeans com o “alvo” da conversa. A Figura 69 também é fruto de uma conversação assíncrona (REID, 1991) que foi apropriada de forma síncrona (BARON, 2002) pelos usuários. A Postagem 4 foi publicada no dia 22 de julho e somente dois dias depois a conversação entre os atores da Figura 69 foi instaurada. No mesmo exemplo ainda é possível identificar a cooperação entre as faces (GOFFMAN, 2012; BROWN e LEVINSON, 1987) no momento da conversação. É a legitimação de que Recuero (2012) fala ser necessário na conversação, não sendo suficiente apenas a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) para que o indivíduo seja reconhecido efetivamente como portador de determinado papel (GOFFMAN, 2013). Cabe dizer ainda que a beleza que parecia ser o qualificativo principal da vantagem e dominação (BOURDIEU, 1930) de um sujeito sobre o outro é apropriada e a ela se acrescenta mais um atributo de inferioridade, o jeito de se vestir.



Figura 70: Comentário retirado da Postagem 4.

A Figura 70 parece demonstrar o sentimento de conforto (ELIAS, 2000) do sujeito ao ver outro em situação pior que a sua. Esta interação delinea o lado dos amigos e “dazinimigas”, escrita falada, ou melhor, (re)oralização da escrita, como Hilgert (2006) discute. Claramente podemos perceber a fronteira dos estabelecidos e dos *outsiders* (ELIAS, 2000), junto ao sentimento de tranquilidade por ver que, apesar de estar “na merda” – a expressão é utilizada para caracterizar algo negativo, algo do tipo “estar na pior”, “estar mal”, como diz a Figura 70, o usuário ameniza sua situação ao comparar-se com suas inimigas e ver que elas se encontram em posição abaixo da sua. Isso, por sua vez, é o que também garante que ocorra a dominação simbólica (BOURDIEU, 1930). O estabelecimento das faces

(GOFFMAN, 2012) é identificado no comportamento social dos indivíduos integrantes da conversação da Postagem 4, como veremos a seguir.

d) Comportamento Social

O comportamento social dos usuários demonstra uma relação estreita com a satisfação do ego, como a Figura 71 mostra. Enquanto alguns confessaram fazer isso para melhorar a autoestima, há os que não haviam pensado nisso, mas da mesma maneira legitimaram e manifestaram uma possível continuação do sentido proposto na Postagem 4, o que, por sua vez, é mais uma via por onde a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) circula (Figura 72).

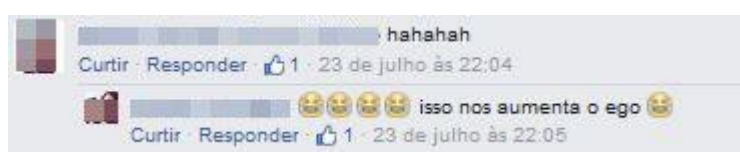


Figura 71: Comentário retirado da Postagem 4.



Figura 72: Comentário retirado da Postagem 4.

Outra maneira de entender o comportamento social na disseminação da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e no gerenciamento das faces se dá através da observação dos compartilhamentos. Lembrando que os compartilhamentos só podem ser realizados porque a CMC tem os recursos multimodais e é formado por um público em rede (BOYD, 2007; 2010) que pode acessar a mensagem a qualquer momento e retomar a conversação. Outra possibilidade multimodal (HERRING, 2012; 2013) é que o botão de compartilhar (RECUERO, 2014) permite que o discurso inicial da Postagem 4 seja apropriado pelos usuários e ajustado de acordo com as expectativas de representação desejadas (GOFFMAN, 2013), uma vez que são transferidos e fixados – também devido às características multimodais da CMDA (HERRING, 2004; 2012; 2013) – no mural. Como vimos, é o mural a principal fachada (GOFFMAN, 2013) do sujeito no Facebook e as postagens das páginas são utilizadas como estratégia de construção online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007), servindo para legitimar (Figura 73) ou desconstruir (Figura 74) o conteúdo replicado a partir de seu próprio discurso.



Figura 73: Compartilhamento retirado da Postagem 4.



Figura 74: Compartilhamento retirado da Postagem 4.

Cabe indicar, ainda, que a Figura 73 é legitimada pelo usuário que compartilha a Postagem 4, mas também é potencializado e adquire novos contornos a partir dos comentários derivados do compartilhamento. São os comentários que demonstram total engajamento na conversação (RECUERO, 2014) e é no espaço deles que surge mais um tipo de dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) com cooperação entre as faces (BROWN e LEVINSON, 1987). Trata-se da estigmatização do corpo - “principalmente as baleias”-, estabelecendo papéis em que o gordo certamente encontra-se em posição inferior (ELIAS, 2000), fixando o mal em determinado tipo de pessoa (MINAYO, 1990). A questão de subordinado e subordinador trabalhada por Odália (1985) fica bem exemplificada no terceiro turno da conversação. Nele, o sujeito diz que encontrou as “semelhantes”, remetendo à relação desigual no qual os indivíduos são tidos como semelhantes, mas não como iguais.

O contrário ocorre na Figura 74, onde o indivíduo compartilha a Postagem 4 na tentativa de ajustar sua face como alguém que não se sente feio e que, por isso, não necessita visitar o Facebook de ninguém. A “indireta” que ameaça a face (GOFFMAN, 2012) do emissor, que apontamos no sentido da Postagem 4 parece ser eliminada, deixando ao espetáculo do ator somente o fator positivo (BROWN e LEVINSON, 1987) e valorizador de sua representação.



Figura 75: Compartilhamento retirado da Postagem 4.

Finalmente, temos na Figura 75 um exemplo de reparação da face (GOFFMAN, 2012), onde o compartilhamento do usuário não foi legitimado – ao contrário, foi questionado – pelos seus amigos, o que levou a uma mudança de postura na conversação. Isso porque a autoestima do sujeito foi trazida à tona a partir da interpretação feita pelos outros. Ao compartilhar a Postagem 4, o indivíduo utiliza a marcação da *hashtag* (HONEYCUTT; HERRING, 2009) como elemento determinante no contexto. O ato de visitar o perfil das inimigas no Facebook quando se sente feio não é somente o que o sujeito da Figura 75 faz, é “#bem” isso que ele faz. Isso pode ser visto como um ritual marcador, não de presença (RECUERO, 2012), mas da intensidade da legitimação que o usuário deseja compartilhar. O último comentário da Figura 75 mostra, literalmente, a reparação da ameaça recebida à sua face (GOFFMAN, 2012), isto é, ao falar “só zoeira mesmo”, o ator desconstrói tudo o que inicialmente foi dito tanto pela Postagem 4 quanto por ele mesmo em seu compartilhamento. A esperada cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) e legitimação da face do indivíduo que compartilha a Postagem 4 não acontece, o que aparenta ter levado o usuário a redirecionar a representação, de modo a não acarretar nenhum tipo de constrangimento ou descrédito à sua imagem.

6.6 PÁGINA “FÉLIX BICHA MÁ”: POSTAGEM 3 E POSTAGEM 4

A Postagem 3 e Postagem 4 foram retiradas da página “Félix Bicha Má”, do Facebook. Na verdade, a própria página já caracteriza uma apropriação multimodal, pois atua a partir de um personagem que foi “retirado” de seu ambiente original, que seria a televisão, e adquiriu novas formas e convenções criadas e mantidas pelos usuários na internet. O personagem Félix, da novela, trouxe à tona elementos polêmicos. São temas que geralmente rendem discussões e garantem ampla repercussão midiática, porém, a ideia era que o vilão despertasse o desprezo dos telespectadores, justamente por se tratar de um ser humano ácido, com caráter duvidoso, alguém que deveria despertar repúdio e não o carinho pelo vilão, não deu tão certo quanto se imaginava. Inicialmente foi o que aconteceu, mas rapidamente o tom sarcástico do personagem foi apropriado e a sua narrativa irônica e preconceituosa disseminada na rede.

A página Félix Bicha Má surge, então, como apropriação de discursos sarcásticos que não tem mais relação com a novela – até porque a história já se encerrou há algum tempo -, mas que são colocados a partir da narrativa do personagem. Vale ressaltar que na descrição da página, o criador já estabelece normas e rituais (RECUERO, 2012) que devem ser seguidos para a boa convivência do agrupamento (Figura 76), ao mesmo tempo em que se protege através das palavras como vimos em Ducrot (1987) e Zandwais (1990), o que isenta a página de qualquer responsabilidade.

INFORMAÇÕES DA PÁGINA

Descrição Longa

Importante:

-> Essa é apenas uma Fan page de humor em homenagem ao personagem "Félix", portanto, não é a página oficial do Ator.

-> As postagens não expressam a opinião dos criadores da página. Todo conteúdo publicado aqui tem apenas o intuito de divertir as pessoas que seguem essa Fan page, não há intenção de ofender nada ou ninguém, é apenas humor e nada mais.

-> O administrador da página não se responsabiliza por comentários ofensivos ou que desrespeitem as regras do site, sendo estes de inteira responsabilidade de seus autores. O administrador da página se reserva no direito de deletar quaisquer comentários e ainda excluir qualquer membro da página sem nenhum aviso prévio.

Obrigado pela atenção. Abraços e aproveitem a página.

Figura 76: Print da descrição da página "Félix Bicha Má".

As duas postagens analisadas são construídas a partir do “não-dito” (DUCROT, 1987) que carrega uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que coloca o emissor como alguém superior. Inferior a ele estão os chamados “inimigos”, aos quais tenta ameaçar e irritar. A “indireta” localiza-se na ameaça à face alheia (GOFFMAN, 2012), ao mesmo tempo em que os mesmos recursos utilizados enquadram-se como elementos valorizadores da face responsável pela interação e/ou replicação do conteúdo. Apesar de não serem explícitas, tanto a Postagem 3 quanto a Postagem 4 usam estratégias discursivas que impõem uma valorização própria, essencialmente narcisista – chamado de face positiva por Brown e Levinson, 1987). Há uma narrativa irônica que parece se esconder atrás do humor para estereotipar determinados papéis sociais (GOFFMAN, 2012), que já são encontrados no ambiente offline e apropriados ao espaço online a fim de dar sustentação à representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007). A “indireta” é um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que se mostra como um mecanismo de manutenção da dominação entre os indivíduos, atuando como reforço de um *habitus* (BOURDIEU, 1930) culturalmente assimilado e naturalizado como legítimo.

Ao impor um papel social (GOFFMAN, 2012) visivelmente superior, o indivíduo direciona seu espetáculo (GOFFMAN, 2013) de modo que as informações dispostas ali possam pressupor alguém em condição superior a outro e, por isso, deixando subentendida (DUCROT, 1987) uma espécie de “validação” da dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) exercida sobre a representação alheia. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) também é encontrada no componente retórico – subentendido (DUCROT, 1987), porém, como dissemos, ela pode se elevar ao posto de “indireta” quando a tentativa de estabelecer o outro como seu *outsider* (ELIAS, 2000) é assimilada, dando consentimento (BOURDIEU, 1930) à instalação do *habitus* e, conseqüentemente caracterizando a violência e assumindo a ameaça à sua própria face. Ao tomar para si a ameaça da face (GOFFMAN, 2012), isto é, ao “vestir a carapuça”, garante-se a valorização da face do emissor enquanto subordinador (ODÁLIA, 1985) de seu “alvo”.

Por isso, na “indireta”, é preciso que o emissor tenha a intenção de atingir, ao mesmo tempo em que o “alvo” se disponha a aceitar a ameaça. Em geral, as duas postagens analisadas demonstram essa tentativa de dominação a partir do humor ácido de Félix, eliminando a responsabilidade (ZANDWAIS, 1990; DUCROT, 1987) pelo o que (não) foi dito e mostrando como a inferiorização de um é combustível para a valorização do outro. A Postagem 3 e a Postagem 4 também utilizaram recursos referentes ao macrocontexto (RECUERO, 2012) em suas interações, além do intenso uso de *emoticons* e simulações de

risos nos rituais (RECUERO, 2012) e negociação das conversações. As marcações que visam cooperação dos amigos foram frequentes (BROWN e LEVINSON, 1987), mas nem sempre a legitimação positiva que se esperava aconteceu, obrigando alguns atores a ajustarem sua representação para não colocar mais ainda em risco a sua própria face, desta vez a partir de constrangimentos derivados da sua própria rede. Por fim, temos nessa página um personagem narcisista e que busca a categorização e estigmatização dos usuários para assegurar a integridade de seu ego. As postagens, ainda, são utilizadas como forma de demonstrar o quanto os sujeitos também são vaidosos e egocêntricos nas redes sociais, embora precisem adequar seus espetáculos a um espaço com características e rituais próprios.

a) Estrutura	Sem uso de legenda; narrativa do personagem em primeira pessoa; composição multimodal; enunciado superior e enunciado inferior enfatizando a imagem; o observador não tem acesso ao conteúdo que o personagem está olhando.
b) Sentido	Apresentação de uma representação superior do personagem para pessoas que são consideradas inferiores; tentativa de valorização da face a partir da minimização dos atributos do outro; fronteiras bem delineadas.
c) Interação	Rituais de presença; conversação síncrona/assíncrona; escrita oralizada; apropriação dos botões do Facebook; grande uso de simulação de risos como contextualizador do cenário sarcástico.
d) Comportamento Social	Busca por cooperação e legitimação da rede; validação da face a partir da ameaça ao outro; gerenciamento da representação online do <i>self</i> ; ajuste de impressões; direcionamento da conversação; estigmatização e estabelecimento de uma face sobre a outra; poucas tentativas de desconstrução das publicações.

6.7 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: ANÁLISE DA POSTAGEM 5



Figura 77: Print da Postagem 5 retirado da página "Dicas Dollynho".

Tabela 8: Sistematização dos dados da Postagem 5.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 5	30/09/2015	“Enviada pelo amiguinho XX”	Enunciado 1: “Pare de achar que tudo é indireta pra vc” Enunciado 2: “Vc é insignificante”	6.356	114	3.513

a) Estrutura

A Postagem 5 se estrutura em torno de uma cena de destroços, na qual a garrafa pet, mascote da marca Dolly Refrigerantes, aparece em no mínimo mais duas vezes na composição da imagem, em diferentes perspectivas. Ao invés de verde, como a garrafa original, a pet é vermelha e parece caminhar em meio a escombros e incêndios com um olhar diabólico, além de ter um pentagrama¹⁵⁰ na “testa”, isto é, uma figura mágica simbólica semelhante a uma estrela de cinco pontas, formada por cinco letras ou sinais ligados por linha contínua, e a que se atribui virtudes mágicas. De alguma forma, associa-se aí a imagem “diabólica” que foi criada pelos próprios usuários a partir dos comerciais do produto, como discutiremos no próximo item – sentido.

¹⁵⁰ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pentagrama> (Acesso em 03/10/2015)

Há dois enunciados, os quais nomeamos de Enunciado 1 e Enunciado 2, localizados na parte superior e inferior da publicação, o que sugere um espaço para associação do texto com a composição geral da postagem. Assim como Ducrot(1987) crê que os enunciados possuem um poder explicativo que lhe são próprios, os dois enunciados são autoexplicativos. Isso quer dizer que ambos se fazem entender independente da ordem em que forem observados, facilitando assim a compreensão imediata do sujeito frente à Postagem 5. O texto em branco também facilita a visualização, contrastando com os tons escuros da imagem.

A abreviação como forma de agilizar a escrita (HERRING, 2001) é encontrada na contração de “para” + “a”, que foi simplificada com “pra” – “indireta pra você”. Essa é uma palavra frequentemente constatada nas conversações orais, o que demonstra a oralização da escrita (HILGERT, 2006) que comentamos. A palavra “você” também foi abreviada para “vc”, mostrando mais uma facilitação da escrita e um termo comumente empregado na CMC. Pensando na estrutura da língua, temos o Enunciado 1 – “Pare de achar que tudo é indireta pra vc” – constituindo um imperativo afirmativo, ou seja, caracterizando a imposição e ordenação conseguidas com a palavra “Pare”. O “pare” está na terceira pessoa do singular – pare você -, podendo indicar o direcionamento a uma pessoa específica, caso o usuário saiba quem é o “você”, caso contrário, o “você” pode assumir uma posição indeterminada, geral e, por isso, abrangente. Ao mesmo tempo em que a ordem “pare” é dada no Enunciado 1, o Enunciado 2 – “vc é insignificante”- já explica o motivo. É o tal poder explicativo que Ducrot (1987) afirma que o pressuposto deve ter. O ato ilocutório (DUCROT, 1987) que o mesmo autor propôs e que utilizamos para explicar o componente linguístico, isto é, os pressupostos, são determinados pela ação de parar algo que já está em andamento, é o ato se realizando na própria fala.

No Enunciado 2, a expressão “é” está no presente do indicativo, justificando a frase anterior. O Enunciado 2 é suficiente para determinar o discurso como uma afirmação, algo que não necessita passar por qualquer tipo de reflexão ou questionamento por parte dos indivíduos. Por fim, a estrutura da Postagem 5 apresenta, no lado direito da tela, alguns dos recursos disponibilizados pelo próprio Facebook, determinando as características e limitações da ferramenta (RECUERO, 2012).

b) Sentido

Como apontamos no item anterior, Dollynho aparece na cor vermelha em meio aos destroços e incêndios com um “ar” diabólico e com um pentagrama na “testa”. A garrafa vermelha é semelhante ao Dollynho “anticristo” já disseminado em outros sites de redes

sociais, como o Youtube¹⁵¹ e o Orkut¹⁵², por exemplo. O pentagrama parece simbolizar esse misticismo em torno do boneco, reforçando a teoria de que ele fingiria ser amigo das crianças para levá-las para a “escuridão”. Essa não é a primeira vez em que personagens infantis têm valores subliminares sugeridos pelos usuários na internet. Em 1995, vários filmes do Walt Disney¹⁵³ (Aladdin, O Rei Leão, A Pequena Sereia, etc.) foram acusados de conter mensagens subliminares de caráter sexual em seus desenhos infantis. Percebemos que há continuidade em utilizar edições em que Dollynho apareça com associação ao macabro, apesar de ser um assunto surgido em 2007/2008. Isso demonstra o macrocontexto (RECUERO, 2012) da Postagem 5, existente porém “não-dito” (DUCROT, 1987) no post.

O macrocontexto (RECUERO, 2012), nesse sentido, pode indicar o conhecimento anterior que Ducrot (1987) supõe que cada pressuposto deve ter em seu enunciado. Um conhecimento comum entre os envolvidos na conversação. Identifica-se a cooperação necessária para a coerência do Enunciado 1. O leitor precisa admitir que existe, de fato, alguém que se sente “alvo” de “indiretas” para que depois se possa entender o Enunciado 2. Pressupõe-se assim, que só pessoas que significam algo são possíveis “alvos” de “indiretas”, logo, desvelando a instauração de subordinado e subordinador (ODÁLIA, 1985), do que é certo e o que é errado, do que significa e do que não significa nada. A superioridade e a manutenção dada à mesma devido à naturalização de um *habitus* que preza seres humanos desiguais (BOURDIEU, 1930), é percebida a partir da instauração de tal desigualdade. Inevitavelmente tratamos de “indiretas” caracterizadas pela violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e ameaças à face (GOFFMAN, 2012) dos sujeitos.

Nesse caso, haveria uma relação entre dominado e dominador (BOURDIEU, 1930; ODÁLIA, 1985), estabelecido e *outsider* (ELIAS, 2000) em mais de uma perspectiva de extração de sentido da Postagem 5. Isso quer dizer que é possível identificar um indivíduo em desvantagem, isto é, ameaça à face (GOFFMAN, 2012) do outro em mais de uma hipótese para essa análise. Se pensarmos que a Postagem 5 é uma “indireta” de um usuário para dizer que não manda “indiretas” devido à insignificância do receptor da mensagem, assumimos que o autor da postagem está em condições mais confortáveis para perpetuar a violência (ELIAS, 2000) contra outro a quem atribui os atributos que não lhe são próprios, delineando bem a fronteira entre os sujeitos. Essa minimização do sujeito, como percebemos a partir do conjunto da Postagem 5, é o que Taussig (1993) discute quando fala da violação dos atributos

¹⁵¹ www.youtube.com (Acesso em 03/10/2015)

¹⁵² O Orkut foi desativado, mas os registros dos conteúdos publicados entre o ano de 2004 e 2014 estão disponíveis em: <https://orkut.google.com/> (Acesso em 03/10/2015)

¹⁵³ https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Walt_Disney_Company (Acesso em 03/10/2015)

qualificativos em relação ao outro sujeito que costumam pôr à prova os recursos simbólicos do outro.

Ao mesmo tempo em que demonstra um sentimento de desprezo, indiferença, a narrativa da Postagem 5 também pode indicar uma forma de se importar com o pensamento alheio, mesmo que se diga que ele não significa nada. Desta forma, se o indivíduo em questão realmente fosse insignificante, qual seria a necessidade de publicar algo direcionado para ele então? Seguindo esse pensamento, novamente encontra-se um *habitus* (BOURDIEU, 1930) de superioridade entre os sujeitos na Postagem 5. Ao mesmo tempo em que o post dá a entender que pode ser uma “indireta” para salientar que o usuário não faz o uso da mesma, a Postagem 5 pode ser entendida também como um ato de assumir que há o uso de “indiretas”, sim, porém, direcionadas a outro tipo de pessoas que não esta que se mostra atingida, pois ela seria insignificante, mas focado em indivíduos que provoquem efetivamente algum tipo de ameaça à face (GOFFMAN, 2012)

Finalmente, a Postagem 5 só pode ser entendida como “indireta” se algum usuário se encaixar no conteúdo disposto na publicação, vestir a “carapuça” e tomar como uma ameaça à sua face e representação (GOFFMAN, 2012; 2013). Se isso não acontecer trata-se de mais uma manifestação da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) através de um discurso subentendido (DUCROT, 1987) apropriado às características da CMC (RECUERO, 2012; BOYD, 2010).

c) Interação

Percebe-se a importância da multimodalidade (HERRING, 2012; 2013) na interação da Postagem 5. Dos três principais comentários organizados pelo Facebook, dois eram fotocomentários (Figura 78 e Figura 80) de apropriações retiradas da própria página, de postagens anteriores e ajustadas a atual. São exemplos das conversações que emergem na rede (RECUERO, 2012) e que não precisam, necessariamente, manter o equilíbrio. Ao contrário, nas interações dessa página, a ordem parece ser causar tumulto!



Figura 78: Comentário retirado da Postagem 5.



Figura 79: Comentário retirado da Postagem 5.



Figura 80: Comentário retirado da Postagem 5.

A Figura 78 é legitimada por 279 usuários, enquanto a Figura 79 teve 95 curtidas, seguida de 60 que curtiram a Figura 80. São pessoas que participaram, mesmo que indiretamente, da conversação e deram força para que este conteúdo ficasse mais visível que outros. A legitimação do discurso da Figura 79 ainda é mais evidente e agressiva. Neste caso, o usuário fez questão de especificar que o sujeito não apenas é insignificante para ele, mas como para seis bilhões de pessoas no mundo – a palavra “Mundo”, escrita com a primeira letra maiúscula sugere um reconhecimento de um nome próprio, como utilizamos a palavra Deus, nomeamos cidades pela inicial maiúscula e até mesmo a Internet, por entender que se trata da nomenclatura de um sistema específico. A Figura 79 ainda atribui novos “qualificativos” ao receptor da “indireta”. Além de ser insignificante, o alvo da mensagem também é visto como um “lixo” que ninguém gosta e “mongolão”. O uso do termo “mongolão” é utilizado frequentemente de maneira pejorativa para se referir a uma pessoa com algum tipo de retardamento mental, fazendo associação equivocadamente com a síndrome de Down¹⁵⁴, ou, no caso de “Dicas Dollynho”, a um sujeito fracassado cujas atitudes são classificadas como idiotas e estúpidas. Não há dúvidas sobre a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e explícita caracterizada nesta interação.

O fotocomentário com o enunciado “espalhe boatos” foi legitimado através de curtidas (RECUERO, 2014) de outros 57 usuários. Abaixo do fotocomentário, observa-se uma marcação sem nenhum tipo de legitimação. Paralelamente às duas interações anteriores, mas ainda no espaço do fotocomentário, um usuário potencializa a ideia de que o povo

¹⁵⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_Down (Acesso em 04/10/2015)

brasileiro acredita em qualquer coisa, dando novamente manutenção a um *habitus* coletivo (BOURDIEU, 1930) que eleva uns a partir da diminuição dos demais. Os dois comentários finais não foram legitimados e também apresentam a característica da conversação assíncrona (REID, 1991), que só pode ser realizada porque está submetida às particularidades da CMC (BOYD, 2007). Além do jogo de imagens nos espaços de comentários da Postagem 5 que caracteriza a multimodalidade (HERRING, 2012;2013) da conversação, há outro elemento que compõe esta propriedade, a saber, o uso do *link*, do ritual (RECUERO, 2012) de marcação de outros usuários e etc.

De 114 comentários, 19 eram apenas risos, 46 simulação de riso junto ao texto (40%), 12 com *emojicons*, 22 com fotocomentários (19%) e 51 com marcação de outro(s) usuário(s), o que representa 44% do total de interações pelos comentários. Os usuários que só comentaram com uma risada, por exemplo, poderiam estar utilizando algum tipo de ritual (RECUERO, 2012) que demarcasse sua presença, porém não a sua opinião. Desta forma, o espaço de maior envolvimento que seria o dos comentários (RECUERO, 2014), é apropriado apenas para explicitar uma simulação de riso, demonstrando o quão relevante parece ser para esses usuários, legitimarem a Postagem 5 sem expor sua opinião. A busca por legitimação é observada no comentário da Figura 81, porém, mais relacionado à manutenção da face (GOFFMAN, 2012) e integração de novos indivíduos na conversação, isto é, trata-se da inserção de pessoas que não participavam da interação da Postagem 5, mas tiveram seus nomes marcados e tornaram-se novos usuários na mesma conversação. É isso que Recuero (2012) explica quando diz que não basta haver uma organização por parte da ferramenta se não existirem sujeitos atuantes no processo comunicacional. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) da “indireta” passa por um teste para mostrar se os dois usuários envolvidos na interação estão decifrando o mesmo código, através do pressuposto (DUCROT, 1987) em comum, mas com base em um subentendido – que por sua vez depende do contexto – que também precisa estar em comum acordo para que faça algum sentido.

Assim, na Figura 81, o usuário testa a interpretação do contexto do outro, utilizando o recurso de marcação do Facebook para direcionar o sujeito para o mesmo microcontexto (RECUERO, 2012) que o seu. Nesse caso, as duas partes entenderam-se sem precisar explicitar nada, a grande “jogada” da “indireta”. Há uma maneira pública de manifestar um pensamento sem coloca-lo à prova, portanto, não o deixando passível de ser contradito, uma vez que nada foi dito (ZANDWAIS, 1990). São essas pressuposições que norteiam as direções da conversação.

legitimações (RECUERO, 2014) de intensidades diferentes. Entretanto, os três contribuem para a disseminação e permanência de determinados valores no site. Até o momento da coleta¹⁵⁵, a Postagem 5 havia recebido 6.356 curtidas, 3.513 compartilhamentos e 114 comentários. Nota-se que o maior envolvimento com a publicação é a partir da legitimação pelas curtidas. É uma maneira de o usuário se fazer presente na conversação apesar de não se manifestar (RECUERO, 2014) explicitamente. Isso quer dizer que, a menos que se observe os mais de seis mil usuários que curtiram a Postagem 5, não haverá uma relação claramente visível entre a publicação e os usuários que a curtiram, o que pode soar como uma “proteção” à face.

d) Comportamento Social

O nível de envolvimento dos atores com a Postagem 5 também pode ser identificado quando quase a metade dos usuários – o que não significa, necessariamente, que sejam os mesmos que curtiram – escolhe fixar o conteúdo da Postagem 5 em seu mural. É aí que a contribuição do compartilhamento que Recuero(2014) discute é manifestada e potencializada a partir da replicação e amplificação do acesso ao conteúdo. Os usuários que compartilharam a Postagem 5, além de cooperar para a repercussão do post e seus valores no interior da página “Dicas Dollynho”, tiveram uma participação essencial no que diz respeito à disseminação das informações reproduzidas pela publicação. Por resultar sempre de uma apropriação, os compartilhamentos podem ajudar na legitimação do sentido proposto pela página ou desconstruí-la a partir da construção de um novo discurso sob outro ponto de vista. Esta também é uma das características dos sites de redes sociais (RECUERO, 2012) que, por fornecerem o próprio meio para que as conversações aconteçam (JONES, 1995), acabam servindo como suporte para que determinados valores se perpetuem na rede.

Uma das principais características do comportamento social na Postagem 5 é o ritual (RECUERO, 2012) de marcação do usuário que contribuiu com a “dica”. Há uma constante busca por legitimação e isso não é apenas na Postagem 5, mas sim um ritual de presença diário que acompanha todas as postagens. Isso, por sua vez, também pode ser visto como um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e valorização da própria face (GOFFMAN, 2012) de acordo com as normas do grupo. Os posts da página são agressivos e normalmente pressupõem um indivíduo em posição mais favorável do que o outro (ELIAS, 2000) e, por isso, com “direito” de exercer algum tipo de dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) sobre seu “alvo”. O fato é que a marcação pode surgir como um recurso valorizador da violência

¹⁵⁵ A coleta foi realizada em 03/10/2015

simbólica (BOURDIEU, 1930), uma vez que é capaz de incentivar os usuários a elaborarem novos posts com valores agressivos e replicadores do *habitus* (BOURDIEU, 1930) da dominação entre sujeitos. Na Figura 83, por exemplo, há um “alvo” determinado e quase explícito, a saber, as pessoas que excluíram o usuário do Facebook.



Figura 83: Compartilhamento retirado da Postagem 5.

Assim, não será difícil que uma pessoa que por ventura tenha excluído este usuário de sua rede de contatos interprete a Postagem 5 como uma “indireta” para si, pois ela se enquadra em todas as informações dispostas na mensagem. Entretanto, já disse Zandwais (1990), somente o que é dito pode ser contradito fazendo com que a Figura 83 servisse como uma espécie de proteção à face do ator da publicação. Por mais recursos e amparos contextuais que se possa ter, o usuário jamais poderá ser responsabilizado por ter mandado a “indireta” para determinada pessoa, justamente por não dizer o nome dela na publicação. Desta forma, dependeria exclusivamente da maneira como a pessoa “vestirá” ou não a carapuça. São os atos ilocutórios que passam ao nível perlocutório (DUCROT, 1987) fazendo o contexto fundamental para a compreensão geral do que foi dito.

Trata-se de uma ameaça à face (GOFFMAN, 2012) alheia, sem nenhum cuidado, inclusive, com a própria face que também é exposta e fica permanentemente – devido às características da CMC e públicos em rede (BOYD, 2007; 2010) – sujeita a julgamentos vindos de indivíduos que podem nada ter de relação com o assunto e/ou a pessoa em questão. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) fica fixada no mural, rebatendo qualquer ameaça que possa haver para a face (GOFFMAN, 2012) em um espaço elástico que amplia e atualiza contextos (RECUERO, 2012), podendo estabelecer novos “alvos” permanentemente. Desta forma, o discurso subentendido (DUCROT, 1987) carrega uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que minimiza os qualificativos do outro (TAUSSIG, 1993) ao mesmo tempo em que estabelece a “indireta” que potencializará tal agressão, mesmo que veladamente, na medida em que surgirem indivíduos que se identifiquem com o que foi dito.



Figura 84: Compartilhamento retirado da Postagem 5.

Os elementos referentes ao narcisismo que Brown e Levinson (1987) apontam como sendo valorizações das representações – face positiva - que os indivíduos constroem de si mesmos e tentam impor aos outros (GOFFMAN, 2013) em uma conversação, assim como a ameaça à face do receptor podem ser identificadas na Figura 84. A justificativa do usuário que compartilha a Postagem 5 é que, além de ter coisas mais importantes para fazer, ele não pode ser considerado um “fofoqueiro”. Aqui, vemos a clássica categorização do mal em determinado tipo de pessoa (MINAYO, 1990), apontando que a “indireta” deve ser esperada de alguém que gosta de falar da vida dos outros, especular e discutir o outro mesmo sem tem as informações devidas para isso.

A fronteira (ELIAS, 2000) foi estabelecida, e os *outsiders* também. Do lado dos fofoqueiros (*outsiders*) estão os que mandam “indiretas”, enquanto do lado do usuário da Figura 84, consta apenas a presença daqueles que são ocupados o suficiente para não ter tempo de cuidar da vida dos outros. Assim, há uma espécie de ajuste da Postagem 5 à representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007). Parece que o indivíduo pretende deixar fixado o conteúdo da Postagem 5 em seu mural, caracterizando mais uma forma de perpetuar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930), isto é, no entrelaçamento das relações sociais através da conversação pelo Facebook, por mais que não seja intencional e consciente. Além disso, na Figura 84 há um processo de (re)oralização da escrita (HILGERT, 2006) semelhante ao que vimos no referencial teórico deste trabalho. Ao escrever “Xxxx cuse me”, o usuário faz referência a pronúncia da expressão em inglês “*Excuse me*” – “com licença” – apropriando e ajustando seu discurso à associação oralizada.



Figura 85: Comentário retirado da Postagem 5

A Figura 86 também deixa rastros de quem é o “alvo” da “indireta”. Nesse caso, o direcionamento da Postagem 5 parece ser para um sujeito do gênero feminino. Isso se sustenta principalmente pelo uso do qualificativo “querida” e pela conversação instaurada a partir do compartilhamento, desta vez revelando um microcontexto (RECUERO, 2012) da interação, mas fazendo referência a um contexto mais amplo – macrocontexto -, onde os dois indivíduos envolvidos na conversação parecem ser um casal offline – pressupõe-se. O “alvo” da “indireta”, portanto, parece ser de conhecimento dos dois. Ainda sobre a interação da Figura 86, notamos que o discurso publicado junto ao compartilhamento possui um indicativo de entonação (RECUERO, 2012) e intensidade quando o usuário escreve tudo em letras maiúsculas seguido de uma risada longa de “HAHAHAHAH”. Todas as pontuações são feitas de forma exclamativa, destacando a ironia e a força de tal discurso.

6.8 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: ANÁLISE DA POSTAGEM 6



Figura 87: Print da Postagem 6 retirado da página "Dicas Dollynho".

Tabela 9: Sistematização dos dados da Postagem 6.

Nome	Data	Descrição	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Postagem 6	25/09/2015	“Enviada pelo amiguinho XX”	Enunciado 1: “Seje um <i>skinhead</i> da cor do pecado”	7.923	580	2.042

a) Estrutura

A Postagem 6 tem os mesmos recursos do Facebook que as outras cinco publicações analisadas. Do lado direito há a foto do perfil da página, a data da postagem e o modo de compartilhamento, nesse caso configurado para público, dando acesso a qualquer pessoa que tenha acesso à ferramenta. Ali também tem o espaço da legenda/descrição do post, o número de curtidas, de compartilhamentos e comentários, sendo os últimos dispostos pela própria sistematização do Facebook de acordo com a relevância, deixando visíveis os comentários mais legitimados entre as interações. Do lado esquerdo, em tamanho maior, está o meme. Nele, é possível identificar apenas um enunciado, diferenciando-se dos outros posts analisados, onde apesar de qualquer poder explicativo (DUCROT, 1987), a imagem era constituída por dois enunciados localizados na parte inferior e superior da publicação. A Postagem 6, ao contrário, se estrutura a partir de uma frase simples e objetiva, constituída pelo sujeito + verbo + complemento, assegurando a coerência do enunciado. Entretanto, apesar de toda clareza, veremos nos próximos itens que este único enunciado comporta uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) configurada pelo “não-dito” (DUCROT, 1987).

O direcionamento a um “alvo” é observado no verbo “seje” que, mesmo ocultando o sujeito determina que esse “seje” corresponda a um “você”, isto é, “seja você”. É este o “alvo” da “indireta”, ele é imposto (DUCROT, 1987) pelo próprio ato de fala. O “seje” é uma corruptela de “seja”, o imperativo afirmativo do verbo “ser” na terceira pessoa. O emprego de “um”, em “um skinhead”, é um artigo indefinido que reforça a existência de um sujeito “alvo” da ameaça. Não é um discurso abrangente, ele marca claramente um único sujeito no enunciado. Entretanto, devido às características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2010), será a Postagem 6 um discurso direcionado a um único indivíduo, mas que pode representar uma multiplicidade de usuários que “vestem a carapuça” em momentos diferentes e alargados no tempo (RECUERO, 2012), potencializando o número de possíveis “alvos” que irão se enquadrar. “Skinhead” é o predicativo do sujeito, e, finalmente, “da cor do pecado” é um complemento nominal.

A imagem mostra cinco homens algemados. Três aparecem por inteiro, mas o recorte da imagem mostra apenas um pedaço dos braços e do corpo dos outros dois sujeitos da foto. A imagem de Dollynho é colocada sobre o rosto do único indivíduo com características latinas, destacando o contraste que se quer dar entre os skinheads e ele. Todos estão sem camisa e é ele também o único que aparenta não ter tatuagens, enquanto os outros quatro não deixam dúvidas. O enunciado da Postagem 6, por fim, é centralizado na imagem, onde a composição da frase deixou a o verbo “seje” sobre o sujeito que discutimos.

b) Sentido

A imagem da Postagem 6 foi retirada de um acontecimento de abril de 2013, apropriada e reproduzida em forma da “indireta” que trabalhamos. A foto é de uma prisão de sete jovens neonazistas em Niterói, no Rio de Janeiro¹⁵⁶. O grupo tinha tatuagens com suásticas e outras associações aos valores neonazistas e foi visto com tacos de beisebol e facas, agredindo um nordestino e sendo preso logo na sequência. A Postagem 6, então, pode ser vista como a apropriação desse ocorrido pertencente ao macrocontexto (RECUERO, 2012) a uma esfera menor que diz respeito à conversação instaurada no interior da publicação. Tal apropriação só é possível devido ao caráter multimodal (HERRING, 2012; 2013) da rede e das características da CMC (BOYD, 2007; 2010) como a persistência, a buscabilidade e a replicabilidade do conteúdo. Grosso modo, só foi possível apropriar-se da foto para construir uma postagem de Facebook porque a internet tem memória e permite que os dados fiquem armazenados e possam ser acessados em diversos espaços de tempo. Se a notícia não tivesse como ser encontrada, ela não teria como ser replicada e reduziria consideravelmente a capacidade de escalabilidade de que boyd (2007; 2010) fala.

O sentido da Postagem 6 parece estar resumido na associação dos skinheads com os movimentos neonazistas e de extrema direita. A “cor do pecado” indica relação com o indivíduo marcado com a imagem do Dollynho e sugere um julgamento de valor expresso pelas palavras (DUCROT, 1987) que garante a dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) e a manutenção da violência simbólica do *habitus* intolerante que é comum em quase todos os grupos neonazistas¹⁵⁷. A ideia parece ser a de deslegitimar a imagem da Postagem 6, ironizando o fato de uma pessoa com características latinas pertencer a um movimento que prega a dominação da raça pura, ariana. Muito mais do que apenas julgar o pertencimento com base na simples dominação (BOURDIEU, 1930) e derrota das capacidades simbólicas

¹⁵⁶ <http://oglobo.globo.com/rio/neonazistas-sao-presos-apos-agredirem-homem-em-niteroi-8230598#ixzz3qIIX4hOF> (Acesso em 02/11/2015)

¹⁵⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neonazismo> (Acesso em 02/11/2015)

(TAUSSIG, 1993) do outro, a Postagem 6 destaca que o sujeito em questão ainda foi punido como o grupo no qual pensa fazer parte. Por sua vez, isso já evidencia o estabelecimento de um sobre o outro (ELIAS, 2000), tornando o *outsider* o sujeito marcado com a imagem do Dollynho, que pensa integrar um movimento que luta contra indivíduos do seu próprio tipo.

Assim, através da afirmação do contrário (DUCROT, 1987), o efeito de discurso já indica a imposição de subordinados e subordinadores (ODÁLIA, 1985) até pelo seu emprego no imperativo, que determina a sobreposição dos valores do grupo dominante (BOURDIEU, 1930). Se “deixa entender” (RÉCANATI, 1978) que há algum fator que parecem fazer os outros homens algemados mais neonazistas do que aquele com a pele mais escura, mas que está detido pelo mesmo crime – fazendo jus ao que foi denominado de “cor do pecado” - que os demais. Os valores nazistas são resgatados e atualizados, sendo apropriado pelos brasileiros de forma racista, xenofóbica, agressiva e intolerante. Esta parece ser a “indireta” inicialmente, já que a violência simbólica que a caracteriza (BOURDIEU, 1930) e ameaça a face (GOFFMAN, 2012) questiona os atributos simbólicos (TAUSSIG, 1993; MINAYO, 1990), sentindo-se confortável (ELIAS, 2000) para apontar a inferioridade do homem e ridicularizá-lo por ter sido preso junto a um grupo de neonazistas, que erroneamente denomina de skinheads ou de um grupo de skinheads com os ideais neonazistas.

O que aconteceu foi que a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que indicava a generalização do autor da Postagem 6 de que os pressupostos neonazistas se enquadrariam nos propósitos de todos os skinheads foi utilizada pelos demais usuários como elemento para deslegitimar o administrador da página. Ao valorizar a face dos outros quatro homens da imagem, legitimando a superioridade do movimento skinhead e ameaçando a face (GOFFMAN, 2012) do homem marcado com Dollynho, o administrador da página acabou ele mesmo colocando sua face em risco e se tornando o “alvo” principal das ameaças. Na verdade, um espaço para uma espécie de disputa de conhecimentos se abre no momento em que o autor da Postagem 6 tenta estabelecer-se de forma frustrada em cima da representação dos skinheads. O assunto foi lançado, apropriado e amplamente discutido no espaço das interações, pois é pertencente a um macrocontexto (RECUERO, 2012) muito mais complexo e amplo, que foi reduzido e usado contra um “alvo” específico em um microcontexto que é a Postagem 6, mas que não pode ser entendido como a totalidade de um movimento histórico que, inclusive teve suas raízes na Jamaica.

Os skinheads são frutos de mais um movimento contracultural que surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 na Inglaterra da união de jovens ingleses e descendentes jamaicanos que compartilhavam interesses em comum como o reggae e o *ska*, por exemplo. Isso quer

dizer que mesmo que sentido da Postagem 6 tenha sido impor o pressuposto (DUCROT, 1987) de que os skinheads são racistas e de que, portanto, aquele jovem com a marca do Dollynho e com o tom de pele visivelmente destoante dos demais seria “mongolão” e digno de ser “alvo” de chacotas dos membros da página no qual houve o compartilhamento. O status de dominado (BOURDIEU, 1930) e inferior apontado pelos que estão em posições confortáveis (ELIAS, 2000) passa a ser, então, atribuído ao administrador da página que não teve domínio suficiente sobre o assunto e postou um estigma contraditório, truncando a perpetuação do *habitus* e da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que desejava dar manutenção. Veremos que esta falha do administrador em relação ao espetáculo (GOFFMAN, 2013) que visava representar foi apropriada pelos usuários e utilizada como forma de assegurar as suas próprias representações online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) de forma a enaltecer o seu conhecimento específico sobre o assunto no qual é superior, os skinheads.

c) Interação

Dos 580 comentários da Postagem 6, 471 utilizaram o recurso de marcação (81%), 99 apenas simularam algum tipo de risada (17%), 90 dos comentários continham texto e riso (15%), 137 (23%) criticavam especificamente o emprego do “seje” na Postagem 6, 328 negociaram o humor e o contexto (RECUERO, 2012) através dos *emoticons*, o equivalente a 56%. Comentários que utilizavam expressões como “nazipardo”, “skinhead tupiniquim”, “só no Brasil mesmo”, “nazi sul americano” e colocações que diziam respeito ao fato de existir neonazistas no Brasil e como isso é visto como uma afronta ao movimento originalmente puro, sendo o povo brasileiro fundamentalmente miscigenado, configuraram 23% (132) do total das interações. Por fim, 144 comentários (24%) utilizavam o termo “mongolão” como uma forma reducionista do indivíduo.

Apenas 109 usuários falaram em “cor do pecado”, mas mais da metade (299) dos comentários fez questão de debater o assunto sobre as diferenças dos skinheads, representando 51% de todos os comentários. 219 usuários falaram nas cotas – referindo-se a um macrocontexto (RECUERO, 2012) que diz respeito ao sistema de educação no qual há um número de vagas reservados para cotistas -, 104 fizeram da discussão uma arena para debater a política do país (18%), apelando para temas que envolviam desde a presidente Dilma Rousseff até os extremismos, de direita e de esquerda. Ainda identificamos 126 interações (22%) em que o usuário administrador da página e autor da Postagem 6 é questionado e deslegitimado frente aos demais membros. Isso tudo frente à justificativa de que ele não tinha

conhecimento de que o movimento original skinhead não tem problema algum com a questão racial.

Os três principais comentários da Postagem 6 estão na mesma imagem, na Figura 88. Isto, porque essa mesma figura é capaz de ilustrar algumas das inúmeras “mini” conversações, por assim dizer, que surgiram no espaço dos comentários e foram se ramificando para direcionamentos diferentes, para microcontextos (RECUERO, 2012) exclusivos e que só puderam ter início devido aos recursos do Facebook que permite que as interações em suas respectivas intensidades fiquem visíveis na publicação. Neste caso, o macrocontexto (RECUERO, 2012) passa a ser a Postagem 6 e seus desmembramentos em conversações distintas o microcontexto.



Figura 88: Três principais comentários retirados da Postagem 6.

A Figura 88 demonstra a intensa legitimação através de curtidas nos comentários. Percebe-se que apesar de não terem se manifestado explicitamente, 613 pessoas curtiram o comentário atuando de modo que ele ficasse fixado no posto mais alto dos comentários. Deste comentário mais 154 interações emergiram (RECUERO, 2012) e deram início a outros contornos que não necessariamente estão atrelados ao significado proposto pela Postagem 6. Apesar de ser o botão de curtir que exige menos do participante da interação (RECUERO, 2014) é ele que potencializa e auxilia a identificar as conversas mais relevantes daquele espaço.

O primeiro comentário usa da mesma ironia que afirma o oposto para deslegitimar e descaracterizar a Postagem 6 o que, conseqüentemente, ameaça a face (GOFFMAN, 2012) do autor da publicação. É logo nesse primeiro comentário que a confusão do autor da postagem é destacada e a agressão potencializada no uso de “mongolão” para se referir pejorativamente ao administrador da página. O segundo principal comentário possui características multimodais de que Herring (2004; 2012; 2013) fala. Trata-se de uma construção que contempla imagem e texto dentro de um mesmo ambiente, como o espaço de comentários. Esse teve 456 curtidas, destacando o ar de deboche com o qual muitos dos usuários encararam a publicação. No fotocomentário¹⁵⁸ é possível ver uma espécie de captura de tela de uma reportagem cujo título “Brasileiro manda carta de apoio a nazistas e eles respondem “não aceitamos latinos” está acima da data e da categoria “casos de racismo”, onde aparentemente a matéria faz parte. Abaixo, há uma imagem aérea de uma residência que possui uma suástica desenhado no fundo da piscina.

O terceiro e último comentário da Figura 88 direciona a interpretação dos pressupostos (DUCROT, 1987) contidos na Postagem 6 para a questão das cotas raciais¹⁵⁹, assunto em constante debate no macrocontexto (RECUERO, 2012) offline e que diz respeito aos recursos de inclusão social. A ironia pressupõe (DUCROT, 1987) que são tantas cotas que incluem as minorias que não seria de se surpreender se fosse encontrado um sistema de cotas no movimento skinhead. Diante deste comentário, 267 usuários reforçaram a ideia que deixam dúvidas sobre seu contexto de produção. Não há os elementos não verbais da CFF (HILGERT, 2006) que auxiliam diretamente na representação dos papéis sociais (GOFFMAN, 2013).

Desta forma, a partir do enunciado “essas cotas estão em tudo” faltam elementos contextuais que permitem o acesso ao componente retórico (DUCROT, 1987) e não deixa claro se o que foi dito foi em tom de ironia e sarcasmo ou se diz respeito a uma constatação genuína do usuário e qualquer outra interpretação possível de se fazer a partir desse mesmo comentário que sequer possui um ponto final. A Figura 88 mostra que os principais comentários possuem um caráter assíncrono (REID, 1991), mesmo sendo apenas poucos minutos que separam a conversação síncrona da conversação assíncrona. Observa-se também a necessária organização da ferramenta – o Facebook – para sistematização das diversas interações ocorridas no mesmo espaço e em períodos diferentes de tempo.

¹⁵⁸ O fotocomentário pode ser visto em :

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=914300465331236&set=p.914300465331236&type=3&theater>
(Acesso em 02/11/2015)

¹⁵⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cota_racial (Acesso em 02/11/2015)

A Postagem 6 foi “alvo” de uma disputa de saberes, mas também foi legitimada e naturalizada por outros tantos usuários que nem sequer se questionaram sobre o significado daquilo que estavam lendo, mas ajudaram na disseminação e manutenção da dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) com o complemento e novos termos surgidos do deboche inicial que propunha a Postagem 6 (Figura 89 e Figura 90)



Figura 89: Comentário retirado da Postagem 6.



Figura 90: Comentário retirado da Postagem 6.

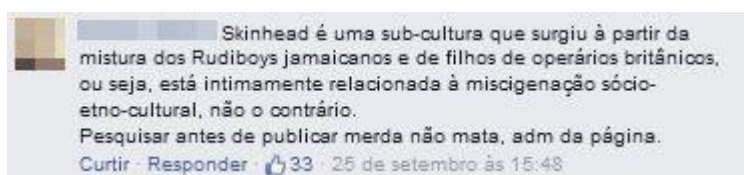


Figura 91: Comentário retirado da Postagem 6.

A questão do conceito de skinhead na Postagem 6 movimentou as interações especialmente relacionadas à crítica ao administrador (Figura 91) da página, ameaçando a face (GOFFMAN, 2012) do mesmo enquanto enaltece a sua própria face positiva (BROWN e LEVINSON, 1987) através de seu conhecimento que diminui e derrota as capacidades simbólicas do outro (TAUSSIG, 1993). Aí temos a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) do “não-dito” (DUCROT, 1987) que configura a “indireta” a partir dessa intensa busca por legitimação do espetáculo (GOFFMAN, 2013).



Figura 92: Comentário retirado da Postagem 6.

O debate utilizou muito da multimodalidade que trabalhamos na CMDA (HERRING, 2004; 2012; 2013), como o compartilhamento de vídeos retirados do Youtube (Figura 92) e que igualmente delimita os estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000) a partir do conhecimento sobre o tema, apenas utilizando a mistura de possibilidades como o texto, link, vídeo, etc. São composições feitas para representar o espetáculo (GOFFMAN, 2013) do usuário na internet e que também deixam pistas do comportamento social adotado pelos mesmos dentro e fora do Facebook.

d) Comportamento Social

É através dos recortes dos comentários e compartilhamentos da Postagem 6 que podemos perceber como o neonazismo é algo natural nos círculos de conversa e de práticas sociais dos usuários. As conversações giram em torno do skinhead que pode ou não ser confundido com neonazista. Porém, ninguém levanta o questionamento sobre o resgate desse comportamento que nem fez parte da cultura brasileira, sendo apropriado pelos sujeitos que buscam crenças para se identificar e que disseminam o *habitus* (BOURDIEU, 1930) historicamente carregado de que o fato de haver uma raça suprema e pura que regula e determina as relações das quais não deixam de serem vítimas. Há uma permissão coletiva que destaca as fronteiras (ELIAS, 2000) entre os estabelecidos e *outsiders* e que parece passar despercebida. É a imposição dos pressupostos (DUCROT, 1987) para que se possa continuar o enunciado.



Figura 93: Comentário retirado da Postagem 6.

Os fotocomentários (Figura 93) são um dos recursos mais utilizados pelos usuários membros da página “Dicas Dollynho”, assim como a marcação de outros usuários na busca por cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) tanto nos comentários quanto nos compartilhamentos, como mostra a Figura 94.



Figura 94: Compartilhamento retirado da Postagem 6.

Vale ressaltar o caráter assíncrono (REID, 1991) da Figura 94, onde o usuário compartilhou a Postagem 6, originalmente publicada no dia 25 de setembro, no dia 7 de outubro, obtendo resposta de um dos contatos marcados no dia 10 do mesmo mês.



Figura 95: Comentário retirado da Postagem 6.

A sequência de ameaças à face do sujeito chamado de “João” (Figura 95) recebe respaldo de outros usuários e a dominação simbólica (BOURDIEU, 1930), isto é, a violência que estabelece quem são os subordinados e quem são os subordinadores (ODÁLIA, 1985) na “indireta” é voltada contra este indivíduo em especial. É ele o *outsider* (ELIAS, 2000). A sutileza do constrangimento à face (GOFFMAN, 2012) através das legitimações pelas curtidas demonstra como há um movimento contra e um movimento a favor de João. A Figura 95 também demonstra como é fácil o desvio de assunto nesses espaços de interação e como o segundo turno da conversação é uma (re)oralização (HILGERT, 2006) da escrita, uma vez que o emprego de “Noffaa” simula uma pronúncia específica da CFF. A intensidade do riso manifestado offline também precisa ser representada na CMC, fazendo com que emergam demarcações capazes de significar o tom que se deseja. Essa apropriação do espaço de

compartilhamento para moldar a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) pode ser ilustrada com a Figura 96.



Figura 96: Compartilhamento retirado da Postagem 6.



Figura 97: Compartilhamento retirado da Postagem 6.

Na Figura 97, grande parte das interações da Postagem 6 apresentou uma desconstrução e minimização da publicação, assim como do autor do post, de forma a explicitar a falta de domínio sobre o assunto em questão. Na verdade, foi porque foi dito de forma equivocada que o comportamento gerado foi o de contradizer (ZANDWAIS, 1990), uma vez que não é sempre que ficam rastros como esses, capazes de serem apropriados como deixas estratégicas e valorizadoras da face positiva (BROWN e LEVINSON, 1987) daquele que se apodera do erro do outro para ressaltar as suas certezas.

Apesar de fazer parte de uma página altamente agressiva, a Postagem 6 foi mais desconstruída do que legitimada pelos membros. A verdadeira ameaça de faces (GOFFMAN, 2012) parece ter sido concentrada nas interações que afloraram conhecimentos individuais, usados para assumir um posto mais confortável (ELIAS, 2000) do que aqueles que são ocupados pelos que não detém o mesmo saber, ou seja, os *outsiders*.

O comportamento social identificado na Postagem 6 revela valores presentes na sociedade (RECUERO, 2012) offline e que passam a ser administrados no ambiente online, com a instauração das normas sociais (GOFFMAN, 2013) que regulam o comportamento e a

representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) de cada indivíduo e da manutenção de seu espetáculo (GOFFMAN, 2013). Entretanto, tais comportamentos não passam de um conjunto de palavras elaboradas estrategicamente para produzir algum tipo de efeito de sentido (DUCROT, 1987) a partir de sua reprodução.

6.9 PÁGINA “DICAS DOLLYNHO”: POSTAGEM 5 E POSTAGEM 6

Um dos rituais (RECUERO, 2012) identificados na página Dicas Dollynho está na marcação de presença através das legendas que, independente do conteúdo conseguinte, necessariamente apresentam o usuário contribuinte da postagem. Assim, a legenda padrão da página é “Enviada pelo amiguinho XXX” que, no caso da Postagem 1, está seguido de uma marcação de outro membro da página.

Dicas Dollynho parece representar um papel de “guru” semelhante ao Dollynho original, o que muda radicalmente é o conteúdo que é o avesso do que é propagado pelos comerciais da marca. Grosso modo, seria uma garrafinha pet revoltada que utiliza discursos agressivos e presentes na sociedade, a fim de dar “dicas” para os que querem “vencer” na vida. Estes, por sua vez, são os “fracassados”. Um dos motivos da escolha dessa página para análise foi a grande notoriedade que ela ganhou desde que a organização Dolly Refrigerantes divulgou comerciais propondo Dollynho como um “amiguinho” para as crianças.

Dolly é uma empresa 100% brasileira em atuação desde 1987, entretanto, a atenção foi voltada para ela mesmo em 2007/2008, quando usuários disseminaram informações negativas sobre o boneco em vários espaços na internet sugerindo que ele era “do mal”, anticristo e, inclusive, foi criada uma comunidade no site de rede social Orkut¹⁶⁰ (Figura 98) com teorias da conspiração e etc. Tudo porque os sujeitos consideravam tão “bizarros” e mal elaboradas as propagandas que só poderia haver, ali, uma mensagem subliminar. Foi o errado que parece ter dado certo, conquistando espaço até na “Memepédia”, isto é, uma espécie de enciclopédia de memes criadas pelo site Youpix¹⁶¹, plataforma focada em discutir a cultura da internet e como o jovem utiliza a internet para organizar os mais diversos movimentos culturais, sociais e informacionais. Foi feito então um Dossiê do Dollynho¹⁶², revelando a

¹⁶⁰ <http://imgur.com/4GTRiZ3> (Acesso em 02/10/2015)

¹⁶¹ <http://youpix.virgula.uol.com.br> (Acesso em 02/10/2015)

¹⁶² <http://youpix.virgula.uol.com.br/memepedia/dossie-dollynho/> (Acesso em 02/10/2015)

ascendência das apropriações e do interesse de usuários pelo personagem. Isso pode ser visto inclusive através de gráfico do Google Trends¹⁶³



Figura 98: Imagem retirada da comunidade do Orkut "O Dollynho é o Anti-Cristo!".

Em 2011 a empresa de refrigerantes publicou outro comercial que parece ter sido o grande responsável pela explosão do Dollynho nas redes sociais. Esta é a página mais explícita das três analisadas. Não há nenhum tipo de cuidado com a face (GOFFMAN, 2012) alheia ou com a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que está contida na “indireta”. Ao contrário, quanto mais visível for a ameaça e a agressão, mais legitimações a postagem tende a receber. Outros dois fatores diferenciam as páginas “Olha Só Kiridinha” e “Félix Bicha Má” da “Dicas Dollynho”. Primeiramente, Postagem 5 e Postagem 6 são autoexplicativas (DUCROT, 1987), isto é, seu sentido não está amarrado ao Enunciado 1 e Enunciado 2, podendo ser entendido independentemente da ordem em que for observado. Além disso, as interações da Postagem 5 e Postagem 6 são extremamente multimodais (HERRING, 2012;2013), principalmente pelo uso dos fotocomentários. A negociação do contexto (RECUERO, 2012) irônico a partir do riso também não é uma característica da página, aparentando não se importar com as interpretações que podem surgir a partir do que foi dito. A agressão inicial não é escondida, embora contenha um “não-dito” (DUCROT, 1987) em suas entrelinhas. Porém, é no espaço do subentendido (DUCROT, 1987) que a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) pode ser potencializada e assumir o posto de “indiretas”, pois depende do “alvo” e de seu enquadramento no conteúdo proposto.

¹⁶³ <http://www.google.com/trends/explore#q=dollynho&geo=BR&cmpt=q> (Acesso em 02/10/2015)

Por fim, identificamos a predominância do “tiopês”¹⁶⁴ na linguagem da página. O “tiopês” é uma maneira alternativa de escrita típica da internet na qual os usuários constroem suas interações embasadas em erros propositais de português, a fim de simular um indivíduo com falta de bom senso e/ou dar um ar cômico à fala do sujeito¹⁶⁵. Desta forma, o “não-dito”(DUCROT, 1987), isto é, a “indireta” da página “Dicas Dollynho” parece se esconder entre as formas explícitas de deboche e agressão à face negativa (BROWN e LEVINSON, 1987) do ator. Entendemos que as duas postagens analisadas carregam uma violência que minimiza os qualificativos do outro (TAUSSIG, 1993) ao mesmo tempo em que estabelecem a possibilidade da “indireta”, da ameaça à face (GOFFMAN, 2012) alheia, que potencializará a violência simbólica (BOURDIEU, 1930), mesmo que veladamente, na medida em que surgirem indivíduos que se identifiquem com o que foi dito. Os posts da página são agressivos e normalmente pressupõem um indivíduo em posição mais favorável do que o outro (ELIAS, 2000) e, por isso, com “direito” de exercer algum tipo de dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) sobre seu “alvo”. O fato é que os rituais (RECUERO, 2012) de marcação entre usuários colaboradores podem surgir como recurso valorizador da violência simbólica (BOURDIEU, 1930), uma vez que é capaz de incentivar os usuários a elaborarem novos posts com valores agressivos e replicadores do *habitus* (BOURDIEU, 1930) da dominação entre sujeitos.

Há um ato ilocutório (DUCROT, 1987) realizado por determinado indivíduo e que ficará gravado no Facebook devido às possibilidades do site de armazenar e disponibilizar (BOYD, 2007; 2010) o conteúdo anterior. O ato ilocutório dará insumos ao perlocutório (DUCROT, 1987), isto é, o ato de fala que ocorre após a absorção dos pressupostos (atos ilocutórios), situando-se no nível do subentendido, mas ainda sem potencializar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) da “indireta”. A “indireta”, por assim dizer, fica na rede à espera de um usuário que “vista a carapuça” e assimile as informações como verdadeiras e direcionadas para si. A “indireta” é um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) parece ser uma ameaça à face constante (GOFFMAN, 2012), que precisa ser apropriada e absorvida em um processo posterior ao ato ilocutório (DUCROT, 1987).

É válido ressaltar que o número de pessoas capazes de se encaixarem na Postagem 5 e Postagem 6 é amplificado pelas características do Facebook e principalmente da CMC (RECUERO, 2012; 2009; 2014) e dos públicos em rede (BOYD, 2010). Assim, qualquer um pode ser um “alvo” em potencial. Por fim, destacamos que assim como a CMC é dinâmica (RECUERO, 2012), apropriada e manifestada de maneiras diferentes constantemente, a

¹⁶⁴ <http://youpix.virgula.uol.com.br/memepedia/a-origem-do-tiopes/> (Acesso em 03/11/2015)

¹⁶⁵ <http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2009/04/09/ult4213u695.jhtm> (Acesso em 03/11/2015)

“indireta” também depende da apropriação dos sujeitos. Tais apropriações, além de delimitadas pela tecnologia, são construídas de acordo com as leis do discurso (DUCROT, 1987) às quais se pressupõe que tenham sido cumpridas antes da manifestação do enunciado. Também depende, por sua vez, dos fatores individuais e contextuais que envolvem cada interpretante. A narrativa da Postagem 5 não se traveste de humor ou ironia, como as análises anteriores, ao contrário, essa postagem é explicitamente violenta e agressiva, além de estar permanentemente pronta para converter um *habitus* (BOURDIEU, 1930) coletivo que determina hierarquias de dominação entre desiguais (ELIAS, 2000) em uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930) particular contra o indivíduo e sua face (GOFFMAN, 2013) através da “indireta”.

a) Estrutura	Enunciados com poderes autoexplicativos; uso do mascote Dollynho nas construções; composição multimodal; destaque do texto pelo uso de fonte branca; abreviação/agilização da escrita.
b) Sentido	Associação ao macabro; macrocontexto; dominação simbólica; manutenção do <i>habitus</i> de subordinação; agressividade e minimização dos atributos do outro; imposição de papéis e estereótipos.
c) Interação	Interação por fotocomentário; uso de marcação; busca de cooperação para assegurar a face; comunicação assíncrona/síncrona; ameaça à representação online do <i>self</i> ; rituais; apropriação de elementos multimodais como estratégia discursiva; microcontexto/macrocontexto; uso de termos pejorativos; legitimação e reforço da face do contribuinte da “indireta”.
d) Comportamento Social	Minimização da face alheia; naturalização de <i>outsiders</i> e estabelecidos; violação dos atributos simbólicos do outro; valorização/validação da face; desprezo e indiferença; criação de novos estereótipos ligados ao “alvo”, ritual de presença a partir de marcação e destaque para a violência simbólica; desconstrução de conteúdos.

6.10 KIRIDINHA, FÉLIX BICHA MÁ E DOLLYNHO

As três páginas analisadas possuem semelhanças e divergências, porém todas caracterizam a “indireta” como uma violência simbólica (BOURDIEU, 1930). Percebe-se que as três são apropriações de um macrocontexto (RECUERO, 2012), isto é, fazem referência a um universo originalmente offline que é utilizado na construção de um conteúdo online. A página “Olha Só Kiridinha”, embasa suas postagens na atriz Audrey Hepburn, além de estender seus discursos nas confecções vendidas na loja, evidenciando a relevância dos valores contidos nas “indiretas” que auxiliam na representação do ator não só na internet, mas também delineando o comportamento social fora dela.

Tudo isso amplifica a circulação do conteúdo que no seu “não-dito” (DUCROT, 1987) carrega a violência simbólica de um *habitus* (BOURDIEU, 1930) culturalmente repassado e naturalizado entre os indivíduos. A página “Félix Bicha Má” é uma apropriação de um personagem de novela, vilão que conquistou identificação a ponto de tomar o dito como sua responsabilidade (DUCROT, 1987) e isentar a face (GOFFMAN, 2012) do replicador da “indireta”. É como se o personagem estivesse falando em nome dos indivíduos, expressando um sentimento comum, mas que não pode ser usado para constranger a representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) do usuário envolvido na conversação. A página “Dicas Dollynho” também é a utilização de um produto do contexto offline na construção e reprodução de novos valores e convenções estabelecidas no interior do universo online. Todos foram retirados de seus respectivos ambientes de origem e transmitidos de outra maneira através das “indiretas” no Facebook, ressaltando a relevância da multimodalidade apontada pela CMDA (HERRING, 2004; 2012; 2013) em todo o processo.

As três páginas são estruturadas na terceira pessoa do singular, o que sugere uma espécie de “isenção” de responsabilidade (DUCROT, 1987) do emissor, já que são os personagens os autores dos enunciados, não podendo o emissor ter seu ato questionado (ZANDWAIS, 1990) pelos demais usuários. Há a existência clara de um “alvo” – ou mais de um -, mas é direcionada a alguém. As apropriações dos elementos multimodais (HERRING, 2012; 2013) para negociação do contexto (Recuero, 2012) e para exercício da própria dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) são perceptíveis, além da constante abreviação (HERRING, 2001) e (re)oralização da escrita (HILGERT, 2006) através de novas práticas

criadas dentro do ambiente de troca nessas postagens e no ajuste do próprio espetáculo (Goffman, 2012) através de tais efeitos de linguagem.

Há rituais (RECUERO, 2012) de presença e o uso da marcação de outros usuários como forma de assegurar sua face (GOFFMAN, 2012) e reforçar o conteúdo da “indireta”. O uso das leis do discurso (DUCROT, 1987) para suavizar ou agravar determinado enunciado foi outro fator comum entre as três páginas e as seis postagens. Enquanto a página “Dicas Dollynho” parece fazer questão de ser agressiva – apesar de utilizar frequentemente a expressão “amiguinho” - e demonstrar seu teor de violência simbólica (BOURDIEU, 1930) e explícita em suas “indiretas”. Há categorização e inferiorização de indivíduos (MINAYO, 1990) em discursos como “mongolão”, “fracassado”, “insignificante” e etc.,

Por outro lado, as páginas “Olha só Kiridinha” e “Félix Bicha Má” buscam manter uma espécie de cordialidade na violência simbólica (BOURDIEU, 1987) de suas “indiretas”. Na verdade, além da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) escamoteada no “não-dito”, as publicações dessas duas páginas têm como padrão recorrer às leis de discursos (DUCROT, 1987) como o cinismo, por exemplo, na tentativa de suavizar o efeito de sentido causado pela ameaça à face (GOFFMAN, 2012).

Isso, por sua vez, nos indica um cuidado dos usuários que pode estar associado a mecanismos de polidez (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), uma vez que se faz mais uso de legitimações nas quais a participação dos sujeitos é mais implícita, não tão clara. É o caso das curtidas. Além dos indivíduos que se envolvem minimamente com a publicação (RECUERO, 2014), o segundo botão mais utilizado nas seis postagens foi o de compartilhamento. Isso pode indicar a apropriação dos sujeitos do conteúdo para moldar e ajustar a sua representação online do *self* (BOYD e ELLISON, 2007) aos papéis que deseja protagonizar em seu espetáculo (GOFFMAN, 2013). Fazendo isso, a violência simbólica da “indireta” permanecerá fixada na fachada (GOFFMAN, 2013), isto é, no perfil de cada emissor, mas estará adaptada e estrategicamente posicionada de acordo com as intenções de cada indivíduo.

Embora as hipóteses suscitem aprofundamentos específicos em estudos futuros, outro rastro identificado em todas as postagens é a recusa da marcação do “alvo”, apesar de haver casos isolados que procuraram diretamente o conflito, como já mostramos. Esse ato também pode estar relacionado ao desejo de eliminar possíveis conflitos (BROWN e LEVINSON, 1987) e ameaças ao seu próprio espetáculo (GOFFMAN, 2013), pois, ao mesmo tempo em que não marcam o “alvo”, os sujeitos não medem esforços para marcar os “amigos”, como tentativa de validação e legitimação de seu posicionamento, contrastando com o desejo de marcar o “alvo” embora haja a recusa do ato. Esse cuidado também foi

observado no grande número de interações que adicionaram uma simulação de riso para deixar expresso o sarcasmo e o deboche. Os *emoticons* também foram recursos amplamente utilizados, junto aos fotocomentários que se fizeram característicos especialmente das postagens da página “Dicas Dollynho”.

Os indivíduos comumente indicavam pequenas pistas do “alvo” em questão, para que o outro encontrasse o rastro do macrocontexto (RECUERO, 2012) ao qual a “indireta” se referiria. É uma espécie de jogo no qual se utiliza o recurso de marcação como parte de um ritual (RECUERO, 2012) que introduz um sujeito no seu microcontexto de forma que ele compreenda o sentido sem precisar explicitar nada. Talvez essa seja uma das grandes forças das “indiretas”, uma vez que há uma maneira pública de manifestar um pensamento sem coloca-lo à prova, portanto, não o deixando passível de ser contradito, já que nada foi dito (ZANDWAIS, 1990).

Encontramos também uma disputa de faces e de saberes, onde os usuários tentavam impor seu conhecimento superior e estabelecer os outros membros da conversação como seus *outsiders* (ELIAS, 2000). Há incentivo à ameaça, como se fosse um meio para “agradar” a plateia (GOFFMAN, 2013) e, quanto maior o teor de acidez e violência simbólica (BOURDIEU, 1930), maior parece ser a repercussão do post e a visibilidade das interações. São rituais (RECUERO, 2012) que normalmente exercem algum tipo de dominação simbólica (BOURDIEU, 1930) sobre seu “alvo” e isso parece ser valorizado pelos membros das três páginas. Seria como uma competição para ver quem utiliza os termos mais ácidos e sarcásticos para ameaçar a face (GOFFMAN, 2012) e a representação do outro.

Por fim, gostaríamos de apontar mais dois fatores que observamos. Apesar de existir um “alvo” específico, o fato das características da CMC (BOYD, 2007; 2010) tornarem o conteúdo permanentemente visível e disseminá-lo em grande escala faz com que aumentem também as chances de conflitos não desejados. Essa é uma das capacidades da “indireta”, ou seja, por mais que se queira direcionar o conteúdo a alguém, o “não-dito” (DUCROT, 1987) está sempre à espera de interpretações de usuários que “vistam a carapuça” e assimilem as informações como sendo para si. Quando ocorre essa espécie de consentimento por parte do “alvo”, instaura-se a ameaça à face (GOFFMAN, 2012) propriamente dita e potencializa-se o teor da violência simbólica (BOURDIEU, 1930) contida na “indireta”.

As características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2007; 2010; RECUERO, 2012) também facilitam o reforço do conteúdo, mesmo quando a ideia é disseminar a mensagem para desconstruir a violência contida nela. Por mais que se tente deslegitimar tudo o que foi dito, o conteúdo ficará visível e a mensagem que inicialmente teria o sentido de

apontar os pontos negativos das publicações passa a servir como suporte (JONES, 1995) para que esse valor continue a se perpetuar na rede.

7 CONCLUSÃO

Nesse trabalho entendemos as “indiretas” no Facebook como um tipo específico de “não-dito” (DUCROT, 1987) que é caracterizado pela violência simbólica (BOURDIEU, 1930). Para isso, trouxemos para o estudo conceitos de dominação simbólica e de *habitus*, sob a perspectiva de Bourdieu (1930), de estabelecidos e *outsiders* de Norbert Elias (2000) e da fronteira desenhada pelos próprios indivíduos designando superioridade em seus papéis sociais (GOFFMAN, 2013). Mostramos que a violência existe desde que o mundo é mundo (DOMENACH, 1981) e indicamos a necessidade de pensa-la em termos mais sutis, menos explícitos. Para isso, apresentamos a relação feita por Odália (1985) sobre a expulsão de Adão e Eva do paraíso como um exemplo de uma violência implícita. Com o autor, vimos a determinação dos subordinados e subordinadores (ODÁLIA, 1985) e demonstramos a característica que os indivíduos têm de impor normas sociais entre si (GOFFMAN, 2012;2013), designando espaços e categorias de minimizam e amesquinham o homem (TAUSSIG, 1993).

Propomos a discussão dessa violência voltada ao contexto online. Para isso, abordamos elementos considerados relevantes para o entendimento da CMC. Apresentamos as diferenças entre a CFF e a CINT (HILGERT, 2006) e buscamos exemplos para mostrar como a CMC é apropriada e cria uma espécie de re-oralização da escrita, apontando intensidade, sentimentos e etc.. Isso, por sua vez, é negociado pelos atores que precisam construir um contexto conversacional através dos recursos disponíveis pelas ferramentas. A partir das características da CMC e dos públicos em rede (BOYD, 2007; 2010) trouxemos questões sobre os rituais, a representação online do self (BOYD e ELLISON, 2007) e particularidades da sociedade em rede (RECUERO, 2012) na qual estamos inseridos. Diante da necessidade de representação (GOFFMAN, 2013), vimos como a construção da face (GOFFMAN, 2012) pode ser um instrumento estratégico para assegurar características específicas ao mesmo tempo em que oculta (GOFFMAN, 2013; DUCROT, 1987) outras que não são de interesse expor em público. Com base nisso, apresentamos os conceitos da Semântica Pragmática de Ducrot (1987), destacando os pressupostos e subentendidos. Mostramos que o pressuposto impõe determinadas normas que irão guiar o discurso e a decifração do componente retórico, isto é, o subentendido. São imposições discursivas que precisam ser admitidas para que haja sentido no que é dito. Nesse mesmo sentido, ressaltamos o poder do “não-dito” de assegurar a face do locutor, uma vez que só o que é dito pode ser

contradito. Utilizamos a concepção ducrotiana, então, para aplicá-la no Facebook e observar como a violência simbólica pode se perpetuar através de construções implícitas, sutis, mas que ameaçam diretamente a representação de cada sujeito.

Durante a análise, vimos que o usuário assume a postagem como sendo direcionada para si e, “vestindo a carapuça”, acaba “autorizando” a dominação e seu estabelecimento como *outsider* (ELIAS, 2000), valorizando os aspectos positivos do emissor e derrotando as capacidades simbólicas (TAUSSIG, 1993) do “alvo”, potencializando a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que configura a “indireta”. Vimos que os recursos do Facebook (RECUERO, 2014) são apropriados de forma a evidenciar recortes estratégicos (BOYD e ELLISON, 2007) de cada usuário em seu mural, isto é, uma espécie de cenário construído para acontecer os espetáculos. Há uma constante busca por cooperação (BROWN e LEVINSON, 1987) e legitimação por parte dos usuários, validando o papel (GOFFMAN, 2013) desejado. É válido ressaltar que as ameaças são dispostas tanto de forma síncrona (REID, 1991; BARON, 2002) quanto assíncrona, exigindo mais elaboração dos sujeitos quando não ocorreu de forma instantânea.

A essência da “indireta”, por sua vez, aparece amarrada ao macro e microcontexto (RECUERO, 2012), fazendo do “alvo” o principal encarregado de decifrar ou não o sentido da “indireta”, sendo o responsável por potencializar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) à qual está se submetendo. Ajustando-se as informações e enquadrando-se no conteúdo o usuário permite que o outro assuma uma posição mais privilegiada (ELIAS, 2000) e, protegido por ela, aponte o dedo para as suas fragilidades. O que percebemos, enfim, foi uma espécie de disputa de faces que acontece a partir de discursos que utilizam recursos “não-ditos” para construir mensagens direcionadas, porém sem poder ser responsabilizado por isso, pois não foi explicitado em nenhum momento quem seria o “alvo” da “indireta”.

Vimos como o emprego de termos capazes de suavizar os discursos nas seis postagens analisadas. Geralmente são expressões como: amiga, kirida, kiridinha, miga, amiguinho. Mas, da mesma forma que suavizaram, encontramos mensagens que fizeram questão intensificar a categorização de *outsider* (ELIAS, 2000) e a ameaça à representação de usuários. Essa “cultura das indiretas” não está presente em um único contexto. Na verdade, são tipos de “não-ditos” que circulam no ambiente offline e online e carregam a violência simbólica fundamentalmente consigo, mas também estão sempre em busca de um sujeito cujo *habitus* (BOURDIEU, 1930) permita a inferiorização e dominação de sua face, a fim de potencializar o dano causado. Esse parece ser o objetivo da “indireta”, caracterizar a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) como um tipo de “não-dito” (DUCROT, 1987) para

conquistar um posto cada vez mais confortável para que consiga ameaçar a face alheia com informações cuidadosamente pensadas para favorecer a sua própria representação.

Encerramos salientando que o domínio dos recursos multimodais (HERRING, 2012; 2013) também pode ser utilizado para elevar a dominação, valorizando inclusive o nível de conhecimento do ator na rede. Quanto maior o domínio dos instrumentos oferecidos pelas ferramentas, maior a valorização da face e o “índice” de superioridade associado ao indivíduo. Os efeitos de sentido são construídos de forma a guiar a impressão dos sujeitos nas interações, deixando alguns elementos fixados permanentemente e associados ao seu espetáculo, ao mesmo tempo em que oculta tantos outros, dissimulando-os através dos pressupostos que, por sua vez, deverão guiar o observador para um universo no qual provavelmente não exista ameaça ao emissor.

Assim, na “cultura das indiretas” é preciso que exista um “alvo” que se sinta atingido pela violência simbólica (BOURDIEU, 1930) do “não-dito” (DUCROT, 1987), elevando o subentendido à categoria de “indireta”, potencializando a violência e a ameaça. Cabe ressaltar ainda que devido às características da CMC, especialmente as tratadas por boyd (2007;2010), a violência simbólica (BOURDIEU, 1930) está permanentemente em busca de alguém que “vista a carapuça”, potencializando o veneno emitido por um sujeito que jamais poderá ser responsabilizado por aquilo, uma vez que não foi explícito. Mas se a carapuça servir...

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. "Quando dizer é fazer: palavras e ação." (1990): 145-180.

BARON, N. Language of the Internet. Chapter 5. In: Ali Farghali, ed. The Stanford Handbook for Language Engineers. Stanford: CSLI Publications, pp. 59-127, 2002.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930.

BOCCHESE, Jocelyne da Cunha. 1993. O Sujeito Polifônico e argumentação no editorial e na publicidade. Dissertação de Mestrado - PUC/RS. Março

BOYD, danah. "Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life." MacArthur Foundation Series on Digital Learning - Youth, Identity, and Digital Media Volume (ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press, pp. 119-142, 2007. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/WhyYouthHeart.pdf> Acesso em 12/07/2015.

BOYD, danah e HEER, Jeffrey. "Profiles as Conversation: Networked Identity Performance on Friendster." Proceedings of the Hawai'i International Conference on System Sciences (HICSS-39), Persistent Conversation Track. Kauai, HI: IEEE Computer Society. January 4 - 7, 2006. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/HICSS2006.pdf> Acesso em 12/07/2015.

BOYD, d., GOLDER, S. e LOTAN, G. "Tweet, Tweet, Retweet: Conversational Aspects of Retweeting on Twitter." HICSS-43. IEEE: Kauai, HI, January 6, 2010.

BOYD, d. m., & ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>, 2007. Acesso em: 10 jul. 2008.

BAUMAN, Z. A sociedade individualizada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

_____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

BROWN, Penelope, and Stephen C. Levinson. Politeness: Some universals in language usage. Vol. 4. Cambridge University Press, 1987.

DE MOOR, A.; EFIMOVA, L. An Argumentation Analysis of Weblogs Conversations. In: Proceedings of the 9th International Working Conference on the Language-Action Perspective on Communication Modelling (LAP 2004), 2004. Disponível em: https://doc.telin.nl/dsweb/Get/Document-41656/lap2004_demoor_efimova.pdf. Acesso em: 23 jun. 2008.

Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1142>

DOMENACH, J. La violencia. In: Unesco. La violencia y sus causas. Paris: Unesco; 1981.

DONATH, J. Identity And Deception In The Virtual Community. In: Kollock Peter. E Marc Smith (organizadores) Communities in Cyberspace. New York: Routledge, 1998. In: Recuero, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina: 2009

DUCROT, Oswald. O dizer eo dito. Cidade: Pontes Editores, 1987.

DUCROT, Oswald. Princípios de semântica lingüística: (dizer e não dizer). Ed. Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald, and Tzvetan Todorov. Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage. Editions du seuil, 1972.

DUCROT, Oswald. "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação." O dizer e o dito (1987): 161-218.

DUCROT, O; CAREL, M. (2001). Argumentation interne et argumentation externe au lexique: des propriétés différentes. In : Langages, 142 (Les discours intérieurs au lexique, sob a direção de A. H. Ibrahim) p. 10-21. Paris: Larousse.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ELLISON, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. In: Journal of computer-mediated communication, vol 4, nº 12, article 1 (2007). Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>> Acesso em: 11 nov. 2015

ERNST-PEREIRA, A. "Retratos digitais: subjetivação e violência no Orkut." ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL 25 (2010): 1-3. Disponível em: <<http://dmlm.fflch.usp.br/sites/dmlm.fflch.usp.br/files/ARACY%20ERNST%20PEREIRA.pdf>>

HILGERT, José Gaston. A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/gastonte xto01.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2015.

GOFFMAN, E. A representação do Eu na Vida Cotidiana: tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Interaction Ritual: Essays on Face- To-Face Behavior. Pantheon Books, New York, 1967. (2012)

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), The Handbook of Discourse Analysis (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf> (Acesso em: maio de 2013)

_____. (In press, 2013). Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured , and emergent. In D. Tannen & A. M. Tester (Eds.), Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media. Washington, DC: Georgetown University Press, 2012. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>>. Acesso em: mai. 2013

_____. Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior. In S. A. Barab, R. Kling, & J. H. Gray (Eds.), Designing for Virtual Communities in the Service of Learning (pp. 338-376), 2004. New York: Cambridge University Press. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf> (Acesso em: maio de 2013)

JOHNSON, T. Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

JONES, S. Understanding community in the information age. In S. Jones (ed.), Cybersociety: Computer-mediated Communication and Community. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/raquelrecuerolivrocasper.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2015.

KOCH, P. e OESTERREICHER, W. 1985. Sprache der Nähe–Sprache der Distanz. Romanistisches Jahrbuch, 36:15-43.

KOCH, P. e OESTERREICHER, W. 1990. Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen, Niemeyer. 266 p.

KOCH, P. e OESTERREICHER, W. 1994. Funktionale Aspekte der Schriftkultur. In: H. GÜNTHER e O. LUDWIG (eds.), Schrift und Schriflichkeit. Berlin/Nova Iorque, Walter de Gruyter, v. 1, p. 588-604.

KO, Kwang-Kyo. Structural Characteristics of Computer-Mediated Language. A Comparative Analysis of InterChange Discourse. Electronic Journal of Communication, Vol. 6, No. 3, 1996. Disponível em: <[http://www.cios.org/EJCPUBLIC\\$\\$964733218640\\$\\$/006/3/006315.HTML](http://www.cios.org/EJCPUBLIC$$964733218640$$/006/3/006315.HTML)> Acesso em: 10 nov. 2015.

LEMOS, A. Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LI, Q. A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to cyberbullying. Educational Research. Vol. 50 (2008)

_____. Cyberbullying in schools: A research of gender differences. School Psychology International. Vol. 27 (2006)

LIMA, G. 2010 Cyberbullying, Cyberstalking E Redes Sociais – Os reflexos da perseguição digital. 2010 Disponível em: <<http://www.truzzi.com.br/blog/2010/04/04/cyberbullying-cyberstalking-redes-sociais/>> Acesso em: 10 nov. 2015

LIMA, N. Fascínio e alienação no ciberespaço: uma contribuição para o campo da educação. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (Dissertação, Mestrado em Educação). Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2211/1/tese.pdf>> Acesso em: mai. 2013.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: ed Ática, 1989

MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação. São Paulo: Ática, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Coord.)Bibliografia Comentada da Produção Científica Brasileira sobre Violência e Saúde.Rio de Janeiro: Panorama Ensp, 1990

MCDONALD, D. Visual Conversation Styles in Web Communities. Proceedings of the Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS-40), Persistent Conversation Track. Kauai, HI: IEEE Computer Society. Jan. 4-7, 2007.

ODÁLIA, N. O que é violência São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PRIMO, A.; TRÄSEL, M. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contracampo (UFF), 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>>

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina:2009

_____. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012

_____. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão, 2009b. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso em: mai. 2013)

RECUERO, Raquel. "Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook." Verso e Reverso 28.68 (2014): 117-127.
<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7323>

RECUERO, Raquel, and Pricilla Soares. "Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"." Galaxia 13 (2013): 239-254. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532013000300019&script=sci_arttext>

RECUERO, R.; ZAGO, G., Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. São Paulo: Líbero, 2009.

REID, E. Electropolis: Communication and Community on Internet Relay Chat.

HONOURS Dissertation, University of Melbourne, 1991. Disponível em: <<http://www.irchelp.org/irchelp/communication-research/academic/academic-reid-e-electropolis-1991.html>>

SILVA, A. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SLONJE, R.; SMITH, P. K. Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, v.49, p.147-154. 2008.

SCHINESTSCCK, L. Favela: Discriminação e Violência no Orkut. 2012 Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=51405>>

SCHINESTSCCK, Letícia. "Meme, Rolezinho e Violência Simbólica No Facebook: Um Olhar Dialógico." 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0536-1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015

SCHINESTSCCK, Letícia. "Olha Só Kiridinha: O Lugar Social de Pêcheux e os Estabelecidos e Outsiders Manifestados no Facebook1." 2014. Disponível em: <http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/leticia_ribeiro_schinestsck_81.pdf>

_____. O estigma do corpo manifestado em memes do Facebook. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0599-1.pdf>>

_____. Apenas Homens 3.0: A Violência Simbólica e a Manipulação Digital do Espetáculo no Facebook." 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2649-1.pdf>>

SOARES, Pricilla. O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação nos memes de humor da fanpage Diva Depressão. 2013. 144 p. Diss. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/FlrNDz>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

TAUSSIG, M. Mimesis and alterity. New York, Routledge, 1993

TOGNETTA, L. R; BOZZA, T. L. Cyberbullying: quando a violência é virtual- Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. 2010.

TURKLE, S. A vida no Ecrã – a identidade na era da Internet. RelógioD'Água Editora Lisboa: 1997. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1783-1.pdf>>

VIEGAS, P. A dominação masculina nos sites de rede social. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0669-1.pdf>

VOLCAN T. Comunicação Mediada por Humor: a legitimação do discurso humorístico pela página Notícias do Senado no Facebook

WILLARD, N. Cyberbullying and Cyberthreats. Effectively managing internet use risks in schools, 2006 Disponível em: <<http://new.csriu.org/cyberbully/docs/cbctpresentation.pdf>> Acesso em: maio de 2013

ZANDWAIS, Ana. "Estratégias de leitura: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal." Porto Alegre: Sagra Luzzatto (1990).